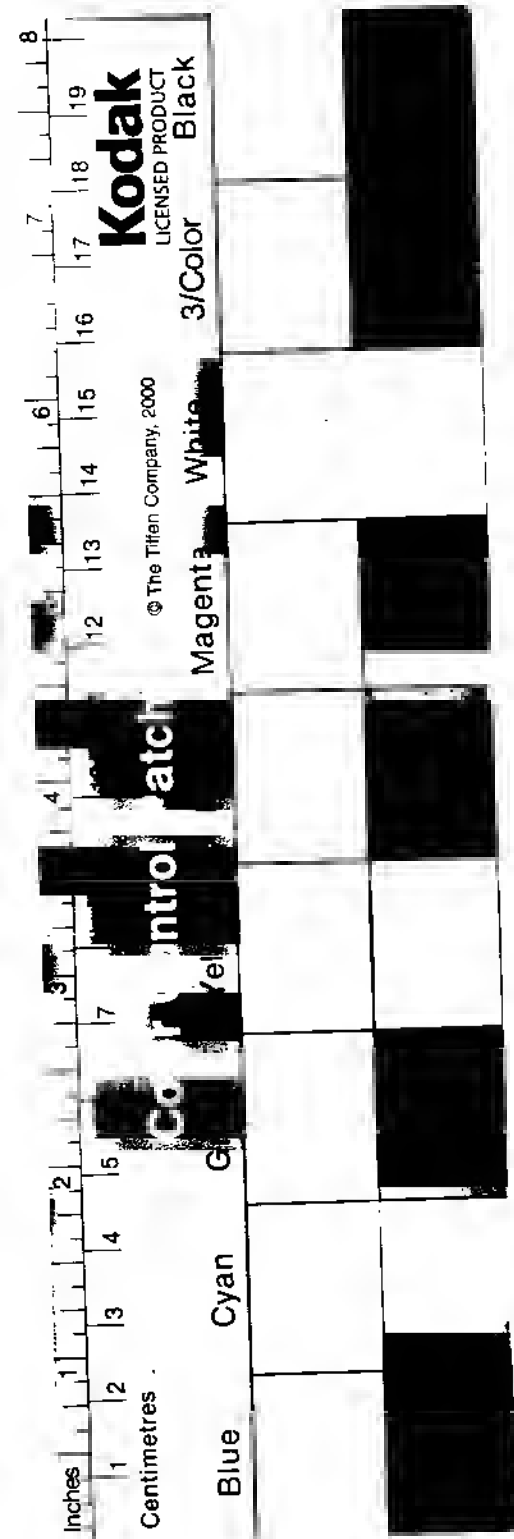


~~BA~~  
~~10~~

899



*X*  
X 0  
JOSÉ MAZZA

# DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES

COM PREFÁCIO E NOTAS DO  
P.<sup>º</sup> JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA



EXTRAÍDO DA REVISTA «OCIDENTE» — 1944/1945

~~BA 1670~~

Dicionário Biográfico  
de Músicos Portugueses

*Composto e impresso na Tipografia  
da Editorial Império, Lda. — Lisboa*



~~BA~~  
~~1670~~

JOSÉ MAZZA

DEP. LEG.

# DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES

COM PREFÁCIO E NOTAS DO  
P.<sup>º</sup> JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA



R. 134948



EXTRAIDO DA REVISTA «OCIDENTE» — 1944/1945

4  
899



NOB - 319421



# DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES

**E**XISTE NA SECÇÃO DE MANUSCRITOS da Biblioteca Pública de Évora um  
códice assinalado com a cota  $\frac{C \times IV}{1-26}$  d, que o terceiro volume do

catálogo respectivo, de Cunha Rivara e Teles de Matos, na página 482, menciona como *Diccionario biographico de Musicos portugueses e noticia das suas composições por José Mazza*.

Encadernado em papelão e regularmente conservado, mede 25 centímetros de comprimento por 18,6 de largo.

No verso da capa lêem-se êstes três nomes sôlto: Diogo Dias Vilhena — Gonsalo Martins e Izidoro Alvares, que diz ter sido natural do Pôrto, o que manda confirmar a fl.<sup>a</sup> 36 do *Diccionario*.

Contém o códice em questão noventa e sete fôlhas (numeradas originariamente de forma alternada de um a quarenta e oito) e mais vinte e uma em branco, marcadas posteriormente (a lápis) com as letras *a* a *v*. Fazendo parte do manuscrito, andam sôlto oito peças de que vou dar conta pormenorizada.

A PRIMEIRA dá notícia de João José Baldi «natural de Lisboa foi seminarista no Real Seminário da Patriarchal nove annos onde aprendeo musica com Antonio Leal Moreira Mestre do dito seminario depois foi para Mestre da Capella da Cidade da Guarda onde esteve 5 annos e presentemente se acha Mestre da Capella da Cidade de Faro o seu forte hé compor e toda a qualidade de Musica.»

E Eleutério Leal Francho? «natural de Peniche foi seminarista no Seminario já dito aonde aprendeu musica com seu tio Antonio Leal Moreira não me lembra os annos que la esteve agora hé substituto do mesmo Seminario tambem o seu forte hé compor e toda a qualidade de musica.»

As restantes três páginas da peça número 1 estão em branco.

A segunda contém os seguintes apontamentos: — «Rousseau no seu Dictionario de Muzica f.<sup>as</sup> 305 diz q' a Muzica he arte de combinar os sons de maneira q' sejam agradaveis ao ouvido, e q' esta arte he huma sciencia m.<sup>to</sup> profunda se quizermos indagar os principios das suas combinaçoens e as razoens dos prazeres q' ela nos cauza, e o mesmo M. de Felice na sua Enciclopedia tomo 29 f.<sup>a</sup> 723».

«Roufê na praxe do ofício Devino tom. 3 fl.<sup>as</sup> 427 diz q' o Himno das vespas de S. João Batista fora composto por hum relegiozo do Monte Casino, xamado Paulo Deacono com tal arte q' nele se exprimem as 7 notas do Canto Gregoriano, *ut re mi fa sol la* a saber nestas palavras *ut resonnare, mira famuli, solve, labis, sancte* este Paulo Deacono foi do seculo nono era natural de Aguilera.»

As páginas segunda e quarta estão em branco e na terceira traz a seguinte nota: — «Cristovão Soares de Figueiroa na sua erudita obra de todas as sciencias e artes esta obra he parte traduzida do Toscano de *Tomas Garzoni*, e parte composta pelo dito Cristovão; e lançado à margem: «Nada serve está bem feito sem falta alguma».

Da mesma peça extraio a seguinte missiva do poeta Luís Correia de França e Amaral para José Mazza.

Snr. José Mazza

«Amigo e Snr. do C. respondendo á sua carta do prezente correo, em primeiro lugar desde já lhe bejo as maons (sic) pela remessa que não pode deixar de ser grandioza, depois de me assegurar em huma carta que talvez terei ainda mais do que poderia esperar.

Em segundo, pelo que respeita á Academia, (*borrão ilegível*) que o titulo que tinha, era Academia das Humanidades de Lisboa.

Em terceiro, quanto á carta p.<sup>a</sup> o Vicente, digo-lhe que fica entregue com a sua recomendação respectivé á brevidade da resposta: e ultimam.<sup>te</sup> pelo que toca á Letra da Conceição, cujo principio me remete, sinto não me caber no tempo a sua concluzão, a qual irá p.<sup>a</sup> o corréo seguinte, e creio que chegará ainda a horas de servir: não quero molestar mais a V. M.<sup>ce</sup> e m.<sup>to</sup> menos falando da minha infelicidade que cada vez mais cresce; continuo sim, esperando pela sua grandioza remessa, p.<sup>a</sup> poder apparecer diante daquellas pessoas a q.<sup>m</sup> até agora me tenho andado escondendo; entre tanto espero me continue os seus honrozos preceitos p.<sup>a</sup> fiel e gostosame.<sup>te</sup> os executar, como

seu mais obed.<sup>te</sup> e obrigd.<sup>o</sup> servo

*Luis Correia de França e Amaral*

Lx.<sup>a</sup> 18 de Novembro de 1794.

A peça n.<sup>o</sup> 3 dá-nos notícia de músicos da Baía. São elles — «o P.<sup>e</sup> M.<sup>e</sup> Fr. Mathias Religiozo Carmelita, Compozitor, e Mestre da Muzica, e fas horganos, e otimo em tocar, com voz de tenor.

Jose de Santa Maria Compozitor, Poeta de versos portuguezes, Mestre em toudos (sic) os instrumentos, e admiravel na vos, pois en toudas as vozes admira. E toudas as modas e composiçoens, todas manão d'elle em q' mais admira he q' com a viola e com a sua vos atrahe a toudos conforme as suas paixõens, aos tristes os fere acompanhando a sua tristeza, aos alegres os poem em mais alegria. Com tanta graça e lindeza que a mesma viola repete os versos q' os tinha recitado com a voz.

Antonio Mathias profeçor e compositor, otimo na voz de contralto.

O P.<sup>e</sup> Mestre Jose Costinha compositor e mestre e cantor em tenor.

Na Vila de Santo Amaro reconcavo da Bahia o P.<sup>e</sup> M.<sup>e</sup> Jose Francisco compositor, e cantor em contralto, Profeçor de Gramatica, poeta de versos latinos e portuguezes.»

E continua no verso desta primeira página da peça n.<sup>o</sup> 3 — «José Manoel Profeçor, e Compozitor.»

«Na Cid.<sup>e</sup> de Sergippe de Elrei Jose da Cruz Profeçor, e Compozitor e canta contralto.

«Na Cid.<sup>e</sup> de Sergippe de Elrei Jose da Cruz Profeçor, e Compozitor Compozitor da Muzica Letrado de banca.

«Na villa de São Fran.<sup>o</sup> o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> M.<sup>e</sup> Fr. Luis de Jesus horga-nista compositor e otimo no contralto Religioso de S.<sup>to</sup> An.<sup>to</sup>»

Na peça n.<sup>o</sup> 4 escreveu José Mazza os vários apontamentos que seguem fielmente transcritos: «Monsieur Desprez de Boissi na sua obra

intitulada Cartas sobre os Espetaculos, no tomo 1, f.<sup>as</sup> 587 diz q' no volume do anno de 1702 paginas 16 Monsieur Geoffroi afirma q' o mal da tarantula se cura com o som dos instrumentos

«da Historia da Academia das Sciencias de Paris o abade de Fontenai Conta em af.<sup>a</sup> da Ebdomada das provinsias de 10 de Julho de 1776 o seguinte cazo, a Princeza de Bellemonti Pignatelli de Napoles, protectora de todos os homens sabios, axava-se doente, e cercada de Medicos, veio vizitala nese mesmo tempo o famoso cavalheiro Raaff q' era Muzico apenas este entrou lhe pedio a Princeza q' lhe quize (sic) cantar uma das arias q' tinha em sima do seu cravo q' estava fexado, Caio por sorte uma do Compozitor Hasse, xamado por sobrenome o sasónio no tempo q' durou a aria dezapareseo a fev. q' a devorava sesando inteiram.<sup>te</sup> toda a faculdade Medica se admirou de tão semelhante mudansa e asentou q' não podia aver remedio mais pronto p.<sup>a</sup> a molestia da Marqueza q' a repetisão do mesmo canto — veja-se S.<sup>to</sup> Agostinho, Conf. L. 10 Cap. 33 vejase o m.<sup>o</sup> S.<sup>to</sup> no L. 6 da Muzica.»

«O Abade du Bos diz q' A Muzica (Aqui entra o Profeta Amós) da Igreja não deve procurar tantas imitaçoens, e tantos brincos e tumultos de paixoens qual deve procurar a Muzica dos Teatros, mas sim boas armonias, gravidade, Magestade, e a devoção p.<sup>a</sup> o Lugar p.<sup>a</sup> onde he feita, e enfim q' não faça lembrar nada do Teatro.»

E continua na outra página o seguinte:

«José Zarlino nas suas instituiçoens armonicas p.<sup>a</sup> 1.<sup>a</sup> Cap. 27 f.<sup>a</sup> 30 diz q' a Muzica refee da Arimetica os numeros, e da Geometria as quantidades mensuraveis, isto he os Corpos sonoros o q' he ferto pois a Muzica enferra em Si Linhas, numeros, e mais Coizas q' refee destas duas sciencias por ijo m.<sup>tes</sup> e graves autores xamarão a Muzica sciencia subalterna.»

«Vejase tambem a resp.<sup>to</sup> das exelencias da Muzica Angelo Maria Bandini nos seus Comentarios da vida e escritos do famozo João Batista Doni q' foi Cardeal do Sacro Colegio.»

Desgarrada do resto e na mesma página esta citação:

«S.<sup>to</sup> Agustinho Epistola 28.»

A página seguinte está em branco e na quarta, ainda da peça que tem o n.<sup>o</sup> 4, lê-se mais o que segue:

«Difionario de Rousseau f.<sup>as</sup> 305 A Muzica fafe uma sciencia m.<sup>te</sup> profunda q.<sup>to</sup> mais entrarmos a indagar os princípios das suas combinaçoens, e os motivos dos prazeres q' nos causa.»

«O Real Profeta diz q' nós Louvamos a Deos em os seus s.<sup>tos</sup> q.<sup>do</sup> em os Divinos Lovores uzamos do canto q' elles compuzerão, e nos aproveitamos da Muzica q' escreverão p.<sup>a</sup> o Serviço de Deos.»

A meio da página: — Genesis cap. 4 e continua:

«A 11 de Novembro no Breviario Romano na reza de S. Martinho Bispo, Consta da 6 Lição do seu ofício q' fora refeito o dito S.<sup>to</sup> no ceo pelos coros dos Anjos com Canticos de Muzica e Louvores e no fim da 7.<sup>a</sup> Lição se le o seguinte ó bemaventurado Varão a cuja entrada no ceo cantou o numero dos S.<sup>tos</sup> e exultou o coro dos anjos ao exerçito de todas as Virtudes Celestiaes Concorreu tocando o qual prodigio foi ouvido por m.<sup>tes</sup> sendo o primeiro que o ouviu S. Severino Bispo de Colonia.»

«Chassaneu de Glorie Mundi p.<sup>te</sup> undefima (remedios da Muzica) fi.<sup>as</sup> 398 diz q' Xenocrates curava os Linfaticos com as armonias do órgão e q' os Pitagoricos não só curavão com a Muzica as perturbaçoens dos animos mas tambem as molestias do corpo infinitas autorid.<sup>es</sup> antigas semelhantes a estas podia eu sitar se o meu empenho fosse falar som.<sup>te</sup> a este

resp.<sup>to</sup> mas sempre apontarei algumas de autores modernos p.<sup>a</sup> q' os criticos se duvidarem das auturidades antiguas posão ver as modernas.»

E é tudo quanto contém a quarta peça.

A primeira página da seguinte abre com esta notícia:

«Franc.<sup>o</sup> Guerreiro seculo de 150 natural da Cidade de Beja na provincia Transtagana foi disípulo de seu Irmão Pedro Guerreiro este na Idade de 18 anos era já tão consumado na arte da Muzica foi eleito Mestre da Capela da Sé de Jaen, e depois foi Mestre da Catedral de Malaga levando a primazia a m.<sup>tos</sup> opositores. Pedro Fernandes q' tambem julgamos ser natural de Beja foi M.<sup>o</sup> da Catedral de Sevilha as suas obras em Muzica forão empresas em Veneza em 1588. Franc.<sup>o</sup> Sanches.»

E continua:

«João Melgaz Ferro (Dr.) Irmão do fcelebre Diogo Dias Melgaz.»

Na mesma página, em posição diferente, motivada por segunda dobra que a fôlha sofreu, lê-se que «O Papa Vitaliano viveo no 7 seculo seis centos cincoenta e sinco foi o q' ordenou o canto ecleziasitico com as conforansias do orgão, vejase Burio no seu Livrinho intitulado breve noticia dos Romanos Pontififes,» e que «o Papa S. Leão Segundo m.<sup>to</sup> sabio nas letras gregas e latinas e na Muzica reduzio a mais perfeita armonia os sagrados Inos e os Salmos viveo no 7 seculo isto he 683 veja-se o mesmo Burio f.<sup>as</sup> sento e seis.»

Ao fundo, só isto:

«S. Atanasio he do seculo 4 e S. Agostinho do 5 e S. Ambrozio hé do 5.

E acabou aqui a primeira página da peça que tem o número 5.

As restantes três páginas contêm a continuação dum assunto começado a tratar na peça seguinte, que dá pelo n.<sup>o</sup> 6.

Ao cimo, estas palavras que servem de legenda:

«Nemo, quin bene sciat, bene respondit» e logo abaixo: «Sendo perguntado por q' reção, a Muzica causava tantos efeytos nos enfermos, q' com ella exprimentavão alivio, já nas suas dôres, já nas suas tristezas, manias e diferentes phenomenos q' padecião os invenenados ou mordidos d'animaes venenosos: Como são os q' exprimentão os estragos e resulta (sic) da mordedura da Tarantula: hé necessario prenotar o seg.<sup>to</sup>.»

Segue um longo arrazoado sôbre o assunto que fica apontado, em boa letra, mas completamente diferente dos dois tipos que formam o «Dicionario» e as peças que estou descrevendo.

Na peça que o bibliotecário chamou n.<sup>o</sup> 7, por conveniência de arrumação e ordem, e que consta dum farrapo de papel foi lançada esta noticia:

«M.<sup>o</sup> de Moraes Poderozo na.<sup>a</sup> da Cid.<sup>e</sup> de Miranda escreveo hum compendio muzico ou arte abreviada em q' se contem as regras mais necessarias da cantoria Acompanhamento e contraponto. Impreso no Porto na officina de An.<sup>to</sup> Alves Rib.<sup>to</sup> Guimaraens Anno de 1769.»

Finalmente surge-nos a última peça, ou seja a n.<sup>o</sup> 8, encimada com êstes dizeres em letra muito legível — *Lembransa dos do Rio de Janr.<sup>o</sup>* — E seguem nomes: «Padre José Mauricio, pardo, f.<sup>o</sup> de Anna M.<sup>a</sup> o Pai se não sabe, natural da mesma Cid.<sup>e</sup> baptizado na Freguezia da Candelaria. — Salvador José com occupação da mesma Arte, pardo, f.<sup>o</sup> de Quiteria, e de João Bautista, baptizado na Freguezia de S. José natural da mesma Cid.<sup>e</sup> — Frei Jeronimo, Carmelita, f.<sup>o</sup> de Joaquim Pedro e de Antonia M.<sup>a</sup> do Sacram.<sup>to</sup>. — Florentino, cazado, vive da sua arte, pardo, não conhece seus pais. — Francisco de Paula, clérigo, com occupação do Siminario de

S. Joaq.<sup>m</sup> f.º de Felipe Gõnz, e de Thereza de Jesus, natural da ilha de S.<sup>ta</sup> Catherina. — Fr. Pedro, organista do Convento de S.<sup>to</sup> An.<sup>to</sup> f.º de M.<sup>a</sup> do Nascim.<sup>to</sup> e do Capp.<sup>am</sup> Pedro Ferr.<sup>a</sup> baptizado na Freguezia da Candelaria. — Joaq.<sup>m</sup> Lopes, clérigo, mestre da Capela da Cathedral, f.º de João Pedro, não conheço a Mãe.»



Abrindo o códice e percorrendo-o página por página não encontramos em parte alguma a menor indicação de que seja José Mazza o seu autor. Acresce, para formular uma dúvida, o facto de se notarem duas letras na feitura das notas biográficas, o que tudo junto dá azo a que à primeira vista se ponha de remissa a afirmação dos autores do Catálogo dos manuscritos existentes na Biblioteca Pública de Évora.

¿Onde iria Cunha Rivara ou Teles de Matos fundar-se para atribuir a José Mazza a paternidade do dito? ¿Seria questão de tradição oral?

Partindo desta dúvida que se me deparou, lancei-me curiosamente a tóda a papelada que constitui o espólio espiritual de Mazza com vontade de tranqüilizar de vez e encontrar a razão do caso.

Passadas umas horas de intensa volúpia de busca, caem-me debaixo dos olhos umas palavras ou antes uma só palavra — *meo*, que me lancetou o tumor da dúvida e me fez concordar com o que na página 482 do terceiro volume do Catálogo de manuscritos da Biblioteca Pública Eborense se afirma.

Num discurso, palestra literária ou coisa que lhe valha, no qual José Mazza se propunha falar — «Dos animais gostando de musica» é que fui encontrar a solução do problema que parecia insolúvel. Dou a palavra a José Mazza:

«Na villa de Palmella no convento dos Freyres havia hũ chamado Henrique Carillos Correia, q̃ foi mestre da Capella de q̃ faço menção no *meo Dicionario dos Compozitores da musica*; este hia m.<sup>tas</sup> vezes p.<sup>a</sup> a serca tocar Violla, p.<sup>a</sup> se divertir, e os Passaros se lhe vinhão por emsima dos hombros, e das mãos, e braço da Violla o q̃ me foi certificado por Freyres de prohib.<sup>e</sup>, q̃ m.<sup>as</sup> vezes foram testemunhas oculares deste facto.»

O sublinhado é meu, a afirmação é de José Mazza, o resto é curioso e mais curiosas ainda as liberdades da ortografia que de certo fizeram pestanejar o leitor desprevenido.

Não havia dúvida; o autor do Códice era realmente José Mazza. Os bibliotecários eborenses, Cunha Rivara e Teles de Matos, tinham razão quando escreviam aquilo que escreveram.

Quanto às duas letras que apparecem no códice e que, como é óbvio, intrigam qualquer, também as procurei explicar e supponho que o conseguí. Foi confrontando tudo o que o Autor escreveu em diversas épocas da vida, que eu verifiquei as letras do códice.

O Dicionário de Mazza foi feito com vagar e em duas épocas da vida; assim se explicam as notas complementares a muitas biografias onde já tem outra caligrafia menos firme e os espaços em branco que deixava ficar, para ir completando aos poucos.

Não só porém, o tempo, mas também outras causas influíram em José Mazza, para ser na verdade como foi, muito inconstante na letra que empregava. E se não visse eu a assinatura do próprio em tantos documentos, não creia com certeza na mão única a trabalhar. Ora a escrita é leve,

elegante, bem lançada, ora é carregada, menos artística, ainda que sempre legível.

Em geral, a das cartas, a do Dicionário, a da tradução do poema de Yriarte e a dos versos, pertencem ao primeiro tipo; os apontamentos, correcções, aditamentos e coisas que lhes valham, ao segundo.

Donde se pode talvez concluir que a letra de José de Mazza dependia na sua perfeição ou imperfeição da pessoa ou fim a que se destinava ou da pressa ou vagar com que escrevia.



### ¿Quem era, porém, José Mazza?

Era italiano ou descendente de italianos.

E é quanto se pode dizer da sua origem.

Teria vindo naturalmente para Portugal, assim como outros muitos músicos italianos contratados por D. João V. Ou teria cá nascido de pai italiano.

Consta do Catálogo dos manuscritos organizado na Biblioteca Pública de Évora pelos bibliófilos Cunha Rivara e Teles de Matos, no segundo volume, que José Mazza foi «alumno da Academia dos conformes Lisboenses, e de outras academias, músico instrumentista da Câmara de Sua Magestade e professor de italiano do Collegio do Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Beja.»

Ele próprio se apelida «Musico instrumentista da Câmara de Sua Magestade.»

Escreveu versos e música também. Publicou umas coisas e outras ficaram inéditas.

José Mazza conheceu na corte Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas que, em 1770, foi eleito Bispo de Beja e, em 1802, Arcebispo de Évora, aos setenta e oito anos. É à roda desta grande figura de sábio e de prelado que se desenrola o cenário mais ou menos variado da vida de José Mazza.

Cenáculo tinha poderosa influência nas esferas governamentais e é sabida a amizade que o ligava ao Marquês de Pombal que, para lhe dar prova provada de quanto o considerava, o fez eleger Bispo e restaurador da Diocese de Beja, permanecendo no entanto durante sete anos na capital do Reino ainda.

Talvez por via desta influência de Frei Manuel do Cenáculo na Corte portuguesa, aquêle rabequista da câmara real se lhe rojasse aos pés para assim com tão poderoso protector, mais eficazmente poder vencer na vida.

O certo é que, morto D. José, arredado de Lisboa o Marquês, D. Frei Manuel fez as malas e pôs-se a caminho de Beja para tomar contacto com as ovelhas que haviam sido confiadas à sua direcção espiritual havia já sete anos.

José Mazza ficou em Lisboa e parece que com incumbência de transmitir epistolarmente ao Bispo de Beja as notícias políticas que corressem na corte de D. Maria I. Fosse ou não de caso pensado, o certo é que algumas cartas têm referências directas a casos da vida da Corte.

Mais tarde, o Bispo de Beja criou uma aula de italiano anexa ao seu colégio, aula que confiou à competência de José Mazza.

Tenho para mim que esta escola de italiano foi mais para contentar e dar serventia ao professor, que não cessava de se lastimar de ter que

estar longe do seu benfeitor, que propriamente por entusiasmo lingüístico da parte fôsse de quem fôsse.

São numerosos os versos em tôdas as formas e com os mais variados metros, a maioria em português, em que José Mazza cantou a sua admiração quasi idolátrica pelo Bispo de Beja.

Dezassete composições em verso e seis cartas são o que resta do que José Mazza escreveu com vista a D. Frei Manuel do Cenáculo. Tudo em português, com excepção de duas composições poéticas e de uma carta, escritas em italiano.

As cartas são datadas, uma de 1772, duas de 1780 e três de 1781.

As expressões adulatórias e exageradas com que sempre se refere ao protector dão uma idéia pouco abonatória de integridade de carácter. Beja, por possuir tal Bispo, tornara-se para José Mazza a «Lusa Atenas», o grande refúgio da intelligência portuguesa, e lastimava-se em todos os tons menores por estar tão longe de tal luzeiro.

José Mazza deu-se ao trabalho de traduzir do espanhol o célebre poema a que já me referi atrás, de D. Tomaz Yriarte intitulado «*La Musica*» e, como não podia deixar de ser, dedicou o seu esforço de tradutor ao Bispo de Beja.

Este trabalho também existe inédito na Biblioteca Pública de Évora.

No manuscrito do poema de D. Tomaz Yriarte foi lançada a lápis uma nota dizendo que José Mazza faleceu em Faro em 1798 ou 1799.

O Dicionário de Inocência (Tômo XIII, pág. 142), talvez fundado nisto optou pela primeira data, mas Ernesto Vieira viu no livro de entradas da Irmandade de Santa Cecília o seguinte certificado: «morreu em 14 de Dezembro de 1797.»



Ernesto Vieira examinou o códice em questão e disse tratar-se de uma «série informe de simples apontamentos sem interesse algum...»

Bastava, a meu ver, que José Mazza dissesse uma só coisa nova para que a sua obra tivesse utilidade prática. Mas não diz só uma, diz várias.

Como amostra apresentarei duas sômente:

Tôda a gente que em algum tempo se tem referido ao compositor Alexandre Delgado Janeiro, o tem apelidado de Mestre da Capela de Vila Viçosa, (cf. in-*História*, 1.º vol., pág. 399 a 404 e Ernesto Vieira no seu *Dicionário*, 2.º vol., pág. 447). Sampaio Ribeiro concluiu duma das cartas escritas por Janeiro e publicadas há anos na Revista *História* (vid. cit. acima) que este autor teria sido tudo menos Mestre de Capela em Vila Viçosa e que se lhe antolhava que teria sido, pelas suas palavras, Mestre de Música no Colégio dos Reis.

Ora José Mazza vem confirmar esta hipótese, e converte-a em realidade, dizendo que Alexandre Delgado Janeiro foi *Reitor* do Seminário de Vila Viçosa.

Nas poucas palavras que Vieira escreveu sobre João Rodrigues Esteves e que vêem na página 397 do seu *Dicionário biográfico*, não há uma única referência à terra onde estudou, nem sequer dá a entender que estudou no estrangeiro; neste como noutros pontos é duma imprecisão flagrante. Pois José Mazza diz-nos que João Rodrigues Esteves *foi mandado pelo Senhor D. João V estudar a Roma*.

Por composições da autoria de João Rodrigues Esteves, existentes

na Sé de Lisboa e datadas da Cidade Eterna, inferiu Mário de Sampaio Ribeiro que aquêlê autor estivera em Roma, o que agora se comprova com a confirmação que do facto nos dá o Instrumentista da Capela Real, José Mazza. (Cf. pág. 25 e seg. da *III Achega para a História da Música em Portugal*).

Estes dois exemplos servem para demonstrar que o presente trabalho que ora se publica trará a todos os que se interessam por êstes estudos alguns dados que ajudarão a fazer a História da Música em Portugal.

Resolvi conservar a ortografia empregada pelo autor do código. Construção de frase, acentuação, terminologia é tudo tal qual José Mazza escreveu.

Visto andarem dispersas notícias várias sôbre compositores portugueses, dispersão essa que dificulta a consulta, procurarei em resumidas notas completar o que está, servindo-me de tudo o que conheço publicado depois de Ernesto Vieira.

Muitas não saberei completá-las e outras, é possível que não sejam bem apresentadas, mas vontade de acertar e desejo de ser útil, sobejam-me.

O *Dicionário Biográfico dos Músicos Portugueses*, da autoria de Ernesto Vieira, bem como *Os Músicos Portugueses*, de Joaquim de Vasconcelos, são hoje obras de difficil aquisição e de laboriosa consulta. Pôr nas mãos dos interessados um livro em que se compendie em poucas palavras a actualização dos dados biográficos de cada compositor ou músico português citado por José Mazza, pareceu-me ser de grande utilidade. Há documentos, datas fresquinhas, notas pessoais que têm sido publicadas em revistas, jornais e mesmo livros de pequena tiragem e que têm por isso mesmo raio de acção muito restrito.

Importa reunir o que interessa e foi isso mesmo que tive em vista. Já sei de antemão que não farei obra perfeita, mas já me darei por bem pago de algumas horas tiradas a outros quefazer, se alguém, escandalizado com a modéstia que apresento, se resolver a lançar-se na tarefa da tal obra perfeita.

!Que a pobreza dos meus recursos possa servir para despertar algum real valor escondido!

Antes de pôr ponto final neste preâmbulo, não quero deixar de declarar que os cúmplices neste delito de arrancar o «Dicionário» de José Mazza ao seu sepulcral silêncio, foram dois grandes Mestres que respeito e admiro — Mário de Sampaio Ribeiro e Manuel Joaquim.

Êste sugeriu-me a idéia da publicação; aquêlê tornou-a realidade. Para êles pois o muito obrigado dos estudiosos que conseguirem encontrar no Dicionário de José Mazza ou nas notas ao mesmo, alguma novidade de interesse.

PADRE JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA



*Afonso Vaz da Costa*, floreceo no seculo de 500 recebeu em Roma os maiores aplausos, foi rogado / fazendo-lhe avultados partidos / para Mestre da cappela de algumas cathedraes, sendo provido na de Badajós, e depois em Ávila, aonde falesseu no principio do seculo de 600 as suas obras muzicas principalmente as sagradas, mandou buscar a Hespanha o sirinissimo senhor Rey D. João 4.<sup>o</sup> e as mandou por na sua Biblioteca Real de Muzica.

*Agostinho de Castro D. F.* natural de Lx.<sup>a</sup> nasceo em 16 de Outubro de 1537. forão seus Pais D. Fernando de Castro Governador da Caza do Civel de Lx.<sup>a</sup>, e D. Maria de Ayala filha do Conde de Monsanto, de Religioso Ermita de S.<sup>to</sup> Agostinho, passou a ser Arcebispo de Braga, foi muito perito na Arte da Muzica, compos hum livro de Missas, e outras obras excellentes, falesseu em 1609 quando contava 72 annos de idade, e 21 de Arcebispo, sagrou a sua Cathedral em 28 de Julho de 1592 e escreveu muitas obras scientificas como fazem menção Fr. Bernardo de Brito, Mon. Lusit. Part. 2. Liv. 5 Cap. 7. D. Mauro Castel. Ferrer. Hist. de S. Tiago Liv. 1.<sup>o</sup> cap. 16 (1).

*Agostinho da Cruz D.* natural de Braga, Conigo regular da Congregação de S. Cruz de Coimbra, cujo habito recebeu em Lx.<sup>a</sup> no real Convento de S. Vicente de Fora a 12 de Setembro de 1609, foi piritissimo na Muzica, e insigne tangedor de rabeca e orgão, foi Mestre de Coro no Convento de S. Vicente, entre as muitas obras que compos, as que mereserão maiores estimações aos Professores, forão as seguintes. Prado Musical para orgão, foi esta obra dedicada ao senhor Rey D. João 4.<sup>o</sup> Duas artes, huma de canto chão por estilo novo, outra de orgão com figuras muito curiosas, compostas no anno 1632 offerecidas ao mesmo sñr. Compôs mais hum Livro intitulado Lira de Arco, ou arte de tanger rabeca offeresido a D. João Mascarenhas conde de S. Cruz.

*Agostinho do Sacramento Fr.* religioso de S. Paulo primeiro Eremita (2).

*Agostinho Velozo Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de António Rodrigues Freire e de Izabel de Barros, recebeu o abito de Ermita de S. Agostinho, no Convento da sua Patria a 14 de Fevereiro de 1681 foi destrissimo Organista e compositor, e também foi excelente na Predica, falesseu no convento de Torres Vedras em 1696 (3).

*Ayres António da Silva* natural da Cidade de Lx.<sup>a</sup> Cavalleiro Professor na Ordem de Christo, filho de D. Manoel Pereira Coutinho, e de D. Tereza da Silvia e Tavora, tocava perfeitamente os instrumentos de rabeca, rabecão de 4, de 7 cordas e viola; estudou filosofia na Congregação do Oratorio de S. Filipe Neri, defendeu conclusões publicas com universal aplauzo, recebeu em Coimbra o grão de Mestre em Artes, foi examinador de Baxareis, alem de escrever nas sciencias compoz em Muzica Missas, Salmos, Ladainhas, e hum Te Deum com diversos instrumentos que se cantou em Lx.<sup>a</sup> na Igreja de S. Roque com a assistencia das Pessoas Reays, faleceo no seculo de 700 (4).

*Alberto José Gomes* (\*).

*Alberto da Silva Burgos* (\*).

*Aleixo Botelho* (\*).

*Alexandre de Aguiar* natural da cidade do Porto, floresceu no século de 500 foi Muzico do cardeal D. Henrique, e de Filipe 2.º era chamado por Antonomasia o orfeu, compos entre outras obras as Lamentações de Jeremias muito proprias á Letra, faleceu em 1605 (\*).

*Alexandre Delgado* Reitor do Seminario de Vila Viçosa (\*).

*Alvaro* cujo apelido se ignora assim como se sabe ter sido Licenciado, e florescer no tempo do Senhor Rey D. Afonso 5 como diz a Bibliotheca Luzitana no tomo 4 folhas 10 floresceu no século de 400 compos o officio e a solfa para se cantar em acção de graças da tomada de Arzila, e Tangere em 1471 cujas praças no referido anno tomou o mencionado Monarca (10).

*André da Costa Fr.* Religioso Trino, natural de Lx.º filho de Felipe da Cruz e Caterina Correia recebeu o abito no convento patrio a 3 de Agôsto de 1650 igualmente insigne em compor que em tocar arpa, foi da cappella dos Serenissimos Monarcas D. Afonso 6.º e D. Pedro 2.º compos Missas de varios coros Confitebor a 12 vozes Laudade pueri a 4 Completas a 8 vozes, e outras mais obras, faleceu em 1685 (11).

*Andre de Escobar* Muzico famoso de Sé de Evora, e depois de Coimbra, para onde o chamou o Bispo D. Manoel de Menezes alem de varias obras que compos escreveu preceitos para varios instrumentos, os quaes tocava com muita destreza e huma Arte para tanger o instrumento de Charamelinha (12).

*André Luis Lobo* natural da Cidade de Evora, (e cantor da Sé da mesma cidade) (13).

*Antão de S.º Elias Fr.* Religioso Carmelitano natural da Cidade de Lx.º filho de Francisco de Souza, e Maria Cardoza, foi Mestre na Cappella do seº Convento da mesma cidade muito perito no Contraponto, e não menos no instrumento de Arpa cujo tocou por muitos annos na cathedral de Lx.º compos hum Te Deum a 4 coros com diversos instrumentos, compos mais responsorios, Missas, Salmos, Hinos, Vilancios a 4 a 8 e 2 coros com instrumentos, faleceu em 1748.

*Antonio de Almeida* natural da cidade do Porto, Mestre de Muzica na Cathedral da sua Patria, não foi menos excelente na Poetica, compos em huma e outra Arte, imprimisse deste autor huma obra Poetica em Castelhana intitulada La humana Çarça abrazada el gran Martir S. Laurencio. Coimbra por Thome Carvalho Impressor da Universidade em 1656 4 (14).

*Antonio Alves* do habito de S. Pedro Pernambucano não só hé douto na Compuzição da Muzica, mas tambem em Filosofia, e Theologia (15).

*Antonio Bazilio* que foi da familia do Excelentissimo Duque de Lafoens compos excelentemente os Villencicos, e nos Tonos Era im des bancavel faleceu no principio do século de 700 (16).

*Antonio de Belem Fr.* natural da Cidade de Evora Monge de S. Jeronimo no Convento do Espinheiro, onde foi Prior e depois Vigario: Foi Mestre da Cappella de Belem Compos salmos a 4, 5 e 6 coros, Missas a 4, 6 e 8 vozes, Miserere a 3 coros e hum livro de responsorios para todas as festas da primeira classe, foi hum dos mais celebres compuzitores de Muzica do seu tempo faleceu (17).

*António Carreira* insigne professor de Muzica, e Mestre da real Cappella dos Serenissimos Monarcas D. Sebastião, e D. D. Henrique, compos varias obras, como escreve Pedro Thalezio na sua Arte de Canto Chão cap.<sup>o</sup> 36 fl. 163 (ou 63; difficilmente se percebe e não é fácil verificar). Compos duas Lamentações da semana santa, e varios Motetos a 6 vozes faleceo em 1599 <sup>(18)</sup>.

*Antonio Carreira* sobrinho do precedente, foi Mestre da Cathedral de Compostela, as suas obras exestião na Biblioteca do Serenissimo Senhor D. João 4.<sup>o</sup>

*Antonio Claudio* <sup>(19)</sup>.

*Antonio Cordeiro* Presbitero subxantre da Cathedral de Coimbra, tão douto em Muzica, e no Canto Ecclesiastico que immendou a Arte de Canto chão composta por João Martins, imprimiosse esta obra em Coimbra por Nicolao Carvalho em o anno de 1612.

*Antonio Correia da Costa* natural de Vila Viçosa, foi igualmente doctissimo em Muzica, que Geometria, Mathematica e Pouzia, ansioso de fazer maiores estudos passou a Italia e Flandres donde voltou em o anno de 1617 para Vila Viçosa, dele faz menção Francisco Moraes Sardinha no Parnas. de Vila Viçosa Livr. 2 cap. 59 e no Liv. 3.

*Antonio Diogo* Presbitero secular natural da Cidade de Evora. Beneficiado em Sintra do Patriarcado de Lx.<sup>a</sup> alem de ser bom organista compos diversas obras em Muzica.

*Antonio Fernandes* Presbitero natural da Vila de Sousel da Provincia de Alentejo foi Mestre da Igreja de S. Catherina do Monte Sinæ em Lx.<sup>a</sup> foi ornado de Louvaveis costumes doctissimo da sciencia pratica e especulativa da Muzica em a qual compos a arte de Muzica de Canto de órgão, e de Canto Chão. Compos mais a explicação dos segredos da Muzica: compos mais Theorica do Manicordio: mais outra Arte de Muzica de Canto de órgão e hum mapa universal de qualquer couza, assim natural como accidental, que se contem na arte da Muzica com os seus generos e demonstrações Mathematicas. A sua Arte de Muzica de Canto de Órgão e Canto Chão e porpessões da Muzica dividida harmonicamente se imprimiu em Lx.<sup>a</sup> no anno de 1625. Deste Autor faz menção D. Francisco Manoel na Carta dos AA. Portugueses escrita a Monel Themudo da Fonseca que hé a 1 da quarta Centuria das suas cartas, e João Soares de Brito in Theatr. Luzit. Lit. A. n 76 no officina de Pedro Crasbeek 1625 <sup>(20)</sup>.

*Antonio de Figueiredo Ramos* natural de Lx.<sup>a</sup> Muzico Instrumentista que foi da Camara real hera muito sabio em Contraponto, e dele escreveu hum livro que estava para imprimir compos Salmos, Ladainha a 4 vozes, Sonatas a varios instrumentos, Arias e outras mais obras, falesseo no presente seculo <sup>(21)</sup>.

*Antonio de Freitas da Silva* Muzico instrumentista da Camara de Sua Magestade, e Compozitor das Reaes Danças das suas operas Compos sonatas com varios instrumentos, salmos e huma Missa a 4 vozes Credo, e mais obras faleseu no presente seculo.

*Antonio de Jesus Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> Religioso Trino, Compozitor dos mais excelentes, e pela sua profunda sciencia foi elevado a Lente desta Arte na Universidade de Coimbra em 27 de Novembro de 1636 mereceo grandes estimações do Sirinissimo Senhor Rey D. João 4, entre muitas obras que escreveu tiveram mais merecimento as seguintes. Missa a 10 vozes, outra a 12 vozes, Dixit Dominus a 12: morreu em Coimbra em 1682.

*Antonio José Felis* Professo na ordem de Christo.

*Antonio Leal* (22).

*Antonio Lopes Cabral* Presbitero natural de Lx.<sup>a</sup> nasceo no anno de 1634, aprendeo não só as letras humanas, mas a Arte de Muzica, foi cappellão e cantor das Magestades de D. Afonso 6.<sup>o</sup> e de D. Pedro 2.<sup>o</sup> Logrou grandes aplausos no Ministerio do Pulpito, foi Academico dos singulares de Lx.<sup>a</sup> compos varias obras em Muzica, e imprimio hum livro de Sermões — Intitulado Pancarpia florida, e tinha pronto outro para dar á empreção Morreo a 26 de Dezembro de 1698 com 64 annos de idade; tambem imprimio a Vida de S. João Baupista e de S.<sup>ta</sup> Maria Madalena traduzidas do Italiano, dele fala o P.<sup>e</sup> Antonio dos REys no Enthuziams Poet. n. 170 foi Freire da Ordem Militar de Christo sendo Beneficiado das Igrejas de S.<sup>ta</sup> Maria dos Olivaeas, da Vila de Tomar, e S.<sup>ta</sup> Maria do Castelo de Ponte de Lima (23).

*Antonio da Madre de Deos Fr.* filho de Gregorio Catalão, e Joana Cardoza natural de Lx.<sup>a</sup> Religioso Carmelita da Antiga observancia, famoso Compozitor, exercitou o lugar de Vigario do Coro em Lx.<sup>a</sup> faleceo em 1690 aprendeo Muzica com os dois selebres Professores desta Arte Duarte Lobo e Fr. Manuel Cardozo Religioso Carmelitano, compos Psalmos, e Motetos, e Responsorios, os officios de Defuntos, e dois Mizere-res a 3 coros (24).

*Antonio Manoel Leite Pacheco Malheiro* (25).

*Antonio Marques Fagote* natural de Tancos, Mestre da Cappela de El Rey D. João o 4 no instrumento do seu apelido foi insigne compos regras para ele além de mais obras em Muzica (26).

*Antonio Marques Lesbio* natural de Lx.<sup>a</sup> Academico dos Singulares de Lx.<sup>a</sup> na qual Academia foi Mestre explicando os emblemas de Alciato, nos Certames Literarios que teve com os seus socios quaze sempre o primeiro premio no anno de 1698 foi eleito Mestre da Cappela Real — Na Arte da Muzica compondo fez os mais raros progressos era chamado por Antenomazia, o Mestre da mais rara Armonia. Não consta que nas suas obras se encontrassem as ideias ou immitações. era muitas vezes chamado pela Rainha D. Catherina Ingleza para desfrutar a sua erudita conversação. Foi insigne em varios instrumentos teve grande Lição da Sagrada Escritura, e dos PP. da Igreja Latina, e Grega, e dos Oradores Methiologicos mais insignes, tanto Latinos, quanto Italianos, e Espanhoes, tendo chegado à idade de 70 annos. em 21 de Novembro de 1709 Vespora de S.<sup>ta</sup> de Cezilia estando para concluir a composição do Gloria Patri da Magnifica a 8 vozes para se cantar na Cappela Real foi acometido da Morte, e pedindo a extrema unção por se ter confessado e comungado de manhã faleseo. foi muito estimado das Magestades de El-Rey D. Pedro 2.<sup>o</sup> D. Maria Sofia Izabel Neoburg. Deste faz menção o P.<sup>e</sup> Antonio dos REys in Enthusiasms. Poet. n. 142.

*Antonio Milheiro* natural da Cidade de Braga Mestre da Cathedral de Coimbra, e depois de Lx.<sup>a</sup> aonde veio a ser conigo de 4.<sup>a</sup> Prebenda, escreveu varias obras em Muzica, e algumas se empremirão em Coimbra por Nicolao de Carvalho no anno de 1618 (27).

*Antonio Nunes Colares* (28).

*Antonio de Oliveira* Presbitero natural de Lx.<sup>a</sup> Professor insigne de Muzica, foi Mestre do Coro da Real Parroquia de S. Julião da sua Patria, passou a Roma aonde teve muitos aplausos por varias obras que compos em Muzica faleseo em Roma.

*Antonio da Penitencia F.* natural de Lx.<sup>a</sup> Religioso da 3.<sup>a</sup> ordem de S. Francisco nasceo em o anno de 1605 foi insigne na Arte da Muzica em que compos diversas obras, não sumenos Cantor, exercitou o lugar de Vigario do Coro no Convento de Arrayolos Arcebispado de Evora faleseo em 1648 com quarenta e três annos de idade <sup>(29)</sup>.

*Antonio Pereira* Mestre de Muzica pratica, e especulativa, compos muitas obras com bastante novidade e não menos sciencia, sendo estas a 4, e 8 vozes, e Magnifica a 8 vozes.

*Antonio Pereira* natural da Vila de Mação comarca de Tomar do Bispado da Guarda, Padre de S. Filipe Neri cuja roupeta recebeu em Lx.<sup>a</sup> a 24 de Setembro de 1744 filho de Antonio Pereira, e Maria de Figueiredo, hoje está secularizado e he secartario de linguas, e deputado da Real Mêza Sengoria <sup>(30)</sup>.

*Antonio de Pina* teve igual talento para a Muzica que para a Poetia: em ambas escreveo Vilancicos dois volumes em 8.

*Antonio Pinheiro* natural de Montemor-o-Novo Mestre da Cappela Ducal de Vila Viçosa e depois da Sé de Évora, deixou escrito hum groço volume da Magnifica a 8 vozes morreo em Evora no anno de 1677 <sup>(31)</sup>.

*Antonio de Pinho* natural de Abrantes Bispado da Guarda cantor da Sé de Evora, excelente compositor de Muzica, em que publicou excellentes obras, tambem se distinguiu m.<sup>to</sup> na Poetica em que compos hum poema intitulado Vida, e Martirio do Infante, e Santo D. Fernando filho de ElRey D. João o primeiro <sup>(32)</sup>.

*Antonio da Purificação F.* Religioso Carmelitano natural de Evora Cidade da Provincia Transtagana exercitou por muitos annos em Lx.<sup>a</sup> no seu convento o exercicio de organista em que foi muito perito, tambem compos algumas obras em Muzica faleseo no Alentejo na cidade de Beja no presente seculo <sup>(33)</sup>.

*Antonio da Ressurreição Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> Religioso da 3.<sup>a</sup> ordem da Penitencia nasceo em 1621 foi muitos annos Vigario do Coro e Mestre da Capela do Convento de Lx.<sup>a</sup>; e depois foi eleito Ministro do Convento da Vila de Viana em o Alentejo, Difenidor de Provincia, faleseo no Convento de Santarem a 17 de Janeiro de 1686 com 65 annos de idade; compos diversas Miças, e outras obras de Muzica.

*Antonio Ribeiro* Presbitero, hum dos milhores acompanhantes de Violonxelo do seu tempo, entre as suas Composições as de maior nome são as Lições de defuntos a 8 vozes faleseo no seculo de 700.

*Antonio Rodrigues Villalva* natural de Villalva territorio da Vila de Fronteiro. Provincia de Alentejo; excelente no canto, e optimo Compositor, foi Mestre da Cappela do Hospital Real de Lx.<sup>a</sup> tendo sido ja da Sé de Evora, compos salmos, Missas, e Inos, e huma especial Missa a 8 vozes <sup>(34)</sup>.

*Antonio Rodrigues Vilalva* natural da Vila de seu apelido do Bispado de Beja, destrissimo no Canto, e optimo Compositor: compos varias obras em Muzica, e huma Arte de canto chão onde tambem dá regras para o contraponto <sup>(34)</sup>.

*Antonio do Rozario F.* Monge de S. Jerónimo nasceo em Lx.<sup>a</sup> teve igual talento para a Muzica que para a Predica, entre muitas obras que compos, tiverão mais estimação os motetos da Quaresma, e semana santa a 4 a 8 e a 12 vozes tambem forão excellentes as suas Lamentações faleseo no seculo de 700. <sup>(35)</sup>.

*Antonio do Rozario Fr.* Religioso Xabregano compos varias obras. entre elas huma Missa Instrumental <sup>(35)</sup>.

*Antonio do Sacramento Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> Religioso Trino Varão doctissimo em mais sciencias, foi definidor Vizitador de Província, e pregador geral Mestre de cerimoniaes, e sacristão Mor dele existem algumas obras de Muzica manuscritas, faleseo em 1740.

*Antonio de S. Jeronimo Justiniano* nasceu em Lx.<sup>a</sup> a 4 de Outubro de 1675 foi seu Pay Antonio Gonsalves, e sua May Magdalena Esteves da Silva, recebeu o Canonico abito da Congregação do Evangelista em S. Bento de Xabregas, onde exercitou por seis anos o lugar de Mestre de Cappella, depois passou ao Collegio de Evora aonde estudou as Sciencias Escolasticas foi Sacristão Mor e Vice-Reitor, não foi menos docto na Muzica que na Poezia, em ambas as artes imprimio, sahindo da sua Congregação foi Capelão do Loreto de Lx.<sup>a</sup> faleseo no seculo de 700.

*Antonio Serenissimo Infante de Portugal* fes a solfa de alguns versos do Stabat Mater cuja solfa exestia na Patriarcal de Lx.<sup>a</sup> faleseo no seculo de 700 (36).

*Antonio Segré Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Pedro Francisco, e Luisa Segré Religioso Carmelitano da Antiga observancia, com justa razão occupou o logar de Mestre da Cappella do Convento de sua Patria, onde foi Sub Prior, reformou e acrescentou o Processionario de que uzão os Religiosos e Religiosas da Provincia do Carmo de Portugal, escreveu varias obras em Muzica, faleseo em 1658 dele faz menção Fr. Manoel de Sá nas suas memorias Historicas dos Escriitores Portuguezes da Ordem do Carmo, cap. 12 n 71 e 72.

*Antonio da Silva* (37).

*Antonio da Silva Alcantra*, Presbitero Douto em muitas faculdades, e na Muzica estupendo, soube contraponto sem ter Mestre, e compos excelentemente como certificação as suas obras, foi Mestre da Cappella da Sé de Olinda em Pernambuco, veio a Lx.<sup>a</sup> aprender a tocar rabecão piqueno com o Padre Frei Francisco Religioso Carmelitano Calçado, retirou-se do Mestrado para porto Calvo, onde vive exercendo muitas virtudes.

*Antonio Sobrinho* natural de Vila Viçosa (38).

*Antonio Teixeira* Presbitero natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Manoel Teixeira e Vicencia da Silva Mestre do Seminario real de Muzica, excelente Compozitor, e Organista da Patriarcal, onde foi capelão Cantor, era examinador do Canto chão do Patriarcado, Compos hum Te Deum a 5 coros com todo o genero de instrumentos, compos outro a nove vozes, sete operas, salmos, Misereres, Lamentações, e outras mais, faleseo no seculo de 700 (39).

*Antonio da Veiga* natural de Vila Viçosa Cavaleiro da Ordem Militar de Malta secretario do Gram Mestre, foi insigne em todas as Artes Liberais, excedendo na Muzica em que compos diversas obras, foi tangedor de quaze todo o genero de instrumentos faleseo no seculo de 600 dele faz menção Francisco Moraes sardinha no Parnaso de Vila Viçosa Liv. 2 cap. 59.

*Antonio Vieira Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Gaspar Vieira, e Maria de Oliveira, Religioso Trino foi excelente Professor de Muzica, exercitou por muitos annos, nesta Corte o lugar de Vigario no seu Convento, deixou compostas diversas obras de orgão, Missas, Salmos e Inos a 8 vozes faleseo em 1707.

*Antonio Vieira* natural de Vila Viçosa, famoso compositor, foi Mestre da Cappella da Igreja do Loureto, e da Misericordia de Lx.<sup>a</sup> e depois passou a exercer o mesmo ministerio na Vila do Crato, compos varias obras, sendo a de maior nome Missa a 10 vozes, Miserere a 8, Dixit Dominus a 8 com instrumentos. Beatus vir a 12, e hum moteto de Defuntos: Domine quando veneris.

*Atanazio* natural da Villa de Setubal (<sup>40</sup>).

*Bazilio D.*, e no seculo Baltazar de Faria Severim. V.<sup>a</sup> *Barbosa* (<sup>41</sup>).

*Bento Nunes* Mestre de Muzica na Cathedral de Evora, foi hum dos mais excelentes compositores do seu tempo, as suas obras mais espeziaes são Parçe Domine; moteto para Quaresma a 7 vozes: Heu mihi Domine, Responsorio de defuntos a 6 vozes: Hi sunt qui cum mulieribus; moteto dos Santos Inocentes a 8 vozes: ad te suspiramus; moteto a Nossa Senhora (<sup>42</sup>).

*Bernardino de Jesus ou de Sena Fr.* nasceo em Lx.<sup>a</sup> em 1599 famoso Contrapontista, exercitou o lugar de Vigario do Coro no Convento de N. Senhora de Jesus de Lx.<sup>a</sup>, e o de Ministro no Convento de S. Francisco de Vianna, e tambem o de Definidor, compos diversas obras em Muzica, foi muito estimado de El-Rey D. João o 4.<sup>o</sup> faleseo no Convento da sua Patria em 1669.

*Bernardo José da Silva*, natural da Cidade de Elvas, e organista na Sé da dita Cidade compos Responsorios da Conceição, e outras obras (<sup>43</sup>).

*Bernardo F.* Religioso de S. Paulo primeiro Eremita.

*Braz de Lima* (<sup>44</sup>).

*Braz Luiz* (<sup>45</sup>). : 2/3

*Braz Soares* (<sup>46</sup>).

*Caetano José de Mattos*, natural de Lx.<sup>a</sup> Muzico que foi da Igreja Patriarcal de Lx.<sup>a</sup>, compos algumas obras a 4 com instrumentos, e sem eles, faleseo no seculo de 700.

*Caetano de Melo* natural da Cidade da Bahia Compos diversas obras a 4, e mais vozes, Compos huma Arte de Canto de Orgão em Dialogo, e hum tratado dos tons, cujas obras existem na Bahia, e Pernambuco.

*Camilo* (<sup>47</sup>).

*Carlos de Jesus Maria D.* nasceo em Lx.<sup>a</sup> filho de Manoel Alveres da Silva, e Maria Correia de Oliveira; foi Conigo Regrante da Reformada Congregação de Santa Cruz de Coimbra, exerceo o officio de cantor mor na real Mosteiro de Santa Cruz, e no de S. Vicente de Fora, e nele faleseo a 11 de Agôsto de 1747 Compos algumas obras em Muzica, e huma Arte de Cantochão que se imprimio em Coimbra por Antonio Simões Ferreira 1741. foi publicada com o nome de Luis da Maya Croecer, anagrama puro do seu Nome.

*Claudio Antonio de Almeida* (<sup>48</sup>).

*Cosme Bayena Ferreira* natural de Evora Cidade, hum dos famosos Professores de Muzica de seu tempo, foi Mestre da Cappella da Sé de Coimbra, e Prior de S. João de Almedina da mesma Cidade, compos diversas obras em Muzica a 4 e a 8 vozes.

*Cosme Delgado* natural da Vila do Cartaxo, Baxarel na Cathedral de Evora Cidade, onde foi Mestre da Cappella, hum dos mais celebres Cantores de Estante, entre outras Composições a 4 a 8 e a 12 compos

hum Manual de Musica devedido em 3 partes como afirma o Licenciado Francisco Galvão Maldonado (*à margem está, com outra letra e outra tinta: de Mendanha*) nas memorias que ajuntava para a biblioteca Portuguesa,<sup>(49)</sup>.

*Crispim de Andrade* natural de Lx.<sup>a</sup> Capelão da Capela real, e depois subxantre da Cathedral de Lx.<sup>a</sup> Compos bastantes obras em muzica, e publicou a obra segunnte officio particular em louvor do Principe dos Anjos o Glorioso Arcanjo S. Miguel, Lx.<sup>a</sup> por Filipe de Sousa Viela anno de 1701.

*Cristovão da Fonseca*; Padre da Companhia de Jesus natural de Evora Cidade, filho de João Duarte, e Luisa da Fonseca; no Pulpito foi ouvido com aplauso, e na Conversação com divertimento; porem nunca degenerando em pueril, praticou com suma profundidade a sciencia de Contraponto, entre muitas obras, compos hum Te Deum, com varios generos de instrumentos; o qual se cantou com a sistencia dos Princepis, e Corte na Casa professa de S. Roque em Lx.<sup>a</sup>, ele mesmo foi governar batendo o compaço, faleseo a 17 de Mayo de 1728. quando contava 46 annos de idade; jaz sepultado no Colegio do PP. Jesuitas da vila de Santarém.

*Cristovão Luis Gil*, naseu em Lx.<sup>a</sup> he trombeta Mór de Sua Mag.<sup>de</sup> tem composto algumas obras em Muzica.<sup>(50)</sup>

*Damaso Papa Santo Nasceo* em a Vila de Guimarães entre Douro, e Minho, subio à Cadeira de S. Pedro no anno de 366 foi sagrado em Domingo 1.<sup>o</sup> de Outubro em a Basilica de Lucina, que depois se chamou de S. Lourenço, compos algumas obras de Muzica.

*Damião de Goes* natural da Vila de Alenquer filho de Rui Dias de Goes, e de Isabel Limi, nasceo em 1501 floresceo no seculo de 500 foi camareiro, e guarda roupa de El Rey D. Manoel, de quem ao depois escreveo a Cronica. El Rey D. João o 3.<sup>o</sup> o nomeou por seu Menistro para tratar de algumas negociações em varios Reinos Estrangeiros: igualmente que nas varias sciencias, a Muzica em que era mui perito, não só no Canto, mas no instrumental, e composição, lhe adquirirão a familiaridade de maiores Princepis: foi casado com Joanna de Hargen, filha de Andre de Hargen do Conselho do Emparador Carlos 5.<sup>o</sup> descendente dos Condes de Aremberg, Herne e Monfort. muitas das suas obras se cantavão nos Templos, que foi só para onde quiz compor, conhecendo, que a Muzica só deve servir para Louvar a Deus, não foi menos insigne na Poezia, por isso lhe fez em seu louvor o seguinte epigrama o sabio Resende.

Eligite utro suavis horum te nomine dici.

an Phebi, an orphei dulcis utrisque modis aut / si non  
spernis genus / a quo Musica primum.

Inventa est nobis sis Damiane Jubal<sup>(51)</sup>.

*Damião de S.<sup>ta</sup> Quiteria F.* Religioso da 3.<sup>a</sup> ordem da Penitencia<sup>(52)</sup>.

*David Francisco Xavier*, homem branco natural de Boavista donde foi Mestre da Cappela, escreveo varias obras em Muzica.

*Diogo Dias* natural de Vila do Crato, teve tão grande perpensão para a Arte da Muzica, e fez nela tais progressos, que chegou a ser Mestre da Capella em a Matriz da sua Patria, onde compos varias obras<sup>(53)</sup>.

*Diogo Dias Melgas* natural da Vila da Cuba da Provincia transtagnana do Bispado de Beja, filho de Afonso Lourenço Melgas e Maria Ferra, em idade bem juvenil mereceo em Evora cidade os honrosos Cargos de



Mestre da Claustra, Reitor do Seminário, e Mestre da Cappela: foi admiração dos mais doctos Proffessores da Devina Arte Armonica da Muzica: faleseo de 60 annos na dita cidade em 1700: entre muitas obras que compos a dois coros não tem menos estimação no seu tanto o Celebre moteto a 4 vozes *Rex tremendae Magestatis*: está sepultado no Alpendre do Convento de N. Senhora dos Remédios dos Carmelitas descalços, com o seguinte Epitafio:

Flebili occubuit, qui scivit in orbe Magister  
Caelestem Musam communicare viris.  
At si funerea tadem jacet obrutus urna;  
Non fama in tumulo contumalata jacet.  
Aeternis vivet Melgas post funera lustris  
Donec eruno homines sydera donec erunt (\*\*).

*Diogo Dias de Vilhena* Celebre contrapontista, entre outras obras que compos, tem huma Arte de Canto chão para principiantes onde promettia outra de contraponto.

*Diogo de S. José Fr.* natural da Cidade de Bragança filho de Antonio Sobrinho, e de Cicilia de Morilas foi igualmente sabio na Muzica, Pintura, Pouzia, que na Istoria, e linguas Estrangeiras, alcançou em Roma / aonde o conduziu o Cardeal D. Rodrigo de Castro Arcebispo de Sevilha / rendosos beneficios que renunciou em seu Irmão Francisco Sobrinho, que depois foi Bispo de Valhadolid, veio acabar nos Carmelitas descalços onde foi claro exemplar de santas virtudes, as suas composições Muzicas se achavão na Biblioteca de El Rey D. João o 4.º a qual se queimou pelo incendio que se seguiu ao Terramoto de 55 E tambem se achavão em Espanha, faleseo em 1623.

*Diogo Velho* Presbitero natural da Vila de Souzel da Provincia Transtagana filho de Lopo Dias, e Catherina Rodrigues, foi cappellão do Serenissimo Cardeal Infante D. Henrique, e depois Conigo da Cathedral de Evora, faleseo em 1565 as suas obras Muzicas se conservavão no Cartorio do cabido de Evora Cidade (\*\*).

*Dionisio dos Anjos Fr.* natural de Lx.ª Monge de S. Jeronimo, foi insigne na Arte de Contraponto, e não menos destro tangedor de viola, Arpa, compos responsorios para todas as festas da primeira classe, Salmos de Vespuras e Magnificas, e outras obras mais, as quais se conservavão no Convento de Belem, faleseo em 1709 (\*\*).

*Domingos da Conceição Fr.* nasceo em Lx.ª no anno de 1686 foi muito sciente na faculdade de Muzica, e outras sciencias deixou bastante Muzica que compos, foi Vigario no Convento de S. Francisco de Alenquer, faleceo em 1647 (\*\*).

*Domingos Gomes de Couto* natural de Lx.ª Mestre da Cappela da Sé de Elvas, fez lamentações, ditos, de Christo, motetes Misereres, e muitas mais obras (\*\*).

*Domingos Nunes Pereira* Presbitero natural de Lx.ª filho de Diogo Ribeiro e Brizada da Costa, foi Mestre da Misericordia, e depois exerceo o mesmo Magisterio na Cathedral da mesma Cidade, compos responsorios da Semana Santa, de defuntos, Laudate Pueri Dominum dudo a 8 vozes, faleseo em 1729 jaz sepultado na cappela mor da Irmida de S. Pedro da Freguesia de S. Thiago de Camarate.

*Domingos do Rozario Fr.* Religioso franciscano (\*\*).

*Domingos da Trindade Fr.* Religioso de S. Paulo primeiro Eremita (\*\*).

*Duarte Lobo* natural de Lx.ª foi Mestre do Hospital real da mes-

ma Cidade; exerceo o mesmo ministerio na Cathedral da mesma Cidade pelo espaço de 45 annos, onde foi Conigo de 4.ª Prebenda, e reitor do Seminario Archiepiscopal D. Francisco Manoel na Carta dos A. A. Portuguezes escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo lhe faz grandes Louvores, e o mesmo lhe da Manoel de Faria e Sousa na Fuente de Aganipe, parte 2 Poem. 10 Estanc. 72 e 73. Morreu contando 103 annos de idade <sup>(61)</sup>.

*Estanisláo Borges Coelho* <sup>(62)</sup>.

*Estevão Botelho Fr.* natural de Evora Cidade Provincia Transtagnana, filho de Domingos Botelho de Villama, e Maria Botelho de Aragão, Religioso Eremita de S. Agostinho, foi Prior do Convento de Arronxes, e de Loulé, foi muito sabio na Arte da Muzica, em que compos varias obras, tambem escreveu 5 tomos de folio e dois de quarto de Sermões, floreseo no seculo de 600.

*Estevão de Brito* insigne Professor de Muzica assim Theorica como Pratica, foi Mestre e Beneficiado em a Cathedral de Badajoz, exerceo o mesmo Ministerio na Cathedral de Malaga alcansando pelas suas obras grande aplauzo em toda a Espanha, compos motetos a 4, 5 e 6 vozes, e entre outras obras hum Tratado de Muzica, foi Discipulo do famoso Felipe de Magalhães <sup>(63)</sup>.

*Estevão de Christo Fr.* natural da Vila de Torres nove Religioso da ordem de Christo no Convento de Thomar, foi tão famoso no Contraponto, que foi chamado a Madrid pelo Cappelão D. Jorge de Almeida, para compor a Muzica da Semana Santa, o que fez com tanta satisfação daquelle Prelado, e mais pessoas inteligentes que o persuadirão a que a impresse, compos outras mais obras, Morreu em 1609. No Convento de N. Senhora da Luz, huma legoa longe de Lx.ª <sup>(64)</sup>.

*Estevão Lopes Morago*, grande Professor de Muzica, Mestre da Cathedral de Vizeu, as suas obras dão a conhecer a profundidade da sua sciencia <sup>(65)</sup>.

*Estevão*, Presbitero secular, e Beneficiado em a Sé da Cidade de Elvas donde he natural, fez um Te Deum instrumental <sup>(66)</sup>.

*Estevão Ribeiro Frances* natural de Lx.ª, tinha exercicio na Cappella Real, compos varias obras em Muzica, faleseo no principio do seculo de 700 <sup>(67)</sup>.

*Euzebio Antonio da Silva Ferreira* Mestre da Cappella da Sé de Leiria.

*Euzebio de Mattos Fr.* nasceo na Cidade da Baya Capital da America no anno de 1629, floreseo no seculo de 600 da Companhia passou para os Carmelitas, foi Compozitor famoso de Muzica e era tão sabio nas mais artes, e sciencias, que dele dizia o grande Vieira, que Deos se empinhava a faze-lo em tudo grande Compos varias obras em Muzica, faleseo no Convento Patrio no anno de 1629 (*sic*) com 63 annos de idade 33 de Jesuita, e 15 de Carmelita; dele faz menção Fr. Manoel de Sá Mem. Hist. das Escriit. Portug. do Carm. Cap. 24 pag. 140.

*Filipe da Conceição Fr.* natural de Lx.ª professor em Castela na Ordem de N. Senhora das Mercês, foi igualmente engenhoso para a predica, que para a Solfa, em que compos diversas obras dignas de suma Estimação <sup>(68)</sup>.

*Filipe da Cruz* natural de Lx.ª e Freire de S. Thiago em Palmela: o insigne Pedro Talezio o sita como Autor do Canto Ecclesiastico, depois de ser Mestre de Muzica em a Caza da Mizericordia de Lx.ª passou a Madrid aonde foi Cappelão da Cappella real no tempo de Felipe 4.º aclai-

mandose depois o serenissimo D. João 4.<sup>o</sup> o chamou para Mestre da sua real Cappela, compoz Missas a 10 vozes, moteto de Defutos dimite me a 12 vozes, e mais outras obras excellentes.

*Felipe da Madre de Deos Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> recebeu o habito na sagrada, e militar ordem de N. Senhora das Mercês em Castela, depois voltando para Lx.<sup>a</sup> no Reinado do Senhor D. Afonso 6.<sup>o</sup> o nomeou Mestre de Muzica do seu Gabinete, não só teve sciencia profunda, porem grande novidade nas ideias, de algumas das suas composições faz menção D. Francisco Manoel nas suas obras metricas Avena de Tersicore.

*Felipe de Magalhães* nasceo no lugar de Azeitão do Patriarcado de Lx.<sup>a</sup> foi Mestre da Caza da Mizericordia de Lx.<sup>a</sup> e depois o foi da real Cappela. O grande Pedro Talezio o intitula insigne. Compoz Missas a 4, a 5 e 6 vozes, e muitas obras mais, como consta da Biblioteca Lusitana; deste autor se imprimio a seguinte obra, Cantico Beatissimae Virginis. Ulyssipone apud Laurentium Crasbec. anno de 1636 fol. grande (49).

*Felis* chamado por alcunha o Catoto, compos algumas obras regulares chegadas ao estillo moderno. Sabendosse que este Autor hé Portugues ignorase donde he natural porém julga-se ser Brasileiro.

*Felis José da Costa*, filho de João da Costa de Brito, e Catherina Luiza Freire de Andrade, nasceo em Lx.<sup>a</sup> no anno de 1701 foi Juiz de Fora de Alagoas, estudou quaze todas as sciencias, e belas Artes, e no anno de 1727 formou-se em jurisprudencia Civil: compos obras em Pouzia, e em Proza, tanto Latinas, quanto Portuguezas, e de solfa a intitulada: Muzica revelada do Contranonto é composição que compreende varias Sonatas de cravo, rabeca; viola, e varios minuets, e cantatas.

na e m  
res m  
recom  
nho 15 seg  
L. 1607

*Felicio Antonio da Cunha*, Musico Instrumentista da Camara Real.

*Fernando de Almeida Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> Professou no real Convento de Thomar da Ordem de Christo, pelas suas virtudes chegou a ser Vizitador da Ordem, entre muitas obras que compos teve grande estimação huma Missa a 3 coros floreseo no seculo de 600 faleseo no Convento de Thomar no anno de 1660 o Senhor D. João 5.<sup>o</sup> mandou copiar a Mizica de Semana Santa deste Autor para se cantar na sua cappela real (70).

*Fernando Luis Pink*, nasceu em Lx.<sup>a</sup> (71).

*Francisco de S. Anna Fr.* Monge de S. Jeronimo (72).

*Francisco Antonio de Almeida*, organista da Patriarcal, e famoso compositor (73).

*Francisco Baupista Fr.* natural da Vila de Campo Maior Provincia do Alentejo Eremita de S. Agostinho, foi Mestre no seu Convento de Cordova, compos diversas obras de Muzica em que mostrou a profundidade da sua sciencia.

*Francisco Barca* natural de Evora Cidade de Evora Freire da Melitar Ordem de Santiago no real Convento de Palmela, foi insigne Professor de Muzica sendo Mestre da Cappela do seu Convento, e depois do Hospital real de Todos os Santos desta Corte, compos diversas obras, floreseo no seculo de 600.

*Francisco de Carvalho Fr.* filho de António Antunes, e Antónia de Carvalho, natural do conselho de Lanhoso destante duas leguas para o norte da Cidade de Braga, Provincia de Entre-Douro e Minho, professo o instituto de Eremita de S. Agostinho no Convento desta Corte a 17 de Abril de 1658, onde por muitos annos dictou as principaes materias da theologia Escolastica, foi muito sciente na Muzica em que compos

varias obras, morreo em Lx.<sup>a</sup> no Convento da Graça onde se conservavão suas obras no anno 1703.

*Francisco D. Castelhana* de Apelido porem Portugues de Nação, Conego regente de S. Agostinho, e Mestre da Cappella no real Convento da Santa Cruz de Coimbra, alem de mais obras, compos as lamentações e bradados das Paixões que por ordem de ElRei Felipe 2.<sup>o</sup> forão pedidas pelo Cappellão Mor D. Jorge de Athaide para se cantarem no Escorial no anno de 1590 (<sup>74</sup>).

*Franc.<sup>co</sup> Correia de Araujo* Presbitero insigne Proffessor de Muzica, e não menos grande tangedor de Orgão. exercitou este Ministerio na Igreja Colegiada de S. Salvador da Cid de Sevilha, aonde foi reitor da Irmand.<sup>e</sup> dos sacerdotes, compos huma obra intitulada faculd.<sup>e</sup> organica, cuja imprimio no anno de 1626 em Alcalá por Ant.<sup>o</sup> Arnão, e nela prometia dois Livros hum de casos Moraes da Muzica, e outro de Versos. Nicolao Ant.<sup>o</sup> na sua Biblioteca Hispanica faz menção dele Append. tom. 2. pag. 322 (<sup>75</sup>).

*Franc.<sup>co</sup> Cord.<sup>ro</sup>* Prebitero Freire de Aviz Prior em a V.<sup>a</sup> de Estremos Provincia Transtagana.

*Franc.<sup>co</sup> da Costa* natural da Vila de Tancos do Patriarcado de Lx.<sup>a</sup> Freire da Ordem Melitar de Christo, e Beneficiado na real Igreja de N. Senhora da Conceição de Lx.<sup>a</sup> foi muito perito na Arte da Muzica, faleseo no anno de 1667 jaz sepultado na Igreja onde era Beneficiado, deixou composto dois volumes de Muzica.

*Francisco da Costa e Silva*, nasceo em Lx.<sup>a</sup> foi hum dos maiores Proffessores de Muzica do seu tempo, exerceo o lugar de Mestre na Cathedral da sua Patria, e nela obteve hum canonicato de 4.<sup>a</sup> Prevenda, faleseo em 1727 compos Missas a 4 vozes com instrument.<sup>os</sup>, responsorios de officio de Defuntos a 8 vozes, com todo o genero de instrum.<sup>tos</sup> que compos para as exequias que a Nação Francesa dedicou em a Cappella real de S. Luis desta Corte à memoria do seu invensivel Monarca Luis o grande.

*Francisco Garcia* famoso Proffessor de Muzica igualmente pratica, que especulativa, compos bastantes Missas por diversos tons, das obras e do A. faz menção João Franco Barreto Bib. Portug. M. S. as suas obras se imprimirão em Lx.<sup>a</sup> por Pedro Crasbek no anno de 1609.

*Franc.<sup>co</sup> Guerreiro* natural da Cid.<sup>e</sup> de Beja provincia Transtagana, este autor foi do seculo de 500 compos diversas obras em Muzica (<sup>76</sup>).

*Francisco Ignacio Solano* (<sup>77</sup>).

*Francisco de S. Jeronimo* filho de Pascoal da Silva Garcia, e de Maria Rodrigues da Silva, nasceo em Evora Cidade em 1692 recebeo o habito de S. Jeronimo no Convento do Espinheiro no anno 1715 e renovou a Proffição no real Mosteiro de Belem em o anno de 1728, foi Mestre da Cappella deste real Mosteiro, compos muitas obras excelentes, e entre estas os responsorios das Matinas de S. Jeronimo a 4 coros com todo o genero de instrumentos, Missa de 8 vozes obrigadas, e outras obras maes.

*Francisco José Coutinho D.* natural de Lx.<sup>a</sup> fez acções dignas de seu Ilustre Nascimento no choque chamado de Monsanto foi tão insigne na Arte da Cavalaria, como em a Muzica, tocava perfeitamente os instrumentos de Cravo, e de viola faleceo em 1724 jaz sepultado no Convento dos Carmelitas Descalços de Paris onde se tinha hido curar de huma grave molestia, das muitas excelentes obras de Muzica que deixou compostas tem maior merecimento hum Te Deum a 8 coros que compos para se cantar no anno de 1722, e huma Missa a 4 coros com clarins, e rabecas intitulada Selela (*sic*) Aretina (<sup>78</sup>).

*Francisco Jn. Mendes* <sup>(79)</sup>.

*Francisco de S. João Nepumuseno F.* Religioso Franciscano <sup>(80)</sup>.

*Francisco Leal Fr.* Carmelitano, foi Mestre da Cappella no seu Convento em Lx.<sup>a</sup>, compos muitas obras de Muzica, tocou muito bem Arpa, teve muitos Desciplos de Contraponto, faleseo em Lx.<sup>a</sup> no seculo de 700.

*Francisco Lopes D.<sup>or</sup>* primeiro organista da Sé de Evora Cidade, e natural da mesma Cidade <sup>(81)</sup>.

*Francisco Luis* Presbitero natural de Lx.<sup>a</sup> de vida exemplar, e de profunda sciencia na Arte da Muzica assim pratica quanto expeculativa foi Mestre na Cathedral de Lx.<sup>a</sup> sua Patria onde morreo em 1693 e jaz sepultado na antiga Parroquia de N. Senhora dos Martires: deixou muitas obras entre elas as mais estimadas forão texto da Paixão de Domingo de Ramos, e de sesta feira maior a 4 vozes, salmos, e vilancicos a diversas vozes <sup>(82)</sup>.

*Francisco Manoel Mariz* <sup>(83)</sup>.

*Francisco Manoel Padre* <sup>(83)</sup>.

*Francisco Martins* Presbitero natural de Evora Cidade filho de Manoel Martins e de Angela Freire, foi Mestre da Cathedral de Elvas, compos Miças a 4 vozes as paixões dos 4 Evangelistas a 4 vozes, responsorios das Matinas de 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> e sabado da Semana Santa a 8 vozes <sup>(84)</sup>.

*Francisco Martins* Presbitero secular Mestre da Capela de Elvas fez textos a 4 vozes, e os ditos de Christo da Paixão da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> feira <sup>(85)</sup>.

*Francisco Mendes Gouveia*, Vide, Caminha <sup>(86)</sup>.

*Francisco Nunes Piteira* Mestre da Cappella da Sé da Guarda natural da vila de Olivença, fez humas Lições de Defuntos, e varios motetos de Quaresma.

*Francisco da Purificação Fr.* Religiozo Paulista, Mestre da Cappella da Sé de Elvas natural de Campo Maior fez duas Missas de Cappella, e hum Te Deum com instrumentos <sup>(87)</sup>.

*Francisco da Rocha Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> da Ordem Trinitaria, huma das maiores abelidades do seu tempo na tenra idade de 11 annos compos huma Missa a 7 vozes, faleseo em 1720. Deixou escritas pela sua propria mão as suas obras que são infinitas em dois volumosos Livros, os quais diz a Biblioteca Luzitana paravão em poder do Padre João da Silva de Moraes Mestre que foi da Basilica de Santa Maria <sup>(88)</sup>.

*Fran.co Sanxes*, q por huma obra de Muzica q vimos dele julgamos ser da Cid.<sup>a</sup> de Beja provincia Transtagana, ignoramos o seculo em que viveo, mas supomos ser antigo <sup>(89)</sup>.

*Francisco de Santo Agostinho Fr.* <sup>(90)</sup>.

*Francisco de S. Thiago* natural de Lx.<sup>a</sup> passou a Castela aonde recebeu o abito de Carmelita Calçado, foi hum dos mais celebres Profesores de Muzica do seu tempo tanto pratica, quanto especulativa, razão porque chegou a ser Mestre nas Cathedraes de Placencia, e Sevilha. O senhor ElRey D. João 4.<sup>o</sup> quiz honralo pondo-lhe o seu retrato na sua Biblioteca de Muzica: Compos Salmos a 4 a 8 e a 12, e huma Salve Regina, e outras mais composições faleseo em 1646 <sup>(91)</sup>.

*Francisco de Valladolid* natural da Cidade do Funxal Capital da Ilha da Madeira, foi Mestre de Muzica do Seminario Archiepiscopal de Lx.<sup>a</sup>, e ultimamente na Parroquial dos Santos Martyris Verissimo, Maximo e Julia. Compos Missas a 6 vozes, a 8, a 14, e a 16 e hum Livro de preceitos de Muzica assim pratica, que especulativa, cuja publicação embaraçou a sua morte que foi em 1700 <sup>(92)</sup>.

*Francisco Xavier Batista*, Organista da Sé de Lx.<sup>a</sup> <sup>(93)</sup>.

*Francisco Xavier Froes* natural de Evora Cidade (\*).

*Francisco Xavier* Cantor da Sé da Cidade de Evora, natural da mesma Cidade, compos dois Responsorios da Conceição (\*\*).

*Gabriel da Annuniação Fr.* filho de Andre Francisco de Aguiar, e Izabel de Carvalho, nasceu na Vila de Ovar da Comarca da Feira em o Bispado do Porto, pela sciencia que tinha na Muzica, e noutras mais sciencias que estodou no Convento de Leiria, chegou a ocupar Lugares Onorificos, foi Vigario do Coro de S. Francisco de Coimbra, do Porto, e ultimamente de Lx.<sup>a</sup> onde tinha recebido o abito, compos alem de muitas obras em Muzica, huma Arte de Cantochão resumida para uzo dos Religiosos observantes da Provincia de Portugal, a qual sahio impressa no anno de 1735.

*Gil Mestre* natural da Vila de Abrantes do Bispado da Cidade da Guarda, Escudeiro de ElRey D. João o 3.<sup>o</sup>, e cantor da sua Cappela real, deste Author se conservavão na Livraria do Ex.<sup>mo</sup> Duque de Lafoens algumas obras em Muzica (\*).

*Gil Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> foi vigario do Coro da 3.<sup>a</sup> ordem da Penitencia, depois passou para a Provincia da observancia de Portugal onde tambem foi Vigario, e Mestre do Coro, exercendo o mesmo ministerio em Catalunha, compos Salmos, e completas a 6 vozes motetos a 4 e 8 Missas em diversos tons, faleseo no Convento de S. Francisco da Guarda em 1640.

*Gabriel de Jesus Fr.* natural da Cidade de Leiria Monge Cisterciense, foi destrissimo tangedor de Orgão, e Arpa, e não menos insigne em Contraponto, entre as suas obras. tem maior extimação quinze motetos que compos para a Via Sacra. Proffessou no real Convento de Alcobaça no anno de 1676.

*Gaspar da Cruz D.* Conigo Regular de S. Agostinho, insigne Proffesor de Muzica, e Mestre em o real Convento de S.<sup>ta</sup> Cruz de Coimbra, compos huma Arte de Cantochão, e outra de Canto de orgão (\*).

*Gaspar dos Reys* celebre Proffesor de Muzica, foi Mestre em a Parroquial Igreja de S. Julião de Lx.<sup>a</sup>, e depois em a Cathedral de Braga, compos salmos, motetos, e vilancicos a diversas vozes. faleseo na cidade de Braga (\*\*).

*Gonsalo Augier Romero* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Pedro Augier Romero, muzico Instrumentista da Camara de S. Magestade Fedelissima, e hum dos seus milhores Proffesores de Rabeca, entre muitas obras que compos. compos duas Missas a 4 vozes com instrumentos, huma Ladainha e hum Tantum Ergo tudo a 4 vozes com instrumentos.

*Gonsalo Martins* (\*).

*Gonsalo Mendes Saldanha* natural de Lx.<sup>a</sup> Irmão do insigne Poeta Latino Antonio Mendes, foi estimado por todos os Proffesores desta suave Arte, tanto pela nuvidade das ideias, quanto pela postura das vozes com que regulava as suas obras era indesbancavel nos Misereres, compos Salmos, Lamentações, Vilancicos, e outras obras mais a 6 e 8 vozes; das suas obras se achava hum Tomo de folio na Bibliotheca do Cardeal Sousa, que hoje he do Ex.<sup>mo</sup> Duque de Lafoens. *Este famoso autor era medico.*

*Gonsalo Xavier de Alcaseva* (100).

*Gorião de Mafra.* Capelão da Real Capela de N. S.<sup>ra</sup> da Ajuda.

*Heliodoro de Paiva D.* natural de Lx.<sup>a</sup> Conego Regrante de S.<sup>ta</sup> Cruz de Coimbra, colação de ElRey D. João 3.<sup>o</sup> este celebre autor foi filho de Bartolomeu de Paiva guarda roupa do mencionado Monarca, foi insigne Compositor de Muzica, tocava órgão, rabeca, e Arpa, era igual-

mente doutissimo nas Linguas, grega, Hebraica, e Latina. foi o maior Filozofio, Theologo, e Escriurario do seu tempo, regeitou diversos Bispados, faleceo em 1552. Compos hum Lexico Grego, e Hebraico de folio impresso em Coimbra no anno de 1532 cuja obra ofreseo ao Senhor Rey D. João 3.<sup>o</sup>, Compos Missas, Magnificas, e motetos com varias vozes, deste Autor faz menção D. Nicol. de Maria Chron. dos Coneg. regrantes Liv. 1 cap. 12 n. 9.

*Henrique Carlos Correa Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Felix Thomas Correa, e Marianna de Brito e Oliveira, recebeu o abito militar de S. Thiago em o real Convento de Palmela onde exercitou o magisterio de Mestre de Muzica, por serem muitas as suas obras se podem ver na Biblioteca Luzitana, contavão os seus companheiros Freires que a ultima obra que compos foi Sitara mea conversa est in lutum, e que apenas a acabou faleseo. O Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Coimbra o chamou para Mestre da sua Cathedral, cujo Magisterio exercitou enquanto não foi exercer o mesmo no real Convento de Palmela, faleseo no seculo de 700 (101).

*Henrique de Faria* natural de Lx.<sup>a</sup> insigne Profesor de Muzica, foi Mestre em as Parroquias de S.<sup>ta</sup> Justa, e N. Senhora dos Martires de Lx.<sup>a</sup> havendo exercitado o mesmo Ministerio em a Igreja Matris da Vila do Crato, compos diversas obras em Muzica, morreo na sua patria.

*Henrique José Calado* natural de Lx.<sup>a</sup> insigne tocador de viola, Compos algumas tocatas de viola, e m.<sup>to</sup> Minuete p.<sup>a</sup> o mesmo Instrumento, faleseo no seculo de 700.

*Henrique da S.<sup>a</sup> Esteves Negrão* filho de Pedro da S.<sup>a</sup> de Organista do Loureto passou a ser organista da Sé de Lx.<sup>a</sup> tucava grandes dificuldades, soube Contraponto com muita profundidade, era bem digno de ocupar huma cadeira desta faculdade, compos salmos, responsorios, Missas, Ladainhas, e muitas tucatas de Cravo, deixou grandes Descipolos, era consultado pelos organeiros para lhes dar a milhor norma de fazerem órgãos, e cravos, faleseo no presente seculo (102).

*Jacinto Fr.* religioso de S. Paulo primeiro Eremita (103).

*Jeronimo Francisco Lima* (104).

*Jeronimo da Madre de D.<sup>a</sup> Fr.* Religioso de S. Paulo primeiro Eremita, foi excelente organista, compos muitas obras em Muzica, faleseo no seculo de 700.

*Jeronimo Pinto*, Doutor (105).

*Jeronimo de Sousa Pereira* Presbitero do Abito de S. Pedro, o homem Pardo, foi Mestre da Capella de S. Pedro Gonsalves no Recife de Pernambuco, dutou muitos Descipolos bons em Contraponto tanto em Pernambuco, como em seus seburdios, escreveo varias obras em Muzica.

*Ignacio* por Alcinha o bandurra por tocar este instrumento grandemente, natural da Cidade da Bahia compunha só modas a Duo, e mais vozes, porem eram engraçadissimas (106).

*Ignasio Antonio Celestino* Mestre da Sé da Cidade de Evora, compos algumas obras em Muzica, faleseo no seculo de 700.

*Ignasio de Loiola*, natural da Cidade de Evora.

*Ignacio Noia* Presbitero do habito de S. Pedro natural do Cabo homem douto em Filosofia Theologia, e outras admiraveis faculdades sendo tão bem muito douto em Muzica, foi Mestre da Cappella em S. Antonio do Recife em PranamBUco, dele existem algumas obras em Muzica, tocou muito bem Arpa, e Viola, e fez descretamente bem os versos Latinos e portuguezes.

*Ignacio Terra* Presbitero do Abito de S. Pedro homem Pardo to-

cava muito bem Arpa, e compunha não menos bem a sua Muzica dizem os seus nacionaes que tivera prodigiosa morte por que estando com a sua Arpa em Igarau onde se achava para fazer a Muzica dos Santos Cosme e Damião emprovizadamente largou o Instrumento, e disse que morria, acodirão os amigos a saber que molestia o oprimia, nenhuma respondeu ele, porem morro, para o que mandem me dar a Unção por ter dito nesse dia Missa, e como certificasse com tantas veras o dito, derão ordem ao que ele pedia, e acabando de ungrisse espirou. foi Mestre da Capella da Sé de Olinda donde parese que era natural; fazia descretamente os versos Espanhois e Portugueses.

*Inocencio de Sousa Mialha* Mestre na Real Cappela de Vila Viçosa, Presbitero secular compos quaze todo o salterio de David, e muitas Muzicas de quaresma <sup>(107)</sup>.

*João Alvares Frovo* natural de Lx.<sup>a</sup> subrinho de Gaspar Alvares Lousada, foi Cappellão de ElRey D. João 4.<sup>o</sup>, e Bibliotecario da famosa Biblioteca da Muzica do mesmo Senhor 35 annos, foi Mestre da Cappela da Cathedral da sua Patria, onde em remuneração do seu merecimento obteve hum canonicato que quarta prebenda, entre muitas obras que compos em Muzica não tem menos merecimento a que imprimio intitulada = Defesa do Diatheserão, e louvores do numero quartenario = Faleseo em 1682, contando 74 annos: Jaz na Cathedral de Lisboa dele fala Souza Hist. Geneal. da Caz. Real Portug. Tom. 7 Liv. 7 pag. 241 <sup>(108)</sup>.

*João de Abreu*, natural da Vila de Tomar Compos algumas obras em Muzica, faleseo no seculo de 700.

*João Antonio Prins* natural de Lx.<sup>a</sup>

*João Alexandrino Fr.* Religioso de S. Francisco de Paula, e organista no seu Convento em Lx.<sup>a</sup> onde he natural.

*João Bomba Fr.* Religioso da 3.<sup>a</sup> Ordem de S. Francisco.

*João Cordeiro da Silva* natural da Cidade de Elvas <sup>(109)</sup>.

*João de Christo Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> Monge de S. Bernardo, foi insigne tangedor de órgão, e dos selebres Profesores de Muzica do seu tempo, entre mais obras que escreveo, compos as Calendas do Natal, e de S. Bernardo, e os textos das Paixões a 4 que se cantavão em a Semana Santa, faleseo no Convento de Alcobaça no anno de 1654.

*José de S. Cristovão, F.* Agostinho descalso, natural de Evora Cidade.

*João Crizostomo da Cruz* natural de Vila franca de Xira do Patriarcado de Lx.<sup>a</sup> filho de Manoel Francisco da Cruz, e Maria da Conceição, Presbitero escreveo huma Arte de Muzica intitulada: Methodo breve e claro em que sem preluidade, e confusão se exprimem os necessarios principios para a intelligencia da Arte de Muzica, sahio impreça no anno de 1743 ordenosse de Presbitero no anno de 1731.

*João Dias* natural da Villa de Cea da Provincia da Beira Bispado da Guarda, foi subxantre da Cathedral de Coimbra, e muito perito na faculdade da Muzica em que compos algumas obras, e principalmente em Cantoxão, como deixou manifesto na obra seguinte que Louva muito Pedro Talesio: Enchiridium Missarum solemnium et votivarum cum vesperis, et Completis totius anni nec non officio Defunctorum, et alius justa morem S. R. E. et reformationem Missalis ac Breviari ex Decreto Consilii Tridentini sub mudulammine Cantus et elegantibus notis utiliter, et Laudabiliter in utilitatem publicam Colectum. Conimbricæ apud Antonium Maris. Univ. Typ. 1580. 4.

*João de Escobar*, insigne Proffessor de Muzica, entre mais obras



que compos forã muito estimados os seus motetos a 4. Tambem foi excelente Poeta Comico, forão impressos os seus motetos em Lx.<sup>a</sup> no anno de 1620 imprimiosse huma obra intitulada, Auto do Fidalgo de Florencia que offereseo este Autor a ElRey D. Sebastião.

*João Frz. Feroso* natural de Lx.<sup>a</sup> viveo no seculo de 500 foi muito sciente na Muzica, era Cappelão de ElRey D. João o 3.<sup>o</sup> por ordem deste senhor compos o Passionario da Semana Santa para ouzo da sua Real Cappela, cuja obra se imprimio em Lx.<sup>a</sup> na Offecina de Luis Alvares, no anno de 1543. folio.

*João Fogassa Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Francisco Fogassa e de Luiza da Silva Religiozo da Serra de Ossa, tinha de ElRey D. João o 4.<sup>o</sup> huma Tença de 48000 réis cada anno, foi definidor e Reitor em dois Conventos escozousse de muitas Prelazias, por ser excelente em debuxar com pena, escreveo tres livros para o Coro da Serra de Ossa, onde foi Mestre da Cappela, compos Lições, e Missas a 8, e 12 vozes faleseo em Lx.<sup>a</sup> a 2 de Ag.<sup>o</sup> de 1658 com 69 annos de idade.

*João Gomes* natural da Vila de Veiros em a Provincia Transtagana foi Thesoureiro mor da Cappela Ducal de Villa Viçosa, e muito sciente na Arte de Muzica em que compos algumas obras faleseo em Vila Viçosa no anno de 1653.

*João Joaquim Estrela F.* Religioso Franciscano natural da Cidade de Evora.

*João Glz.* natural da Cidade de Elvas na Provincia do Alentejo foi Muzico em a Cathedral de Sevilha, grande pratico, e não menos especulativo, compos bastantes obras em Muzica.

*João Miz.* Presbitero de exemplar procedimento, foi muito perito na Arte do Cantochão de que teve escola pública, compos huma Arte intitulada Arte de Cantochão, posta, e reduzida em a sua inteira profeição segundo a pratica delle muito nesseçaria para todo o sacerdote, e pessoas que andem saber cantar; cuja Arte foi impressa em Coimbra por Manoel de Araujo no anno de 1603 oitavo, imprimiosse segunda vez por Nicolao Carvalho impressor de Universidade no anno de 1612. Compos algumas obras em Muzica.

*João da Matta Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> religioso da 3.<sup>a</sup> ordem da Penitencia filho de João Machado, e Maria Ferreira, estudou as sciencias severas, e Filosofia no Convento de Vianna, defendeo conclusões públicas de Theologia em o Colegio de Coimbra faleseo em 1738 entre as Composições de Muzica que deixou merecerão maior estimação varios motetos a 4 vozes, e huma Missa a diversas vozes <sup>(110)</sup>.

*João Melgás Ferro* Doutor, natural da Vila de Cuba provincia Transtagana, Irmão de Diogo Dias Melgas de q.<sup>m</sup> já fizemos menção Compos varias obras em Muzica, este autor existio ou no fim do seculo de 600 ou no principio de 700 <sup>(111)</sup>.

*João Mendes Monteiro* natural da Cidade de Evora foi hum dos mais celebres Muzicos da Cappela real de Madrid, era muito especulativo, compos diversos Motetos a 4 e a 5 vozes <sup>(112)</sup>.

*João da Nativid.<sup>e</sup> Fr.* natural da Vila de Torres Vedras do Patriarcado de Lx.<sup>a</sup> religioso Trinitario em a mesma cidade, foi Ministro Convento de Lagos, e Alvito, na Arte da Muzica compos diversas obras igualmente gratas ao ouvido que conformes aos preceitos, não teve menor talento para o Pulpito, faleseo em 1709 tinha pronto para a impressão 3 tomos de sermões, dos quaes se publicou só hum que hé o seguinte oração funebre e Panegirica nas honras que á Serenissima Senhora D. Ma-

ria Sofia Izabel Rainha de Portugal se selebrarão na Igreja Matriz da Cidade de Lagos, Lx.<sup>a</sup> por Felipe de Sousa Vilela 1700 4.

*João Nunes Freire* q. julgamos ser natural da Cidade do Porto, onde ensinou gramatica Latina.

*João Pedro*, chamado por antenomazia o Gago, que julgamos ser natural da Provincia Transtagana, compos diversas obras em Muzica, e com especialidade escreveo Arias graciosas <sup>(113)</sup>.

*João Pedro Thomas*, Muzico Instrumentista da Camara Real <sup>(114)</sup>.

*João o 4.º* Serenissimo ElRey de Portugal nasceo em Vila Viçosa no anno de 1604 foi f.º do Serenissimo Duque D. Theodosio 2 do nome, e 7 Duque de Bragança e de D. Anna de Velasco filha de D. João Fñz. de Velasco Condestavel de Castela 6 Duque de Frias, foi na Muzica Cientifico, communicou excellentes composições em nome suposto, poreo por superiores logo erão conhecidas. Ajuntou a mais copiosa, e rara Livraria de Muzica tanto impressa, quanto manuscrita, que até ao presente se vio. todos os dias depois de jantar se intertinha huma hora no recreio de tão divina Arte. Consta por tradição certa, que hum grande Fidalgo do seu tempo, vendo que ele estimava hum Proffessor sumamente sabio em Muzica, lhe dicera V.<sup>a</sup> Magestade estima este sugeito como se fosse das principais pessoas da Corte, ao que rindosse lhe respondeu = olhai titulos e grandezas posso eu fazer todas as horas, porém homens de merecimento, e raros só Deos os faz = Similhante cazo succedeo em França, e Parma. Fez imprimir huma obra intitulada = Defenssa da Muzica moderna contra a errada openião do Bispo Cirilo Franco, cuja obra se imprimio em Lx.<sup>a</sup> no anno de 1649 cuja obra ofresseo a seu Mestre João Lourenço Rabello <sup>(115)</sup>.

*João Pexina*, natural de Lx.<sup>a</sup> organista da real cappela de N. Senhora da Ajuda, compos varios salmos a 3, e 4 vozes <sup>(116)</sup>.

*João Pinheiro Fr.* natural da Villa de Thomar Religioso da Ordem de Christo em o real Convento da mesma Villa, compos diversos Livros que se conservão no dito Mosteiro, compos a Antefona Ave Regina Caelorum a 3 coros e outras obras mais <sup>(117)</sup>.

*João Pinheiro de Miranda*, Quartanario na Sé de Lx.<sup>a</sup> compos varias obras em Muzica com muito aserto.

*João da Purificação* natural de Lx.<sup>a</sup> Conigo secular da Congregação do Evangelista, e M.<sup>o</sup> da Cappela em o Convento de S.<sup>to</sup> Eloy de Lx.<sup>a</sup> foi insigne na Arte da Muzica, compos diversas obras as quaes se conservão nas Bibliotecas dos Conventos da sua Congregação, faleseo em 1651 <sup>(118)</sup>.

*João Rodrigues Fr.* cujo instituto que proffessou se ignora: existio no Seculo de 500, Escreveo algumas obras em Muzica, e huma Arte de Cantochão que se imprimio em 1560 <sup>(119)</sup>.

*João Rodrigues Esteves* foi mandado pelo senhor ElRey D. João 5.º estudar a Roma, foi mestre do real Seminario da Muzica de Lx.<sup>a</sup> alem de varias que compos forão 2 Te Deus para se cantarem nas reaes presenças, em dia de S. Silvestre sendo hum dos ditos Te Deus a quatro Coros, faleseo no seculo de 700 <sup>(120)</sup>.

*João de Seixas da Fonseca* natural da Cidade de S. Sebastião Capital do Rio de Janeiro, filho de Francisco de Seixas da Fonseca, e de Maria da Roxa Fiussa, recebeu o Monastico de S. Bento na cidade da Bahia, passando a Roma recebeu grandes estimações do Papa Clemente 13, e o creou Bispo de Areopoli em 1713. Compos diversas obras em Muzica.

*João de S.<sup>ta</sup> Maria D.* natural da Villa de Terena Provincia Trans-

tagana conigo regrente de S.<sup>ta</sup> Agostinho, foi 40 annos Mestre da Cappela do real Convento de S. Vicente de fora, faleseo com manifestos signaes de predestinado em o Convento de S. Salvador de Grijó no anno de 1654 Compos 3 livros de Contraponto, os quaes ofereseo ao Senhor El-Rey D. João 4.<sup>o</sup> (121).

*João da S.<sup>a</sup> Moraes* sacerdote in minoribus nasceo em Lx.<sup>a</sup> foi Mestre da S.<sup>ta</sup> Caza da Misericordia, e depois exerceo o mesmo ministerio na Cathedral da mesma Cidade: as suas composições são infinitas, de todas ellas faz menção a Biblioteca Luzitana, entre as ditas achão-se 4 Mizereres a 3 coros, foi filho de Antonio da S.<sup>a</sup> Moraes, e Domingas Rodrigues, faleseo no seculo de 700 (122).

*João da S.<sup>a</sup> Presbitero* natural de Campo maior Cappelão em V. Vigosa fez uma celebre obra intitulada Batalha naval, e campal em Muzica.

*João Soares Rebelo*, ou *João Lorenzo Rebelo* nasceo em a Villa de Caminha Provincia de Entre Douro, e Minho no anno de 1624 quando contava 15 annos de idade foi ademitido ao servisso da Serenissima Casa de Bragança, foi comendador da ordem de Christo, dizia delle o serenissimo El Rey D. João o 4.<sup>o</sup> que tendo noticia dos talentos de tantos e tão grandes Proffessores de Muzica, não tinha achado outro q'igualasse ao de Rebello, meresseo que o dito Senhor lhe dedicasse a obra intitulada Defença da Muzica Moderna, contra a errada openião do Bispo Cirilo Franco. A maior parte das suas obras dedicou ao obsequio dos Templos, sendo o Theatro dos principaes a Cappela real onde era Mestre, seu irmão Marcos Soares Pereira; mereseo ser Mestre do Serenissimo Duque de Bragança depois 4.<sup>o</sup> Rey de Portugal que lembrandosse do seu ensino, lhe deo o foro de Fidalgo da sua Caza, por Alvará de 1646, e as comendas de S. Bartolomeu do Rabal, e de S. Maria de Monção, donatario das Jugadas de Penalva, e colheitas de Gufar. Cazou no anno de 1652 com D. Maria de Macedo, filha de Domingos Riz de Macedo Desembargador da Casa da Suplicação, e Provedor das Lezirias de Santarem, deste Autor fazem menção D. Francisco Manoel chamando lhe nas suas obras metricas avena de Tersicore, tom. 15 o insigne Mestre real João Soares de Brito, Theatr. Luzit., Liber. L. n. 46 in arte Muzica peretissimus, D. Antonio Caetano de Souza Hist. Gen. da Casa real Portug. Tom. 7 pag. 241 este celebrado Autor foi filho de João Soares Pereira, e de Domingas Lourenço Rebello (123).

*João de Sousa* (124).

*João de Sousa de Carvalho* (125).

*João Vaz Barradas muito pão, e Morato* nasceo em a Cidade de Porto Alegre em a Provincia Transtagana, depois de ser Mestre do coro da Parroquia de S. Nicolao, servio o mesmo cargo na Basilica de S.<sup>ta</sup> Maria desta Conte, escreveo diversas obras, entre as quaes farei menção das seguintes. Preceitos Ecclesiasticos do Canto firme para beneficio, e uzo comum dos coros. Item: Flores Muzicaes colhidas no Jardim da milhor Lição de Varios A.A. Arte pratica de Canto de Orgão. Indice de Cantoria para principiantes com hum breve rezumo das regras mais principaes do Canto chão, e regimen do Coro, e uzo Romano para os Subxantres, e Organistas. quem quizer ver as mais obras que compos veja a Biblioteca Luzitana morreo no seculo de 700 foi filho de Manoel Barradas Soria, e Isabel Lopes.

*João Vitoriano Jacomo Feliz* natural de Lx.<sup>a</sup> Organista da Sé da mesma Cidade.

*Joaquim Cardote*, organista da Real Capela de N. S.<sup>a</sup> da Ajuda compos varias obras em Muzica (126).

*Joaquim Moreira* natural de Lx.<sup>a</sup> Organista da real Cappela da Bemposta, compos varias obras em Muzica, faleseo no seculo de 700.

*Joaquim Pecorario* cantor da real Capela de N. S.<sup>a</sup> da Ajuda naseo em Lx.<sup>a</sup> (127).

*Joaquim do Valle Mexelin* foi mandado pello Snr. Rey D. João 5.<sup>o</sup> a estudar Muzica a Roma, foi muzico da real Cappela de Lx.<sup>a</sup> compos varias obras em Muzica faleseo no seculo de 700 (128).

*José Agostinho de Mesquita* natural de Lx.<sup>a</sup> escelente organista compos Missas, Salmos, Responsorios, Serenatas, e muitas tocadas de Cravo.

*José de Almeida*, clarim ã foi de sua Mgg.<sup>de</sup> compos algumas obras em Muzica, faleseo no seculo de 700.

*José Alvares Mosca* organista da Patriarcal de Lx.<sup>a</sup> escreveu varias obras em Muzica (129).

*José Antonio Carlos de Seizas* natural da Cidade de Coimbra filho de Francisco Vaz, e de Marcelina Nunes, cavalleiro professo da Ordem de Christo, contador do Mestrado da Ordem Militar de S. Tiago, athé ao presente não teve Portugal outro organista tão famoso, quis o Sere-nissimo Senhor Infante D. Antonio que o grande Escarlata, pois se achava em Lx.<sup>a</sup> no mesmo tempo lhe desse alguma Lição regulandosse por aquella idéa errada de que os Portugueses por mais que fação nunca che-gão a fazer o que fazem os Estrangeiros, e o mandou ao ditto; este ape-nas o vio por as maos no Cravo cunhecendo o Gigante pelo dedo lhe disse = Vossa mercê hé que me pode dar Lições, e encontrandosse com aquele Senhor lhe disse = V.<sup>a</sup> Alteza mandome examinar, pois saiba que aquele sugeito hé dos maiores Proffessores que eu tenho ouvido. Foi ademitido para organista da Patriarcal contando 16 anos faleseo em 1742 jaz se-pultado no Carneiro da Irmandade do Santissimo da Bazilica de S.<sup>ta</sup> Maria, as suas composições quaze se não podem reduzir a numero, e suposto que a Biblioteca Luzitana diga que compos 700 tocatas de Cravo, compos mais de mil, não falando naquelas que não escreveu, compos Missas, a 4 e a 8 vozes, e hum Te Deum a 4 coros, e infinitas composições em Mu-zica, foi Alferez, e Capitão do Mestre em a Companhia do Ex.<sup>mo</sup> Visconde de Barbassena em 1733 hum mes depois da sua morte lhe fez a comuni-dade da Graça solenes exequias no seu Convento a que aestio grande parte da nobreza da Corte.

*José Antonio dos Reis* Presbitero natural da Cidade de Evora foi Mestre da Cappela do Eminentissimo Cardeal Patriarca em S.<sup>to</sup> Antonio do Tojal, e depois exerceo o menisterio de Mestre da Cappela, e reitor do Seminario da Sé de Evora sendo ultimamente Beneficiado da mesma Sé, compos em Muzica Missas, Salmos, Responsorios, Misereris, e otras obras mais.

*José Claudio de Almeida* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Claudio Antonio de Almeida (130).

*José Gomes Pe.*

*José Joaquim dos Santos.*

*José Joaquim Pazão*, naseo em Lx.<sup>a</sup>

*José do Loreto F.* Religioso Franciscano.

*José Luiz.*

*José Maurisio* Mestre da Capela da Sé de Coimbra, natural desta Cidade (131).

*José Priano* Organista da Se de Lx.<sup>a</sup> tambem tocava Salterio. compos varias obras em Muzica, faleseo no seculo de 700.

*José Rabicas Fr.*

*José Riz Vilela.*

*José da Silva Reys* natural de Lx.<sup>a</sup> sacerdote in minoribus foi hum dos bons violoncelos do seu tempo, compos em Muzica, Salmos, Responsorios, Arias, e outras obras mais, faleseo no seculo de 700.

*Jolião Rosado Tavares* Mestre da Cappela de Evora.

*Izidoro Alvares* natural da Cidade do Porto (132).

*Leocadio* (133).

*Luiz de Pina e Mendonça* Cavalleiro Proffesso na ordem de Christo f.<sup>o</sup> de Pedro de Pina Ozorio, e de Luiza Ozorio da Fonseca senhores de Caza de Remela; nasceo na Cidade da Guarda solar da sua nobre familia, foi alumno da Suciedade Real de Londres, faleseo na sua quinta chamada de Pombo junto da Cidade da Guarda jaz sepultado na Cappela de N. Senhora da Conceição que edificou junto á sua mesma Quinta; entre muitas obras que escreveo de varias faculdades, compos na da Muzica o seguinte: opusculos pertencentes á Thioria, e pratica da Muzica (134).

*Luciano Xavier dos Santtos* natural de Lx.<sup>a</sup> organista da real Cappela dos Passos da Bemposta (135).

*Luis Alvares Pinto* natural de Pranambuco homem pardo, excellente Poeta Portuguez e Latino, m.<sup>to</sup> inteligente na Lingua Francesa, e Italiana; acompanhava muito bem rabecão, viola, rabeca veio a Lx.<sup>a</sup> aprender contraponto com o selebre Henrique da Silva, tem composto infinitas obras com muito aserto principalm.<sup>t</sup> Ecclesiasticas; compos ultim.<sup>a</sup> humas exequias á morte do Senhor Rey D. José o I a quatro coros, e ainda em composições profanas tem escrito com muito aserto.

*Luiz Bernardes* advogado da Caza da Suplicação em Lx.<sup>a</sup> foi grande theorico compos varias obras em Muzica.

*Luiz de Christo Fr.* Religioso Carmelitano Calçado natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Thomas Dias, e de Sebastiana Gomes, foi m.<sup>to</sup> perito na Arte da Muzica, e destrissimo em Tanger órgão, cujo exercicio teve por m.<sup>tos</sup> annos na Cathedral da sua Patria; compos entre muitas obras a 4 vozes as Paixões dos 4 Evangelistas faleseo a 7 de Setembro de 1693.

*Luis das Xagas Fr.* Religioso da 3.<sup>a</sup> Ordem da Penitência, natural de Vila Nova de Portimão em o Reino do Algarve, e depois de ser muitos annos Vigario do Coro, e M.<sup>o</sup> dos Noviços em Lx.<sup>a</sup> foi eleito Menistro do Convento de S. Franc.<sup>co</sup> junto da Cidade de Silvis em o Reyno do Algarve, faleseo em o Convento de Lx.<sup>a</sup> a 22 de Dezb.<sup>o</sup> de 1640 compos muitas obras de Muzica, igualm.<sup>te</sup> suaves q. scientificas.

*Luiz José* natural da V.<sup>a</sup> de Borba Cappelão da real Cappela de Vila Viçosa fez entre outras obras hum Te Deum com instrumentos.

*Luiz de S.<sup>to</sup> Antonio Craveiro Fr.* Religioso da 3.<sup>a</sup> Ordem da Penitencia, natural de Lx.<sup>a</sup> foi excelente organista, compos varias obras em Muzica, faleseo no seculo de 700.

*Luiz de S. Caetano Fr.* filho de Manoel Martins de Freitas nasceo em Felgueiras na Comarca de Guimarães, profesou o Instituto Sarafico na Provincia de Portugal no Convento de S. Francisco de Guimarães, depois de estudar as sciencias escolasticas, e ter patente de Pregador exercitar o officio de Vigario do Coro do Convento de Lx.<sup>a</sup> compos a Muzica de huma obra intitulada Coroa Sarafica desida de pura, e fragantes flores, cuja se imprimio em Lx.<sup>a</sup> na Officina Joaquiniana da Muzica em o anno de 1744. 4.

*Luis da Maya Croecer* assistio na Freguesia de S. João do real Convento da S.<sup>a</sup> Cruz de Coimbra, alem de mais obras escreveo huma

Arte de Cantoxão, cuja se imprimio em Coimbra na Officina de Antonio Simões Ferreira no anno de 1741. 4 — (136).

*Manoel da Apresentação F.* Religioso da terseira ordem Franciscana natural de Evora cidade.

*M.<sup>o</sup> da Asunção*, natural de Lx.<sup>a</sup> Muzico q̃. foi da Patriarcal.

*Manoel Cardoso Fr.* Carmelitano Calçado natural da Vila de Fronteira Provincia Transtagana, filho de Francisco Vaz, e Izabel Cardoza, rarissimo Organista e Contrapontista do seu tempo, tanto em Portugal, quanto em Castela; cujos Monarcas Filipe 2.<sup>o</sup>, e D. João o 4.<sup>o</sup> estimarão sumamente, este Senhor o hia vizitar muitas vezes á sua cela, e quando mandou ornar a sua Biblioteca Muzical com o retrato dos Proffessores mais insignes, quis que fosse o primeiro o seu entre as suas composições que forão muitas; hé muito celebre a Missa que por mandado de ElRey Filipe 2.<sup>o</sup> emgenhosamente compos sobre as palavras: Philipus Quartus. Levou á Corte de Madrid hum livro de Missas que tinha composto, e oferecido á Magest.<sup>e</sup> de Filipe o 4.<sup>o</sup>, de cujo Senhor recebeo hum duntivo, e lhe ordenou que fizesse o compasso na Cappela real aos seus cantores; deste Autor fazem menção Nicol Ant.<sup>o</sup> Bib. Hisp. Tom. 1 pag. 236 col. 2 Manoel Rodrigues Coelho no Prolog. das Flor. da Muzica. Carvalho Corog. Portug. Tom. 3. Livr. 2. Trat. 8 cap. 47 Pag. 627. João Soares de Brito Theatr. Lusit. Litter. Lit. E. n. 26, morreo repentindo o hinno Te Deum Laudamus em 1650.

*Manoel Cardoso* natural de Lx.<sup>a</sup> Cappelão da Cappela real de El Rey D. João o 3.<sup>o</sup> foi Thezoureiro mor da Cathedral de Leiria, compos entre diversas obras a seguinte = Passionarium juxta Capelae Regiae Lusitanae Consuetudinem Accentus rationem integre observans Leiriae per Antonium de Mariz 1575 fol.

*Manoel Carneiro Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Antonio Carneiro, e de Anna de Figueiredo, foi muito scientifico na Muzica, e pela destreza com q̃ tocava órgão foi admitido na Religião Carmelitana no Convento Patrio. Compos diversas obras em Muzica a 2 coros. faleseo a 29 de Agosto de 1695.

*Manoel Correa Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> da Ordem Carmelitana sendo Mestre no seu Convento de Madrid passou a exercer este menisterio na Cathedral de Saragossa, onde faleseo, entre as suas obras huma das mais estimadas foi o Moteto Adjuva nos Deus a 5 vozes (137).

*Manoel Correia* natural de Lx.<sup>a</sup> Cappelão na Cathedral de Sevilha, foi insigne na Arte da Muzica, compos huma Salve Regina a 4 vozes, e outras obras mais a 6 vozes (138).

*Manoel Correia*, Racioneiro em Sevilha natural de Lx.<sup>a</sup> onde pelos annos de 1630 teve pela sua vasta sciencia as maiores estimações; compos, e emprmio obras excelentes em Muzica (139).

25 *Manoel Dias* natural da Cid.<sup>e</sup> de Elvas Mestre da Cappela da Sé da mesma; compos huma Arte, e varias obras da Quaresma em Muzica (140).

*Manoel Dias da Ressurreição*, Mestre Geral das Capelas de todas as Igrejas da Cid.<sup>e</sup> da Ilha de S. Tomé, e natural da mesma Cid.<sup>e</sup> compoz varias obras em Muzica com muita sufisencia, fez muito bem os versos Latinos, portugueses e castelhanos.

*Manoel Fernandes* natural da Cid.<sup>e</sup> de Funxal capital da Ilha Terceira, e conigo da Se da d.<sup>a</sup> Cid.<sup>e</sup> (141).

*Manoel Francisco Velozo*. organista, q̃ foi da Sé de Lx.<sup>a</sup> Compos algumas obras em Muzica, faleseo no seculo de 700.

*Manoel de Jesus e Nascimento*, Presbitero do abito de S. Pedro,

cura de huma das freguesias da Cid.<sup>a</sup> da Ilha de S. Tome, e natural da mesma Cid.<sup>a</sup> tem composto algumas obras em Muzica com m.<sup>to</sup> acerto he douto na predica de q̃ uza muitas vezes.

*Manoel Leitão de Avilis* natural da Cid.<sup>a</sup> de Portalegre da Provincia Transtagana, foi Mestre da Cappela Real de Granada, onde faleseo forão muito estimadas as suas Missas, que compos, huma a 8 vozes, e outra a 12 (<sup>142</sup>).

*Manoel Lopes Cardoso* Presbitero secular natural de Elvas, foi Mestre da Cappela, e de ceremonias na Sé da mesma Cid.<sup>a</sup> compos muitas obras em Muzica (<sup>143</sup>).

*Manoel Machado* natural de Lx.<sup>a</sup> Escrivão das Terras da Raynha, foi muzico da Cappela de El Rey de Castela, entre as suas muitas obras q̃ compos tiverão mais estimação as seguintes = Cogitavit Dominus Lamentação da 5.<sup>a</sup> f.<sup>a</sup> maior a 4. Salve Regina a 8 vozes (<sup>144</sup>).

P.<sup>o</sup> *Manoel Mendes* Leu Muzica em a Cid.<sup>a</sup> de Evora foi Mestre da Cathedral de Portoalegre donde era natural, imprimio huma Arte desta faculd.<sup>a</sup>, era chamado por antenomazia o Principe da Muzica, e quando foi Arcebispo de Evora o Serenissimo Cardeal D. Henrique teve este Autor aula publica de Muzica tendo por discipulos a Manoel Rabelo, Duarte Lobo, Simão dos Anjos, Francisco Mendes de Gouveia e Filipe de Magalhães, compos Missas a 4 e 5 vozes, Magnificas a 4 e 5 vozes, faleseo na sua Patria no ano de 1605 dele fazem menção o P.<sup>o</sup> Fonseca, Evor. Gloriz. p. 413, e M.<sup>el</sup> de Faria e Sousa na 2 Part. da Fuent. de Aganip.; Estanc. 71 (<sup>145</sup>).

*Manoel Olanda*, Presbitero, natural de Evora Cidade, compos algumas obras em Muzica, faleseu no seculo de 700.

*Manoel Pouzão Fr.* natural do Landroal da Provincia Transtagana, f.<sup>o</sup> de Lourenço Riz, e de Brites Friz, Religioso Graciano, foi Vizitador da sua Provincia; faleseo em Lx.<sup>a</sup> a 17 de Junho de 1683 entre diversas obras que compos entrão as seguintes = Liber Passionum et eorum quae a Dominica Palmarum usque ad Sabbatum Sanctum Cantari solent. Lugduni apud Petrum Guillimin fol. Missa de defuntos a 8 vozes, mereseo grandes estimações do Serenissimo Monarca D. João o 4.<sup>o</sup> (<sup>146</sup>).

*Manoel da Porificação* natural da Cidade do Porto onde estudou Gramatica com o insigne Mestre João Nunes Freire, e Muzica com Izidoro Alvares deixando o seculo se recolheo á Congregação do Evangelista pela profunda sciencia da Sagrada Theologia foi Laureado na Universidade de Coimbra com as insignias Douturaes, compos algumas obras em Muzica, foi Reitor do Convento da Feira, faleseo no anno de 1694 dele faz menção o P.<sup>o</sup> Francisco de S. M.<sup>a</sup> Ant.<sup>o</sup> Caetano de Souza Ap. paral. á Hist. Gen. da Caz. Real Portug. pag. 65 e 49.

*Manoel Rabelo* natural da Vila de Aviz da Provincia Transtagana, foi peretissimo em Muzica, e Mestre dela na Cid.<sup>a</sup> de Evora, compos bastantes obras, onde se achão as seguintes = Parece mihi a 6 vozes, 4 Misereres a 3 coros, Missa a 12 vozes, deste Autor faz menção Manoel de Faria e Sousa Fuent. de Aganip. Part 2 Poem. 10 Estanc. 72 (<sup>147</sup>).

*Manoel Rodrigues Coelho* da Cidade de Elvas, foi insigne Proffesor de Muzica, e destrissimo tangedor de muitos instrumentos, cujos exercitou nas Cathedraes da sua Patria, foi Cappelão da real Cappela, onde pelo expaço de 20 a. tocou Arpa e orgão, entre mais obras escreveu hum Livro intitulado: Flores de Muzica para o instrumento de tecla, e Arpa impresso no anno de 1620 na Officina de Pedro Crasbeek (<sup>148</sup>).

*Manoel dos Santos Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de Antonio Ferr.<sup>a</sup>, e

Maria da Silva, da religião de S. Paulo 1.º Eremita no Convento da sua Patria, foi compositor da Cappella real, de que tinha cada anno 600 mil reis, não foi menos famoso organista, entre muitos e excelentes obras que fez são de maior estimação o Miserere a 3 coros, hum Te Deum a 3 coros feito para se cantar na Cappella real no anno de 1708 quando foi recebida a Serenissima Raynha D. Mariana de Austria, faleseo em 1737 (149).

*Manoel Soares* Presbitero secular do Abito de S. Pedro natural de Lx.ª Cultivou profundamte a Arte da Muzica Compos Salmos a 4, e mais vozes para todas as festas da Igreja e outras obras muito profundas, e de merecimento, e na Arte da Muzica era eminente em ser especulativo, não se quiz acabar de ordenar por escrupulos, faleseo no seculo de 700 (150).

*Manoel Soares Per.ª* natural da Vila de Caminha na Provincia de Entre Douro, e Minho, filho de João Soares Per.ª, e de D. Dom.ªs Lourença Rebelo, foi Mestre da Cappella Ducal de V.ª Viçosa, e depois da Cappella Real do Serenissimo REY D. João 4.º entre as muitas obras que fez se incluem as seguintes = Missa a 12 vozes, Te Deum a 12 vozes (151).

*Manoel Tavares* natural da Cid.ª de Portalegre em a Provincia Transtagana, foi chantre da Cappella Real de Mursia, e Cuenca onde morreu, entre muitas obras, compos as seguintes = Moteto a N. Snr.ª, Veni in hortum meum a 8, Dixit, Dominus a 14, Beatus vir a 12, Lauda Jerusalem a 12 (152).

*Marcelino Religioso Trino* (153).

*Marcos An.to de Portugal*, nasceu em Lisboa (154).

*Marcos Soares Pr.ra P.e* natural da Vila de Caminha Provincia de Entre Douro, e Minho, famoso Proffesor de Muzica: Irmão do famoso João Soares Rebelo, foi eminente na sciencia da Muzica, foi Mestre da Cappella Ducal de Vila Viçosa, e depois Mestre da Capella real do Serenissimo REY D. João o 4.º, entre muitas obras que compos compos hum Te Deum a 12 vozes, e Missa a 12 vozes, e as Lições do Officio de Defuntos a 8, e 16 vozes (155).

*Maria de Castro D.* não só foi peritissima em a Arte de Muzica em que compos, mas tambem em Filosofia, e Theologia, dela faz menção Theatro Heroino, tom. 2 pag. 275.

*Martinho de S.ª Monica Fr.* natural de Évora f.º de Manoel Miz, e Ursula Riz relegioso Agostiniano, foi M.º da Cappella do seu Convento de Lx.ª; e dos Noviços, Compos em Muzica diversas obras, faleseo no seculo de 600.

*Marianna de Abreu* natural da vila de Abrantes do Bispada da Guarda não só foi sabia em Muzica em que compos, mas na lingua Latina, e Filosofia, das suas obras faz menção o Theatro Heroino, tom. 2 pag. 282 (156).

*Marteniano.*

*Mathias de Sousa Vila Lobos* natural da Cid.ª de Elvas, e Bacharel na faculd.ª de Dereito Cesario pela Universid.ª de Coimbra e M.º da Cappella da Cathedral da sua Patria, compos huma Arte de Cantochão impresa em Coimbra por Manoel Riz de Alm.ªs no anno de 1688, tinha pronto p.ª dar a impreção hum livro de preceitos de Muzica, e regras de contraponto (157).

*Miguel de Azevedo F.* Religioso Carmelita Calsado, natural da Cidade de Evora, foi Provinsial.

*Miguel Leal Fr.* natural de Lx.ª Monge de S. Bernardo, entre as obras que compos, he de maior credito a Missa a 9 coros com varios instrumentos, foi Prior em o Convento de N. Senhora do Desterro de Lx.ª,



teve igualm.<sup>te</sup> grande talento para a sciencia severa, que para o Pulpito (158).

*Miguel da Natividade* F. natural da villa de Ovidos do Patriarcado de Lx.<sup>a</sup> Monge de S. Bernardo, foi cantor mor de Alcobaça, e Mestre da Capella, compos muitas obras, sendo de maior estimação 28 salmos das Vesperas Cistercienses (159).

*Nicolao Dias Velasco*, Muzico da Camara de ElBey Catholico Felipe 4; e de seu Irmão Cardeal Alberto; compos huma obra intitulada Nuevo Modo de cifra para tañer la guitarra, impressa em Napoles por Egidio Longo 1640 4. foi destrissima tangedor de viola.

*Nicolao da Fonseca* natural de Lx.<sup>a</sup> foi Mestre da Cappella da sua Patria, e Conigo de 4.<sup>a</sup> Prebenda, entre muitas obras que compos teve muito merecimento a Missa a 16 vozes (160).

*Nicolao Ribeiro Paço Vedro*. Presbitero do abito de S. Pedro foi mestre do real Seminario de Muzica da Patriarcal de Lx.<sup>a</sup>, escreveu varias obras em Muzica, hé natural da Vila Alenquer, e hoje hé Beneficiado (161).

*Nicolao Tavares* natural da Cid.<sup>e</sup> de Portalegre da Província Trans-tagana; foi Mestre das Cathedraes de Cadiz, e Cuenca, onde faleseo n id.<sup>e</sup> de 25 a., deixou compostas varias obras Muzicaes (162).

*Nuno da Conceição Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> filho de João Soares Cardozo, e Francisca Coutinha; Relegioso Trino, foi Lente de Muzica em a Universidade de Coimbra, tomando posse a 22 de O.bro de 1691 Compos salmos, Hinos e Motetes a diversas vozes, faleseo no Collegio de Coimbra a 8 de Fevereiro de 1737.

*Nuno da Cunha* natural de Pernambuco, onde era julgado o melhor Compozitor que até o presente tiverão compunha a 4 e a 8 vozes sem fazer partitura, contão os seus nacionaes, que de prepozito os seus inimigos lhe perderão huma voz de huma Missa, e ele escreveu estantiam.<sup>te</sup> as outras vozes, e a olho lançou a que lhe tinham perdido.

*Pedro Alvares Moura* natural de Lx.<sup>a</sup>, Conigo de meia Prebenda na Cathedral de Lamego, e depois de Coimbra, foi insigne Proffessor de Muzica, teve em Roma grandes estimações e lá imprimiu a obra seguinte:

Livro de Motetos a 4, 5, 6 e 7 vozes. Romæ apud Niculaum Mutium 1594 4 este Autor em Roma foi muito estimado pelo Eminentissimo Cardeal Ascanio Colona floreseo no seculo de 500 (163).

*Pedro Antonio Avondano* Proffeso na Ordem de Christo natural de Lx.<sup>a</sup> foi rabeca da Camara de Sua Magest.<sup>e</sup>, foi excelente Compozitor, a sua Muzica tinha grande harmonia, e muita nuvid.<sup>e</sup>, compos Salmos, Missas, e hum Te Deum muita Sonata instrumental, e muita tocata de Cravo, tambem compos a Muzica de huma Opera Burlesca que se executou em Salvaterra na presença do Serenissimo Snr. D. José 1.<sup>o</sup> Cujá opera se intitulava Il Mundo del la Luna, que teve excelente aceitação faleseo no seculo presente (164).

*Pedro da Conceição Fr.* natural de Lx.<sup>a</sup> Relegioso Trino, foi na Arte da Pouzia, e da Muzica insigne, entre varias obras suas, tiverão mais estimação as seguintes = Muzica a 4 coros para huma Comedia que se representou no Paço em aplauzo da vinda da Serenissima Rayinha D. Maria Anna de Haustria. Vilhancicos a 3, a 4, e a 8 para o Convento de Odivellas, faleseo na hid.<sup>e</sup> de 21 annos a 4 de Janeiro de 1712.

*Pedro Esteves F.* Religioso da 3.<sup>a</sup> ordem Franciscana natural da Cid.<sup>e</sup> Evora.

*Pedro Fernandes* q̃ julgamos ser natural da Cid.<sup>e</sup> de Beja pro-

vincia Transtagana floreseo no seculo de 500 foi M.<sup>e</sup> da Se de Sevilha as suas obras se impremirão em Veneza no anno de 1588 <sup>(165)</sup>.

*Pedro da Fonseca Lucio* natural da vila de Campo mayor em a Provincia Transtagana, foi Mestre de Muzica na Cappela Ducal de Vila Viçosa em 1640 compos diversas obras em Muzica, faleseo no seculo de 600 <sup>(166)</sup>.

*Pedro Guerreiro* natural da Cid.<sup>e</sup> de Beja provincia Transtagana na idade de 18 anos era já tão consumado em Muzica q̃ foi ocupar o mes-trado da Capela da Sé de Jaen, e depois exerseo o mesmo lugar na sé de Malaga, levando a primazia a m.<sup>tes</sup> opozitores, foi do seculo de 500 Compos muita obra em Muzica <sup>(167)</sup>.

*Pedro Pimentel* natural de Lx.<sup>a</sup> destrissimo organista cujo menis-terio exercitou por muitos annos na Cathedral da sua Patria, Compos huma obra intitulada Livro de Cifra de varias obras para se tangerem no orgão, cuja obra afirma q̃ se imprimio João Franco Barr.<sup>to</sup> na Bib. Portug. M. S. em 4. faleseo no anno de 1599.

*Pedro do Porto* natural da Cid.<sup>e</sup> q̃ tomou por apelido, foi Mestre de Muzica na Cathedral de Sevilha, e da Cappela dos REYS Catholicos, foi muito estimado de El Rey D. João o 3.<sup>o</sup> entre as suas obras Muzicaes teve a primazia o Moteto que comesava *clamabat autem Jesus*, a esta obra chama o Princepi dos Motetos João Barros nas antiguidades de Entre Douro, e Minho cap. 7 aestio na Cidade de Evora quando nela estava a corte <sup>(168)</sup>.

*Pedro Sanches de Paredes* filho de Salvador Sanches de Paredes, natural da Vila de Ovidos do Patriarcado de Lx.<sup>a</sup> onde foi Beneficiado formado na faculd.<sup>e</sup> dos Sagrados Cánones, foi insigne humanista, e Egregio Compozitor de Solfa compos Arte de Gramatica para em breve se saber latim Composta em linguagem, e versso Portugues. Impressa em Lx.<sup>a</sup> por Vicente Alvares no anno de 1610 Compos em Muzica Lamenta-ções da Semana Santa de varias vozes, e Vilancicos p.<sup>a</sup> a noite de Natal, faleseo em a q.<sup>ta</sup> de Pedro Sanxes Farinha seu Primo situada junto do Convento de N. Sr.<sup>a</sup> da Luz no termo de Lx.<sup>a</sup> 13 de Abril de 1635.

*Pedro Talezio* Presbitero insigne Proffesor de Muzica, cuja fa-culd.<sup>e</sup> ensinou na Universidade de Coimbra onde ocupou a Cad.<sup>ta</sup> de Mes-tre em 1613, tendo já sido M.<sup>e</sup> da Cathedral da Guarda foi o primeiro que ordenou neste reino Muzica de Coros, e canto chão, ele foi o que insti-tuiu a Irmand.<sup>e</sup> dos Muzicos em obzequio de S.<sup>ta</sup> Césilia sua Protectora, publicou huma Arte de Canto chão com huma breve instrução p.<sup>a</sup> os Sa-cerdotes, Diaconos, e Subdiaconos, e mossos do coro conforme o uzo Ro-mano, cuja Arte se imprimio 2 vezes em Coimbra, huma no anno de 1617, e outra no anno de 1628, tinha pronto huma Arte de Canto de orgão, a qual se não imprimio por não ter a impreção de Coimbra, Caracteres Muzicos <sup>(169)</sup>.

*Pedro Vaz Rego* nasceo na Vila de Campo Maior da Provincia Transtagana, filho de Manoel Vaz Rego, e Brites Lopes, foi Mestre de Muzica da Cathedral de Elvas, e ao depois foi Reitor do Seminario, e Mes-tre da Cappela da Claustra de Evora, em cuja Cathedral foi Baxarel fez nobremente todo o genero de Verssos Portugueses, e castelhanos, escre-veo muitas obras em Pouzia, humas impressas em Evora na officina da Universid.<sup>e</sup> em os annos de 1690 1705, e outras em Lx.<sup>a</sup> na Offecina da Muzica em 1729, e 1730 Compos em Muzica Missas a 4 coros, Salmos, a 4 coros, e muitas obras mais, cujas se conservão no cartorio da Muzica da Cathedral de Evora, faleseo em Evora a 8 de Abril de 1736 quando

contava 66 annos de hid.<sup>e</sup> Jaz sepultado no Convento da Cartuxa situado fora desta Cid.<sup>e</sup> O S. Rei D. João 5.<sup>o</sup> q.<sup>do</sup> foi a Évora o vizitou o q̃ muitas pessoas antigas me certificarão (170).

*Peixoto da Pena* natural de Tras os Montes Compozitor, e o mais famoso e perito instrumentista do seu seculo em Castela na prezença do Emparador Carlos 5.<sup>o</sup> se admirou de que os seus Muzicos para tocar gas-tassem m.to tempo em temperar os instrum.tos e por zombaria lhe derão huma viola destemperada na qual regulou por tal forma os dedos que sobe produzir consunancias susesivas por largo espaço, suspendendo do-cem.to e admirando os ouvintes (171).

*Placido da Silveira* do lugar de Casilhas do Patriarcado de Lx.<sup>a</sup> filho de Bento da Silv.<sup>ra</sup>, e Simoa de Moraes, profesou o instituto da Or-dem militar de christo no real Convento de Tomar, foi m.to piritto no Contraponto, e nas Serimonias Ecclesiasticas, compos Processionale ex Missale, ac Breviario Romano a S. Pio reformatis decerptum. Conim-bricae ex Regali Artium Collegio 1721. 4. Compos mais Psalmos, Himnos, e Motetos a diverssas vozes, faleseo a 8 de M.io de 1736.

*Placido de Souza* Monge Beneditino Irmão do Marques das Mi-nas (172).

*Policarpo* (173).

*Rodrigo Ant.<sup>o</sup>* foi o mais abil tangedor de viola q̃ ate ao presente ove em Lx.<sup>a</sup> Compos m.to Minuete, e tocatas p.<sup>a</sup> o dito Instrumento morreu nos Reinos estrangeiros, onde teve g.<sup>des</sup> aplauzos. Muzico Instrumentista da Camara de S. Mag.<sup>de</sup> e Cavaleiro Fidalgo da Caza Real cujo foro lhe foi consedido no Ano 1722.

*Romão Mazza* nasceo em Lx.<sup>a</sup> filho de João Thomas Mazza, e de D. Maria Catherina Iudice descendente de huma Ilustre familia Floren-tina (174) foi mandado por Ordem da Serenissima Senhora Rainha D.<sup>a</sup> Ma-riana de Austria (175) estudar a hum dos Colegios de Napoles, e recomen-dado ao Cardeal Otobonio, já na hid.<sup>e</sup> de 14 annos seu Mestre que foi hum dos famosos Descipolos do grande octavio Pintone, q̃ não lhe achava nada que lhe immendar a respeito de Contraponto, tambem estudou as mais Sciencias, todos os grandes Proffesores que vião as suas obras, ou o ouvião falar dezião que se acazo se perdesse o Contraponto, nele se achava, foi o Proffesor que teve mais avultada Livraria, não só da sua faculd.<sup>e</sup>, po-rem ahinda de humanid.<sup>es</sup>, Caetano Maria Schiaré Compozitor que foi do Serenissimo Infante D. M.<sup>ci</sup> contava que mandandose-lhe de Italia huma grande duvida em Contraponto, só elle lha decedira: Quando a Nação Ingleza festijou a perda que teve o Pertendente, fez huma Sonata por distribuição tão expecial, e nova, q̃ athé os mesmos rabeções gran-des, que erão 4 cada hum dezia sua coiza diferente: Compos huma Salve regina a 4 vozes com rabecas no tom de C sol fau 3.<sup>a</sup> menor que hé bem digna de se imprimir pela grande estimação que meresse a todos os Prof-fesores, e Curiosos, compos bastantes Consertos de Rabeca a 5, e a 6 instrum.<sup>tos</sup>, compos responsorios, Salmos, Misas, e huma excelente obra que não chegou a acabar, por q̃ a morte lho embarasou, sendo esta as regras de acompanhar no cravo, a qual ahinda hoje hé muito estimada, e procurada ninguem no seu tempo tocou mais deficuld.<sup>es</sup> na rabeca: Tra-balhava em descubrir o moto Contino: tinha o foro de Cavaleiro Fidalgo da Caza Real, estava para por o Abito de Christo, cuja merce tinha feito a seu Pay o Sñr. REY D. João 5.<sup>o</sup> a quem seu Pay pedio a renuncia; fa-leseo no anno de 1747 de 28 annos de hid.<sup>e</sup>.

*Sebastião da Costa* natural do Lugar de Azeitão do Patriarcado de

Lx.<sup>a</sup>, Cavaleiro Proffesso na Ordem de Christo, Escrivão das Cozinhas reais e M.<sup>e</sup> da Cappella do Serinissimo D. Afonso 6, e D. Pedro 2, entre m.tas obras compos salmos de Completas a 8 vozes, e Missas a 8 vozes, Lições a 4 e a 8 vozes, e Misereres a 8 vozes, faleseo em Lx.<sup>a</sup> a 9 de Agosto de 1696 jáz sepultado no Conv.<sup>to</sup> do Carmo.

*Simão dos Anjos* falta este autor floresceu em 600 e foi discipolo do P.<sup>e</sup> M.<sup>e</sup>l Mendes (176).

*Simão de Carvalho* Mestre da Cappella da Sé de Lx.<sup>a</sup> alem de varias obras que compos em Muzica compos huma Missa que foi muito estimada, faleseo no Seculo de 700.

*Simão da Cunha Ribeiro* este sabio autor vivia em Espanha no seculo de 500 não só foi siente nas composições da Solfa, mas tambem em fazer exselentes versos em latim, castelhano e portugues, foi um dos q̃ censurou o Livro q̃ empremio o Baxarel Tapia Numantino no dito seculo cujo livro está empreso em Espanha (177).

*Simeão da S.ta Quteria F.* Religioso da 3 Ordem da pinitensia, q̃ julgamos ser da Beira, compos diversas obras em Muzica faleseo no presente seculo.

*Teodoro Fernandes Moreno* natural da Cid.<sup>a</sup> da Bahia muito douto em Contraponto, tem escrito bastantes obras em Muzica com aserto.

*Thomas Pereira* P.<sup>e</sup> da Companhia de Jesus natural de S. Martinho do Vale termo da V.<sup>a</sup> de Barsselos na Provincia de Entre Douro e Minho, filho de Dom.<sup>os</sup> da Costa Per.<sup>a</sup>, e Fran.<sup>ca</sup> Ant.<sup>a</sup>, compos em Muzica a obra seguinte = Muzica Practica e Especulativa (178).

*Tristão da S.<sup>a</sup>* Proffessor insigne de Muzica, e Mestre que foi de El Rey D. Affonso 5.<sup>o</sup> por ordem do mesmo Sñr. compos Amables de Muzica o original se conserva na Biblioteca Real. Hé alegada esta obra por Fran.co Velez de Guevara Cavaleiro Fidalgo da Caza de ElRey no seu livro intitulado De la realidad, y experiencia de la Muzica (179).

*Valariano Fr.* Relegiozo de S. Paulo prim.<sup>ro</sup> Eremita.

*Vicente Freire de Faria* natural de Lx.<sup>a</sup>

*Vicente Ignacio* natural da V.<sup>a</sup> de Setubal tocava muito bem Rabeça, e compos varias obras de Muzica, faleseo no seculo de 700.

*Vicente Lusitano* natural da V.<sup>a</sup> de Olivença na Provincia Trans>tagana Presbitero do Abito de S. Pedro insigne Proffessor de Muzica a qual ensinou em Italia nas Cid.<sup>es</sup> de Padua, e Viterbo compos em a Lingua Italiana a obra intitulada Introdução Felessicima de Canto chão, canto figurado, contraponto simples, e consertado com regras geraes p.<sup>a</sup> fazer fugas a 2, 3, 4 e mais vozes, cuja obra se imprimio em Veneza no anno de 1561 em quarto grande na officina de Francisco Rappazeto, e ao depois foi traduzida em Portugues pelo Conigo Bernardo da Fonseca em o anno de 1603, e a deo ao chantre de Evora Manoel Severim de Faria (180).

*Vicente Raymundo* natural de V. Vicoso M.<sup>e</sup> da Cappella em a Sé de Olivença, compos hum Stabat Mater em Muzica, e huma Missa.

*Victorino.*

*Victorino José da Costa* natural de Lx.<sup>a</sup> Monge de S. Bento, com o nome de Fr. Victorino de S. Gertrudes, foi m.<sup>to</sup> perito na Gramatica Latina, Pouzia vulgar, Muzica, Matematica, Astrologia, Historia Ecclesiastica, e secular, em todas estas sciencias escreveo, e imprimio obras como se pode ver na Bibl. Luzitana Tom. 3 fol. 789 e 791 (181).

*Victorino José de Paiva*, Presb. do abito de S. Pedro natural de Evora.

## NOTAS

(<sup>1</sup>) «Foy perito nas Ceremonias Ecclesiasticas, e destrissimo na Cantoria do Choro emendando muitas vezes algum erro, que ou por descuido, ou ignorancia se cometia.»

E mais adiante: «Como foy muito perito na Arte da Música compoz hum livro de Missas para se imprimir, e outras excellentes obras desta profissão.»

É tudo quanto diz da ciência musical de D. Agostinho de Castro o Abade de Sever, Diogo Barbosa Machado, na sua monumental obra: *Bibliotheca Lusitana*, pág. 63, T. I.

Não me consta que exista qualquer composição d'este Autor pela qual se aferisse o seu merecimento e o livro, a que se refere Barbosa Machado, não deve ter tido as honras da impressão e por via disso é que, naturalmente, nem Ernesto Vieira nem Joaquim de Vasconcelos incluíram o Arcebispo Primaz em suas obras.

(<sup>2</sup>) A propósito d'este autor não encontrei nenhuma notícia. Trata-se, certamente, de pessoa contemporânea de José Mazza (conhecidos pessoais talvez), que ésta lançava no seu projectado Dicionário para mais tarde lhe fazer a biografia e, é isto tão crível que, propositadamente, deixava ficar um espaço em branco, o qual por vicissitudes da vida nunca chegou a preencher, se é que a morte o não levou antes disso.

(<sup>3</sup>) Mazza deve ter lido mal, pois a profissão religiosa d'este autor fêz-se no dia 14 de Fevereiro de 1682. (Cf. *Dicionário Biográfico dos Músicos Portuguezes*, de Ernesto Vieira, pág. 391, 2.º vol.).

(<sup>4</sup>) Em 1723 andou por Paris, Alcalá e Valhadolide. Em 1747, data em que se publicou a *Bibliotheca Lusitana* do Abade de S. Adrião de Sever, ainda vivia éste autor. (Cf. *ob. cit.*, pág. 301, 2.º vol.).

(<sup>5</sup>) Deve tratar-se de Alberto José Gomes da Silva. Antes do terramoto já era irmão da irmandade de S. Cecilia e assinou o compromisso em 1764. Em 1779 era mordomo; parece ter falecido em 1795.

Foi autor de umas *Regras de acompanhar para cravo, ou órgão* (obra muito fraca), publicadas em 1768 e dedicadas a el-Rei D. José.

D'este autor era uma ópera em três actos que se cantou no teatro da Rua dos Condes, em 1775 e cujo papel principal foi desempenhado pela célebre Zamperini. Intitulava-se a ópera: *Il Geloso*.

Destinada para figura central da ópera era a famosa Luisa Todí, mas por qualquer circunstância não quis aceitar o encargo. «Em 29 de Janeiro de 1775 entregou (a Todí) a pt.ª da ópera do m.º Alberto, e não quis representar mais e em 27 do d.º não quis hir ao Ensayo.»

(Cf. *Luisa de Aguiar Todí*, por Mário de Sampaio Ribeiro, pág. 67 e Ernesto Vieira, *ob. cit.*, pág. 476 e 297 do 2.º vol.).

(<sup>6</sup>) Alberto da Silva Burgos sucedeu a Luis Lopes Gago no cargo de organista de Santa Maria, Matriz de Beja.

O documento que o nomeia é do teor seguinte:

«Dom João etc. como Governador, etc. Faço saber aos que esta minha Carta virem que tendo Respeito a estar vaga a occupação de organista da Igreja de Santa Maria matriz da cidade de Beja que he da dita ordem por falecimento de Luis Lopes Gago e em Alberto da Silva Burgos concorrerem todos os requisitos necessarios para bem servir a dita occupação como constou do seu exame que por meu mandado lhe foi feito perante o Juiz da ordem da comarca de Moura, e informação que por elle me foi dada Hey por bem e me praz fazer mercê ao dito Alberto da Silva Burgos da dita occupação de organista da referida Igreja e com ella vencera de ordenado

em cada hum anno dous moyos de trigo pagos na forma costumada e os mais proes e precalços que directamente lhe pertencerem como tinha e havia seu antecessor Pello que mando ao Prior da dita Igreja e Beneficiados della e mais pessoas a que tocar lhe dem posse como he estillo e cumprão e guardem muito inteiramente esta minha carta sendo passada pela chancellaria da ordem. El Rey nosso Senhor o mandou pelos Doutores Fr. Miguel Barbosa Carneiro e Francisco Freire da Cruz Deputados do despacho da Meza da Consciencia e Ordens. Francisco Ferreira de Araujo a fez em Lixboa Occidental a 21 de junho de 1740 annos. Antonio Luiz de Azevedo Coutinho a fez escrever. Miguel Barbosa Carneyro. Doutor Francisco Pereira da Cruz.» (Torre do Tombo, *Chancellaria da Ordem de Aviz*, liv. 31, fol. 279 v. in-Sousa Viterbo, *Subsídios para a Historia da Musica em Portugal*, pág. 516.)

(7) Acêrca dêste autor não topei nenhuma notícia. Vide nota n.º 2.

— (8) Joaquim de Vasconcelos, no 1.º vol., pág. 3, de *Os Músicos Portugueses*, afirma, não sei por que bulas, que Alexandre de Aguiar faleceu a 12 de Dezembro de 1603 e, na sua esteira, seguiu Eugénio Amorim, no seu *Dicionário Biográfico de Músicos*, pág. 5, Edição Marânus, Pôrto, 1941.

Barbosa Machado (vol. 1.º, pág. 93) dá-o como afogado entre Lobón e Talavera a 12 de Dezembro mas de 1605.

Vasconcelos cita Baptista de Castro (in *Mapa de Portugal*, t. II, pág. 346, 2.ª edição) que indica a data de 1605. Aquêlê senhor acusa êste de ter copiado da *Bibliotheca Lusitana* (lug. cit.), mas não diz onde viu a data de 1603, donde a incerteza em estabelecê-la.

Sousa Viterbo, in *Subsídios para a Hist. da Musica em Portugal*, pág. 18, vem desfazer êste encanto e apresentar prova provada da data em que morreu o cavaleiro fidalgo da Casa Real Alexandre de Aguiar.

Segue o documento:

«Dom Amrique etc. aos que esta minha carta virem faço saber que eu fiz merce a Alexandre d'Aguiar, cavalleiro fidalgo de minha casa e meu musico da camara, de X r<sup>º</sup> de tãça cada anno âtes que sobcedese na coroa destes Reinos, allem dos XX r<sup>º</sup>s que de minha fazenda tinha, segundo se uio per hũa portaria de Aires Ferreira, fidalgo de minha casa e escriuão de minha fazenda, feita a X dagosto do anno passado de b<sup>º</sup> lxxbiiij, pella qual não tem padrão ategora, e auêdo eu a yso respeito e por folgar de fazer merce ao dito Alexandre d'Aguiar quero que elle tenha e aja de minha fazenda do primeiro de janeiro do anno que vem b<sup>º</sup> lxxx em diâte X r<sup>º</sup>s de tãça em cada huũ anno allem dos XX r<sup>º</sup>s que ja de mim tem. Notefficoo assi e mando aos vedores de minha fazenda que lhe fação assentar no livro della e do dito janeiro do anno que vem despachar em cada huũ anno em parte onde lhe sejão bem pagos e por quanto os elle avia de começar a vencer dos ditos X dias dagosto do anno passado, em que lhe fiz merce delles em diâte e por este padrão os hadauer de janeiro do anno que vem como nelle he declarado, eu lhe mandei dar aluara pera Bastiã Pirez de Gaui, que serue de meu thesoureiro mor lhe pagar XIII R b iij ra que lhe montará dos ditos X dias dagosto te fim de dezembro do dito anno passado a rezão destes X r<sup>º</sup>s cada anno. E pera firmeza de todo lhe mandei dar esta per mim assinada e asellada com meu sello pêdête. Antão da Rocha o fez em Lixboa a XX dias de junho, anno do nascimento de nosso Senhor Ihũu X.º de jb<sup>º</sup>lxxix. E eu Alvaro Pirez o fiz escreuer.»

A margem dêste documento foi escrito o que se segue:

«S. Magestade fez merce a Alexandre d'Aguiar que por sua morte podese testar de cinquenta e cinco mil rs. de tença dos que tinha e por os nomear em seu filho Jeronimo d'Aguiar Pacheco mandou risquar este registo por despacho da fazenda pera se lhes passar delles padram em seu nome por ser fallecido o dito Alexandre d'Aguiar, o que fiz em Lixboa a 21 maio de 600. Luis d'Aluarenga.» (Tôrre

do Tombo, Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 44, fol. 247 in ob. e lug. citado.).

Donde se conclui que em Maio de 1600 já Alexandre de Aguiar tinha falecido.

(\*) Trata-se de Alexandre Delgado Janeiro, que viveu no século XVIII.

Foi discípulo do Padre Pedro Vaz Rêgo, sucessor de Diogo Dias Melgás no mestrado da Sé de Évora. Foram publicadas há alguns anos umas cartas d'este autor dirigidas a Diogo de Mendonça Corte Real, na revista *História*, 1.º vol., pág. 399 a 404, pelo coronel sr. Henrique de Campos Ferreira de Lima.

Porque se trata de documentos que espalham muita luz sobre a época em que foram escritos e, sobretudo, porque são as únicas fontes donde alguma coisa se conhece acerca de Alexandre Delgado Janeiro, para aqui os reproduzo:

«Ill.º Ex.º Sr.

«Depois dos ¾.º para as 8 horas da noute deste dia sexta-feira 12 do corrente mez, recebi a carta de V. Ex.ª e sem examinar se havia na Capella Real o contheudo na Carta de V. Ex.ª porque tinha certeza de o haver, cuidei logo de ir buscar os Responsorios de Estevão Ribeiro Francês discipulo que foi de meu mestre Pedro Vaz Rego, os quaes remeto a V. Ex.ª sem copialos, por que ha outros que d'ordinariamente cantamos com mais de quatropeada extensão, e podemos este anno passar sem estes, ainda que em alguns cantamos tambem alguns do dito Francês, mas nunca todos. Tambem ha nesta Real Capella o Livro dos Hymnos do insigne Philippe Vital Florentino do qual uzamos quasi todos os dias, e delle farei copiar o hymno da dita festa dos Reis, que irá muito a tempo; e tambem se copiarão todos os mais do dito Livro, do modo que V. Ex.ª me manda insinuar.

«Deus guarde a V. Ex.ª por muitos annos

«Villa Viçosa 12 de Dezembro de 1755

Ill.º Ex.º Sr. Diogo de Mendonça Corte Real

De V. Ex.ª

inutil creado

Alexandre Delgado Janeiro.»

O Livro dos Hinos a que se refere Janeiro nesta primeira carta foi publicado em Roma em 1636.

Este padre Filipe Vitali fôra tenor no Colégio dos Cantores Pontificios, para onde entrara a 10 de Junho de 1631. Foi autor da muito célebre «Favola in musica» *L'Aretusa* (dedicada ao Cardeal Borghese e representada em casa de Monsenhor Octávio Corsini a 8 de Fevereiro de 1620) que é considerada como a primeira tentativa de ópera teatral levada a efeito em Roma. (Cf. *A propósito de Alguns Documentos sobre Alexandre Delgado Janeiro*, por Mário de Sampaio Ribeiro, in *História*, vol. II, Série a) 1935, pág. 7 e seguintes).

«Ill.º Ex.º Sr.

«Pelas 10 horas da manhan deste dia 13, estando na hermidia de S.ª Luzia, para se entoar a festa da mesma santa com os meus collegiaes porque he obrigação da Capella, e depois de cantarmos à Padroeira deste Reyno a sua solemne missa chamada dos sabbados, recebi a carta de V. Ex.ª de 11 do corrente mez em que me manda lhe remeta o hymno que esta Real Capella usa nas vespervas do Natal, o qual vai no Livro que mando por este mesmo Portador a V. Ex.ª, que certamente he a compostura de Vitale, e por este cantamos só o hymno das Matinas que he o mesmo que de vespervas em tudo, e ca nos fica o mesmo Livro dos hymnos de Vitale, por

«onde cantaremos o de vespêras e matinas; e como neste que remeto se achão tam-  
 «bem os hymnos de Laudes, assim do Natal como dos Reis e pelo mesmo cantochão  
 «feitos de que usa esta Capela Real, Patriarchal, Mafra e poderá ser que lá sejam  
 «tambem necessarios, se quizerem uzar da solemnidade que uzamos; porem advirto  
 «a V. Ex.<sup>a</sup> que estes dois hymnos das Laudes não são de Vitale, porque no seu livro  
 «só se achão os hymnos de vespêras; só se for compostura do mesmo avulsa, ou será  
 «de Manoel Soares, ou de outro mais antigo. Se S. Mag.<sup>e</sup> quizer que fique lá o Livro  
 «que remeto, para servir nas seguintes duas solemnidades eu cuidei em copiar e os  
 «meos collegiaes os ditos dous hymnos de laudes em borrão para cá se porem em  
 «melhor forma, e de modo que não haja falta. No que respeita ao hymno das ves-  
 «pêras dos Reis já dice a V. Ex.<sup>a</sup> que o remeteria a bom tempo, e entre tanto pode  
 «certificar V. Ex.<sup>a</sup> a S. Mag.<sup>e</sup> que he compostura de Vitale e pelo mesmo cantochão  
 «desse hymno das laudes da mesma festa, que he o mesmo cantochão que de vespêras.  
 «Gostarei muito que tudo vá e seja do agrado de S. Mag.<sup>e</sup> e de V. Ex.<sup>a</sup> que Deus  
 «g.<sup>e</sup> muitos annos.

«Villa Viçosa, Collegio dos Reis 13 de Dezembro de 1755.

«Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Diogo de Mendonça Corte Real.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Inutil creado

Alexandre Delgado Janeiro.»

A terceira carta já fôra publicada por Ernesto Vieira no 2.<sup>o</sup> vol. do seu *Dicionário* (pág. 447 e seguinte), mas não deixo de a reproduzir aqui por ser cheia de interesse:

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Sabbado 7 do corrente mez recebi por um proprio carta  
 «de V. Ex.<sup>a</sup> em que me recommendava os Improperios de 6.<sup>a</sup> feira santa nos quaes fico  
 «cuidando como no mais que me tem ordenado.

«Agora remeto a V. Ex.<sup>a</sup> huma Missa a 4 de estante em vozes separadas de  
 «Duarte Lobo e que se intitula — *Hic est vere Martyr*. Também remeto seis hym-  
 «nos; o 1.<sup>o</sup> he das vespêras de Sabbado, posto que já remeti outro porém este poderá  
 «servir nos seguintes dois sabbados em que se reza da Conceição, e por isso se deve  
 «cantar por differente canto e com mudança do ultimo verso do modo que vae, e o  
 «outro pode servir como v. g. amanhã, e em outros sabbados em que não se reza da  
 «Conceição e que se dividem as vespêras com algum semiduplex. O 2.<sup>o</sup> nas chagas  
 «de Christo na 1.<sup>a</sup> sexta feira da Quaresma. O 3.<sup>o</sup> he de S. Gabriel a 18 de Março.  
 «O 4.<sup>o</sup> de S. Joseph. O 5.<sup>o</sup> para as ditas da Paixão e Ramos. O 6.<sup>o</sup> para a festa das  
 «Dores, e ficão completados os hymnos da Quaresma se não me engano.

«Como nesta Real Capella ha boas solfas de Semana Santa, porque escolhi-  
 «das dos melhores auctores, fiz o incluso Index de todas para que Sua Magestade  
 «possa escolher o que lhe parecer melhor, ou mandar ao Director da musica o fassa  
 «do que he preciso, e no mesmo Index, ou á parte se pode notar o que se deve copiar  
 «para se ir pondo prompto, porque os copistas além de serem muito occupados no  
 «coro, não tem muito exercicio destas copias.

«Como V. Ex.<sup>a</sup> me tinha mandado falar em missas de Affonso Lobo e em um  
 «livro de Semana Santa está uma que vae no Index, já a mando copiar. Deus G.<sup>e</sup> a  
 «V. Ex.<sup>a</sup> por muitos annos. Villa Viçosa 13 de Fevereiro de 1756. — D. V. inutil  
 «creado, Alexandre Delgado Janeyro. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Diogo de Mendonça  
 «Corte Real.»

Existe ainda uma quarta carta, que é do teor seguinte:

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Recebi neste correio duas cartas de V. Ex.<sup>a</sup>, em hũa  
 «vinha hũ credito de quatro contos duzentos e outenta mil reis para pagamento dos  
 «Ministros, Fabrica e Serventes desta Real Capella até o ultimo de Dezembro  
 «de 1755, por cujo cuidado e lembrança todos os interessados bejam reverentemente



«as mãos de V. Ex.», e cuido em avisar ao Administrador dos Tabacos de Estremoz para que ponha a dita quantia prompta, porque tem os Ministros della necessidade.

«Em outra recebi o extracto das Solfas necessárias, tiradas do Catalogo que mandei, pertencente só á Semana Santa, e pelo meu cuidado fica dar satisfação de tudo notado e pedido. Agora remetto a V. Ex.<sup>a</sup> 5 Magnificas de Aguilar, que com 3 que já mandei deste A. se completa o jogo inteiro, para as haver de todos os tons. Vae também hũa Missa a 4 vozes de Affonso Lobo de Borja, que se intitula — Simile est regnum coellorum — e esta he a unica que ca ha deste A. e ja he das que vem notadas no extracto que agora recebi. No mesmo se diz ha falta de Motetes para 4.<sup>ta</sup> e 6.<sup>ta</sup> feiras da Quaresma; eu já tinha remettido os que cá havia da Quaresma, excepto os da Semana Santa, e que não havia mais do que para as Domingas e para 4.<sup>ta</sup> feiras, que tudo foi, porem como no mesmo extracto se diz, que se não os houver, se compnhão e se remetão logo, e vejo ha de servir o primeiro na primeira 6.<sup>ta</sup> feira, e não vae a tempo no seguinte correio, nem o Mestre da Capella, ou outro dos compositores desta Villa, o poderia compor hoje, eu me resolvi fazê-lo, e o remeto a V. Ex.<sup>a</sup>, e quando não agrade, ao menos com elle se pode suprir a falta deste anno, que, pola não a haver, quiz hoje ter mais este pequeno trabalho, e porque dezejo empregar-me no serviço de S. Mag.<sup>a</sup> com todas as forças e prendas taes e quaes ellas são. Todos quantos sabem da resolução de S. Mag.<sup>a</sup> sobre a segurança do dinheiro da Fabrica e cera, a estimão muito, e a minha comunidade e eu mais que todos, pelo amor que tenho a esta Igreja, que me parece he minha, e da parte della dou os agradecimentos a V. Ex.<sup>a</sup> e bejo prostradamente as mãos de S. Mag.<sup>a</sup>. Eu já mandei dar aviso ao novo Thesoureiro, porem ainda não lhe falei depois da ordem, mas julgo, segundo me dizem, não estará muito contente, se assim for não quer o que he justo, porque em dinheiros alheyos deve haver toda a segurança e cautella, e isto mesmo hã de querer os que delles se encarregão para maior credito das proprias pessoas. Tambem farei se execute tudo o mais que V. Ex.<sup>a</sup> me ordena assim pelo que respeita á Fabrica como com as contas do Thesoureiro defunto, que estão promptas e boas. Deus Guarde V. Ex.<sup>a</sup> muitos annos. Villa Viçosa 27 de Fevereiro de 1756 — Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>a</sup> Sr. Diogo de Mendonça Corte Real. De V. Ex.<sup>a</sup> — Inutil criado — Alexandre Delgado Janeiro».

Desta carta se infere com meridiana clareza que Janeiro não era o Mestre da Capela Real. Seria o Mestre de Música do Colégio dos Reis e teria sucedido talvez immediatamente ao Padre Inocência de Sousa Mealha.

Nas referências de Delgado Janeiro a uma *comunidade*, parece-me tratar-se simplesmente dos seus collegiaes, pois há comunidade aonde houver vida em comum e o colégio dos Reis era por isso mesmo uma comunidade de que elle era o Reitor.

O motete a que elle se refere, o tal que ninguém quisera compor e a que elle metera ombros, é uma famosa mentira, mais tarde desmascarada. A composição que elle enviava com tantas reservas para Lisboa não era afinal sua, mas de Diogo Dias Melgás.

O texto, inspirado no Capítulo 6.<sup>o</sup> de S. Mateus, é o da Antífona *ad Benedictus* dêsse dia, *Feria 6.<sup>a</sup> post cineres*.

Já foi cantado mais que uma vez por *Polyphonia*, sendo de extraordinário efeito. É mesmo uma maravilha de técnica e de inspiração.

As cartas eram dirigidas a Diogo de Mendonça Corte Real, filho do célebre ministro do mesmo nome, de D. João V, que andava empenhado em repovoar de músicas a Capela Real, pois o terramoto tinha feito em cinzas tudo quanto lá havia. (Cf. *História*, loc. cit., *A propósito de alguns Documentos sobre Alexandre Delgado Janeiro*, por Mário de Sampaio Ribeiro).

(<sup>10</sup>) Certamente é o Mestre Alvaro Afonso que foi Mestre de Capela de D. Afonso V. «Sei da sua existência por uma carta de privilégio que este monarca

passou em favor de João Afonso, morador em Estremoz, a pedido de Alvaro A., mestre da nosa capella por quanto nos disse que casara com hũa sua criada. A carta é de 22 de Janeiro de 1452».

Os documentos vêem publicados no opúsculo — *Cultura intelectual de D. Affonso V*, por Sousa Viterbo. (Cf. *Subsídios, etc.*, pag. 5 e 6 do mesmo autor).

Barbosa Machado parece, pela maneira como escreve, que viu e examinou o precioso manuscrito a que se refere José Mazza. Segundo aquêlê, existia na biblioteca de D. Pedro. A noticia dada pelo Abade de S. Adrião de Sever vem no 4.º volume da sua obra, impresso depois do terramoto. Esta circunstância faz supor que o precioso códice musical não se tivesse perdido na catástrofe, e que talvez ainda exista, não se sabendo onde.

Segundo Machado, o título do trabalho era: — *Vesperae, Matutinum, et Laudes cum Antiphonis, et figuris musicis de inclyta, et miraculosa Victoria in Africa parta ad Arzillam, era 1471.*

Nas lições do officio relata a história da Conquista de Arzila e Tânger. é dedicado ao mesmo monarca.

Ai se nos dão conhecimentos que se não acham noutros autores «como são aa portas de bronze que D. Afonso V mandou conduzir de Tangere e as colocou no Templo de Santo Antonio desta Corte, as quais com indiscreta barbaridade foram fundidas, como também o foi a Estatua de prata do mesmo Rey montado a cavalo por ordem do Prior do Convento de Nossa Senhora do Espinheiro para augmento de um dormitorio, extinguindo-se com injuria da veneravel antiguidade dois padrões em que se conservava eterna a gloria daquele Monarca e memoravel Conquista de Arzila e Tangere». (Cf. Barbosa Machado: — *Bibliotheca Lusitana* — 4.º In Sousa Viterbo, pag. 5 e 6 de *Subsídios, etc.*).

(11) Substituiu António Gonçalves dos Mártires como tangedor de harpa na Capela Real tendo por «ordenado trinta mil reis e mais 7300 para o mção que lhe ha de trazer a harpa». Alvará de 30 de Setembro de 1677.

António Gonçalves dos Mártires, natural de Lx.<sup>a</sup>, filho de Gonçalo Gonçalves, tomado por tangedor de harpa no lugar que vagou por falecimento de Francisco d'Escobar. Alvará de 16 de Março de 1660. (In Sousa Viterbo, *Subsídios, etc.*, pag. 144 e 268).

(12) Parece não ter relação nenhuma com outro Escobar ou Escovar, que se chamou Pedro e foi mestre da Catedral de Sevilha em 1507, sucedendo a Francisco de la Torre. (Cf. *Os Manuscritos Musicais n.º 6 e 12 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, por Mário de Sampaio Ribeiro, pag. 86).

(13) Vide nota n.º 2.

(14) Fétiis — *Biographie univer. des musiciens*, Paris, 1866, 2.<sup>me</sup> ed., vol. 1, pag. 75, julgou que este autor fez a musica para a obra a que se refere o códice, mas não é verdade, como se depreende das próprias palavras de José Mazza.

Não deve confundir-se este António de Almeida com outro autor do mesmo nome «Capellão-cantor de capella-real em tempo de D. João IV, que em 14 de Março de 1650 lhe fez mercê de um moio de trigo por anno de acrescentamentos». Eia o texto da mercê: «Dom João, etc., faço saber aos que esta minha carta de padrão virem que tendo respeito a boa satisfação com que Antonio de Almeida serue de capellão-cantor de minha real cappella, hey por bem de lhe fazer merce de hum moio de trigo em cada hum anno de acrescentamento... João da Costa a fez em Lixboa a quatorze de Março de mil e seis centos e sincoenta annos. Fernão Gomes da Gama o fez escrever. El-Rey». (Tôrre do Tombo, Chancelaria de D. João IV, liv. 21, fôl. 240, (in, *Subsídios, etc.*, Sousa Viterbo, pag. 26).

(15) Vide nota n.º 2.

(16) Vide nota n.º 2.

(<sup>11</sup>) Faleceu no Convento de Belém a 3 de Março de 1700. (Cf. *Bibl. Lusit.*, vol. I, pág. 218 e 219 e Ernesto Vieira, *ob. cit.*, pág. 100, 1.º vol.).

(<sup>18</sup>) No ano indicado pelo códice ocorreu a morte do filho de António Carreira, que usou o mesmo nome e foi vitimado pela famosa peste, que durou de 1599 a 1603. Ernesto Vieira não quis arriscar uma data, mas Sousa Viterbo encontrou documentos que mostram que ele saiu desta vida entre 15 de Julho de 1587 e dia indeterminado de 1597. (Cf. *Os Mesires da Capela Real nos Reinados de D. João III e D. Sebastião*, pág. 24).

(<sup>19</sup>) O nome deste autor presumo que esteja incompleto. Não sei de quem se trata. Vidé nota 2.

— (<sup>20</sup>) Além deste António Fernandes, o maior teórico português, discípulo de Duarte Lôbo e provavelmente aluno do Colégio dos Reis Magos da Vila Ducal, existiram mais quatro músicos com o mesmo nome.

O título completo da obra que escreveu o Padre António Fernandes e foi publicada no ano de 1626 é o seguinte: *Arte de Musica de canto dorgam e canto cham, e proporções de Musica divididas harmonicamente. Composta por Antonio Fernandez, natural de Villa de Souzel, mestre de Musica na igreja de S. Catherina do monte Sinai: Dirigida ao insigne Duarte Lobo Quartanário e mestre de Musica na S. Sé de Lisboa. — Por Pedro Craesbeeck. Impressor del Rey, Ano 1626.*

O exemplar que existe na Biblioteca Pública de Évora pertenceu à Livraria da Congregação do Oratório de Estremoz.

Quanto aos restantes autores do mesmo nome, eis os documentos:

#### António Fernandes 1.º

Trombeta do Arcebispo de Braga. D. João III lhe concedeu licença em 1531 para poder andar em mula.

#### António Fernandes 2.º

«Nos ho Dayam e cabido de Sée de Lixboa fazemos saber aos que esta nosa certjdam vjrem e ho conhecimento dela pertencer em como Antonio Fernandez tangedor dos orgãos da djta See tem bem serujdo este segundo quartell que se começou pello primeiro dja de abryll e se acabou pello deradeyro dja de junho desta presente era de jbr. anos e volo notjficamos asy para lhe fazerdes seu pagamento segundo ordenança e este sera asynado pellos nosos hasynadores. Antonio Nunez noso espriuam ho fez per noso mandado oje deradeyro dja de junho era acjma esprita = ho arcediágo da terceira cadeyra = Jeronymo Teixeira.

«O doutor Jorge Temudo proujsor e visitador jerall neste arcebyspado de Lixboa e pellos reuerendos senhores dayam e cabjdo da See vagamte a nos Antonio daraujo recebedor da cancelarya do dito arcebyspado saude em Jesus Cristo mando nos que do dynheyro que tendes da dyta cancelarya deys e paguees ha Antonio Fernandez tangedor dos orgãos da dita See quatro mjll e qujnhentos reaes que lhe são dyuydos deste segundo quartell deste presente ano do mes dabryll e mayo e junho e jsto dos dezoytos caregos que lhe fareys bom pagamento e como lhos pagardes cobrareys delle seu conhecymento para nos serem leuados em conta — feyta em Lixboa ao primeiro dya de julho = Johão Fernandez o fez de quynhentos e quarenta anos». (Tôrre do Tômbo, *Corpo Cronológico*, Parte 2.ª, Maço 232, Doc. 70) in *Subsidios*, etc., de Sousa Viterbo, pág. 199 e seguintes).

#### António Fernandes 3.º

Capelão-cantor de D. Sebastião, que, em carta de 1 de Outubro de 1558, lhe

fez mercê de doze mil reaes por ano, por espaço de dois anos, a-fim de poder proseguir nos seus estudos. (*Idem*, pág. 200).

#### António Fernandes 4.º

Na minuta, sem data, de uma carta, dirigida ao bispo de Tytopuli, ordena-se-lhe que meta de novo em posse a António Fernandes, no cargo de organista, de um mosteiro que se não designa.

A carta é talvez do tempo de D. Manuel ou de D. João III, (*Idem*, pág. 201).

(21) «Pela expulsão dos jesuítas, houve necessidade de adoptar providências acerca das pessoas, que tinham cartas de Irmandade, Confraria, foros e sumários de indulgências, sitas nas casas daqueles religiosos, que tão bem sabiam estender a rede da devoção. Essas pessoas deviam entregar os papéis que possuíam em certos prazos e a certos desembargadores. Entre eles figura António de Figueiredo Ramos, músico da Real Câmara, natural de Lisboa, casado, morador na rua dos Calafates, freguesia de N. S. da Encarnação». (cf. *Subsídios*, etc., de Sousa Viterbo, pág. 222).

(22) José Mazza deve querer referir-se a António Leal Moreira.

Nasceu este notável músico português na vila de Abrantes por volta de 1758 e faleceu em Lisboa a 21 de Novembro de 1819.

Era filho de Bernardo Luis e de Josefa Maria. Em 30 de Junho de 1766 entrou para o Real Seminário, com oito anos de idade. Nessa casa de ensino, fundada por D. João V, ouviu António Leal Moreira as sábias lições de João de Sousa Carvalho.

Devido ao seu mérito foi nomeado substituto dos mestres de música e mestre efectivo em 1 de Fevereiro de 1787.

Em 17 de Outubro de 1792 contraíu matrimónio com D. Mariana Joaquina da Fonseca Portugal, irmã do célebre compositor Marcos Portugal.

Foi condiscipulo deste último e de João José Baldi. António Leal Moreira, que viveu a época agitada da Guerra Peninsular, também lhe sofreu os males e foi forçado a abandonar o remanso da sua casa da Rua dos Anjos, n.º 156, para servir o exército.

Neste tempo fez-se a mobilização em massa de toda a população válida do Reino.

Em Lisboa criaram-se, para sua defesa, 16 legiões, distribuídas por vários lugares da cidade, segundo Alvará e Plano de 23 de Dezembro de 1808.

Leal Moreira, em 8 de Março de 1809, foi proposto para tenente de uma das companhias de atiradores da Legião Nacional do Paço da Rainha, pelo seu chefe José Inácio da Costa Quintela, coronel de infantaria adido ao segundo Regimento de Milícias de Lisboa Ocidental, por ser versado no manejo de espingarda e evoluções militares.

Esta proposta foi confirmada por portaria de 10 de Março do mesmo ano, nomeando-o tenente de atiradores do 2.º batalhão da referida legião.

Em 3 de Junho de 1810, Costa Quintela, num longo e honroso atestado, menciona e põe em relêvo os serviços militares prestados por António Leal Moreira.

Por causa de ter adquirido um forte reumatismo nos árduos serviços que lhe competiram, requereu a sua demissão, sendo-lhe, porém, conservadas as honras inerentes ao seu posto, em atenção à forma como nele se houvera.

(Cf. *História*, vol. II, série a), 1935, pág. 59 e seguintes, artigo *O músico Leal Moreira no Arquivo Histórico Militar*, do sr. coronel Henrique de Campos Ferreira de Lima).

José Mazza, na primeira parte das oito peças que fazem parte do códice, que reproduzi integralmente no prefácio, fala num Eleutério Leal, a que se segue uma palavra ilegível. «Não se tratará de Eleutério Franco Leal? Não me parece que se

possa pensar outra coisa. Diz elle ser natural de Peniche, foi para o Seminário da Patriarcal, onde aprendeu música com seu tio António Leal Moreira.

Se assim é, que parentesco haverá entre estes compositores e aquêle mestre de música de Peniche, que dava pelo nome de José Leal Moreira?

Em 1789 entrou para o Real Seminário António Leal Moreira, filho legítimo do capitão José Leal Moreira e de D. Anna do Ó, baptizado na freguesia de S. Pedro de Peniche. Este Leal Moreira, que morreu novo, era irmão de Eleutério Franco Leal ou Eleutério Leal Moreira. Segundo Mazza, eram, pois, sobrinhos do grande António Leal Moreira.

Aquêle capitão José Leal Moreira seria o mesmo que o mestre de música de Peniche?

É de supor que seria primo-irmão de António Leal Moreira, donde o chamarem, ao uso antigo, sobrinho a Eleutério.

Acêrca de José Leal Moreira, reproduzo o documento seguinte, que, é certo não fazer luz sobre os graus de parentesco que unem todos estes Leais Moreiras, mas diz algo sobre a figura apagada daquele músico.

«D. Maria, etc. Faço saber que havendo respeito a me representarem o Juiz de Fora Veriadores, e mais officiaes da Camara da Villa de Peniche que os moradores da dita Villa Regulados pela sua devoção e Piedade sempre costumavão condescendentes (sic) cultos festejar os oragos das suas freguezias, e mais Imagens milagrosas, que nella veneravão, fazendo todas mais funçoens da quaresma com religiosa solemnidade e pompa, emquanto as suas posseblidades assim o permitião, mandando vir de fora para as ditas funçoens Musicos e Instrumentos, por não haver na dita terra coisa alguma daquellas, para mayor Lustre das ditas festividades e funçoens Quaresmais; porem como aquelle Povo quasi todo se compunha de gente Maritima a quem de muitos annos a esta parte faltavão as pescarias e consequentemente a sua subsistencia; e porisso se tinhão na devoção e Culto por falta de meys com que podem satisfazer as despezas das ditas festividades, pelo que respeitava musica que por vir de fóra pela não haver na terra se lhes pagavão preços exorbitantes, lembrando-se que so havendo naquella terra hum mestre de muzica, que naquella arte podece instruir os meninos, pois em poucos annos lhes ficaria assim mais facil o poderem continuar com suas Fias e bem fundadas festevidades, sendo-lhes menos custosas as musicas, havendo-as naquella villa, que vindo de fora della. Pedindo-me lhe fizesse mercê permitir que do cofre dos sobejos das sizas se desse annualmente o partido de cinquenta mil reis a pessoa perita que houvesse de Insinar musica naquela Villa. E visto o que allegou e informações que se houve pelo Bacharel Joaquim Xavier Morato Boroa, tendo ouvido, digo, sendo Corregedor da Comarca de Leiria, pelas quaes constou ser bastante o partido de quarenta mil reis por anno, e ouvindo a Nobreza e Povo da dita Villa de Peniche que não teverão duvida como tambem a não teve o Procurador de minha Real Coroa a quem se deo vista. Hey por bem aprovar, como com effeito aprovo e hey por aprovada, a nomeação que os supplicantes fizeram em José Leal Moreira, mestre da musica da dita Villa, com o Partido de quarenta mil reis em cada hum anno pagos pelo cofre dos Sobejos das Sizas da mesma Villa, havendo-os ficando o dito mestre da musica obrigado a ensinar de graça os moradores da referida Villa. E esta Provisão se cumprirá como n'ella se contem e valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario e se registará nos Livros da Camara da dita Villa para a todo o tempo constar que Eu assim o houve por bem. De que pagou de Novos Direitos vinte mil reis que se carregarão ao thesoureiro delles na L.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup> de sua Receita a fs. 105 e se registou o seu conhecimento em forma no Livro 34 de Registo geral a fs. 102 v.<sup>o</sup> A Rainha Nossa Senhora o mandou pellos ministros abaixo assignados do seu Conselho

e seus Dezembargadores do Paço. Thomé Lourenço de Carvalho a fez em Lisboa a 5 de Dezembro de 1778 annos. Desta 800 réis e de assignar 800 réis «António Pedro Vergolino a faz escrever» João de Oliveira Leite de Barros «Pedro Viegas de Novais». Por despacho do Dezembargo do Paço de 11 de maio de 1775, e 19 de Dezembro de 1778. «Antonio Freire de Andrade Enserrabodes». Pagou 800 réis, e aos officiaes 928 réis, Lisboa 17 de Dezembro de 1778 — Dom Sebastião Maldonado — Jeronimo José Correia de Moura». (Torre do Tombo, Chancelaria de D. Maria, liv. 13, fol. 115 v. in Sousa Viterbo — *Subsidios*, etc., pág. 403 e seguintes).

(23) Mazza deve ter feito confusão quando copiou esta biografia da *Bibl. Lusit.*, pois a data do falecimento d'este Autor é a 6 de Dezembro do referido ano e não a 26.

(24) Faleceu a 5 de Novembro de 1692. Vid. Ernesto Vieira, *ob. cit.*, pág. 57, 2.º vol.

(25) Não conheço outra notícia d'este nome. Vid. nota 2.

--(26) Sobre este autor, veja-se Ernesto Vieira, *ob. cit.*, 1.º vol. pág. 398.

— (27) Quer Mazza, quer Joaquim de Vasconcelos (*Ob. cit.*) se limitaram a reproduzir o que Barbosa Machado deixou registado na *Bibl. Lusitana*. Ernesto Vieira não o incluiu no seu Dicionário, mas o Dr. Gonçalo Sampaio (*Subsidios para a história dos músicos portugueses*, Braga, 1934, página 15), d'ilo excelente baixo e distinto compositor e participa ter encontrado no Arquivo distrital de Braga, num códice bastante usado, um *Invitatorium* de defuntos, a 4 vozes, da autoria do Padre Milheiro.

A sua edição do *Rituale Romanum Pauli V iussu editum subjuncta cantuque ad generalem regni consuetudinem redacta* (Coimbra, 1618) foi reeditada várias vezes.

Nos livros dos óbitos da Sé de Lisboa (cf. Luis Pastor de Macedo, *Noticias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé*, Lisboa, 1940, pág. 12) há um registo, datado de 19 de Julho de 1598, que certifica o ter sido sepultada uma defunta da freguesia de São Tomé, trazida de Nossa Senhora da Graça por ordem de «António Milheiro, capelão desta Sé e o Maior Contra-Baixo que agora há e se sabe em todo o mundo».

O registo comprova a excelência do órgão vocal do Padre Milheiro e parece mostrar que êle, antes de ser mestre de Capela da Sé de Coimbra (por 1618), já faria serviço na Sé de Lisboa.

(28) Não sei de outra referência a este músico. Vide nota n.º 2.

(29) Professou em Viana-do-Alentejo no dia 28 de Novembro de 1622. Cf. Joaquim de Vasconcelos, *ob. cit.*, 2.º volume, pág. 23.

(30) Trata-se, evidentemente, do P.º António Pereira de Figueiredo. Estudou latim e música no colégio ducal de Vila-Viçosa, onde teve por Mestre o P.º Inocência de Sousa Mialha. Segundo Vieira, teria permanecido em Vila-Viçosa desde os onze anos aos vinte e sete, dezasseis portanto. Nesta altura, 1742, foi para Coimbra, tendo entrado no mosteiro de Santa Cruz com o dote de organista. Em 1744 foi admitido na Congregação do Oratório e aí passou a sua vida, valorizada por uma obra que o ligou à história da Literatura portuguesa, mais do que à História da Música. Sobre o valor artístico d'este Autor lê-se com muito proveito a achêga para a História da Música em Portugal — *A obra musical do Padre António Pereira de Figueiredo* — Lisboa, 1932, por Mário de Sampaio Ribeiro.

(31) Morreu em 1617. Cf. pág. 169, 2.º vol., *ob. cit.* E. Vieira.

(32) A notícia de Mazza é extraída da *Bibliotheca Lusitana*. Outro tanto se dá quanto à de António de Pina. Não é impossível que António de Pina e António de Pinho, ambos músicos e poetas, fôsem uma e a mesma pessoa.

(33) Ernesto Vieira (*ob. cit.*) não refere este autor. Como José Mazza viveu em Beja, quando D. Fr. Manuel do Cenáculo estava à testa da diocese recém-restaurada, é natural que o houvesse conhecido se não pessoalmente, ao menos por tradição.

(34) Trata-se da mesma pessoa que o antecedente, Segundo Barbosa Machado,

foi discípulo de Manuel Rebêlo. Joaquim de Vasconcelos (*ob. cit.*, 2.º vol., pág. 237), ignora com que base, precisa o ano de 1625 como aquêlo em que Vilalva recebeu lições de Manuel Rebêlo.

(35) Também se deve tratar dum só Autor, que nasceu em Lisboa a 20 de Junho de 1682 e tomou o hábito a 17 de Janeiro de 1702. Foi contemporâneo de Barbosa Machado, que lhe fez um elogio. Parece que ainda vivia em 1747, como afirma Joaq. de Vasc., *ob. cit.*

(36) Era irmão de D. João V. Esteve em Roma, onde recebeu lições de Domingos Scarlatti. Quando voltou para Portugal, propôs o seu mestre para professor da Princesa Real D. Maria Bárbara de Bragança, que mostrava grande inclinação para a música. Domingos Scarlatti instalou-se em Lisboa em 1721, como mestre da Capela Real e professor da Infanta até 1729. Neste ano, seguiu para Madride na comitiva da sua discipula, que havia desposado o que depois se chamaria Fernando VI de Espanha.

Basta citar o nome celeberrimo de Domingos Scarlatti para se avaliar do alto serviço que prestou ao desenvolvimento da música em Portugal o Infante D. António trazendo até nós os ecos da justa fama que disfrutava aquêlo compositor, Mestre de Capela de S. Pedro do Vaticano.

Num diário lisboeta, manuscrito da Biblioteca de Évora, um escriba lançou a seguinte nota: «chegou o Múzico Escarlante com a mulher formosa e dous filhos se lhe continuam os seus grandes ordenados.» Data de 27 de Dezembro de 1729. Talvez se trate de alguma visita a Lisboa depois de ter partido na comitiva da sua Real discipula para Madride.

(37) O nome completo dêste autor parece ter sido António da Silva Gomes e Oliveira.

Foi compositor de bastante merecimento. Ainda vivia em 1817. Cita-o com elogio — Mário de Sampayo Ribeiro, in *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, pág. 39.

Há um outro António Silva que tomou parte nas esplendorosas festas que se realizaram no Natal de 1576 no mosteiro de Guadalupe.

Foi o caso que D. Sebastião, que já havia planeado a sua campanha africana, decidira pedir o auxilio de Filipe II de Espanha. Para êsse encontro familiar levava D. Sebastião os seus melhores músicos, entre os quais Alexandre de Aguiar (ver êste nome) e António Silva, tangedor dos órgãos. (Cf. Ernesto Vieira, *ob. cit.*, vol. 1.º, pág. 6).

(38) Não sei de quem se trata. O nome, talvez incompleto, prejudica a busca. Vidé nota 2.

(39) António Teixeira foi o primeiro pensionista que o magnânimo Rei D. João V mandou estudar a Itália à custa das rendas da Patriarcal. Abalou em 1717, quando ainda só contava dez anos de idade. (Cf. Mário de Sampayo Ribeiro, *ob. cit.*, pág. 25).

(40) Não sei de outro músico que dê pelo nome de Atanásio, que não seja Frei Atanásio da Encarnação, que pertenceu à ordem dos religiosos franciscanos da provincia da Arrábida.

Faleceu em 25 de Junho de 1710. Distinguiu-se como cantor.

(41) Baltazar de Faria — que foi tio do Chantre da Sé de Évora e precursor do jornalismo em Portugal, Manuel Severim de Faria — vem aqui apontado também como músico.

D. Francisco de Lima, Chantre na Catedral Eborense, renunciou a essa dignidade na pessoa de Baltazar de Faria. Durante dezanove anos presidiu ao canto do cabido o cônego chantre referido.

D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora, foi amicissimo de Baltazar de Faria e talvez devido a isso êste se resolvesse a abandonar as dignidades capi-

tulares para envergar a cogula branca dos frades cartuxos, de quem aquêlê Arcebispo era disvelado protector.

O certo é que Baltasar de Faria fez-se monge, e foi-o por dezasseis anos, trocou o nome de baptismo pelo de Basilio, a que juntou o titulo honorifico dos beneditinos — Dom.

A sua actividade em favor da Ordem e da religião foi verdadeiramente assombrosa; foi nomeado Prior da Cartuxa de Évora, onde a sua acção foi muito notável.

Escreveu a história da sua religião até o 12.º geral, mas só foi impressa a vida de S. Bruno, o patrono: *Vida do Patriarcha San Bruno*, Lx.º, 1649, Tip. Dominhos Lopes Rosa.

Barbosa Machado nem uma só palavra escreveu sobre a suposta actividade musical de D. Basilio. (Cf. *Alentejo à Janela do Passado*, por João Rosa, págs. 4 e seguintes da III parte e 23 da I parte).

(42) O nome completo dêste Autor era Bento Nunes Pegado. Sucedeu no magistério da Sé de Viseu ao Cônego Estêvão Lopes de Morago pelos anos de 1629 a 1634. Foi Mestre da claustra da Sé de Évora. (Cf. *Notas ao Programa do concerto de Polyphonia*, no Teatro Garcia de Resende, na noite de 7 de Junho de 1942, por Manuel Joaquim).

(43) Foi nomeado a 11 de Dezembro de 1738 organista da igreja de Nossa Senhora da Alcaçova da Cidade de Elvas, substituindo Domingos Rodrigues. É o que consta do documento que a seguir reproduzo:

«Dom João etc. Como Governador etc. Faço saber aos que esta minha Carta virem que tendo respeito a esta vaga a occupação de organista da Igreja de Santa Maria de Alcaçova da Cidade de Elvas que he da dita ordem por falecimento de Domingos Rodrigues e na pessoa de Bernardo José da Silva concorrem os requisitos necesarios para bem a servir como constou por informação do juis da ordem da comarca de Estremoz de que tudo houve vista o meu Desembargador procurador geral das ordens: Hey por bem e me praz que o dito Bernardo Joseph da Silva sirva a dita occupação de organista da Igreja de Santa Maria de Alcaçova da Cidade de Elvas em quanto eu o houver por bem e não mandar o contrario e com ella haja o ordenado e mais proes e precalços que directamente lhe tocar na mesma forma com que o tinha seu antecessor: Pollo que mando ao dito juis da ordem da comarca de Estremoz que na forma referida o deixe servir e cumpra e guarde esta minha Carta muito inteiramente como nella se conthem sendo passada pella Chancellaria da ordem: El Rey nosso Senhor o mandou pellos Doutores Frey Miguel Barbosa Carneiro e João Correa de Abreu Deputados do despacho da Meza da Consciencia e ordens: Francisco Ferreira de Azevedo a fez em Lixboa occidental a onze de Dezembro de mil sete centos e trinta e oito annos — Antonio Luiz de Azevedo Coutinho a fez escrever Frey Miguel Barbosa Carneyro, João de Abreu» (Tôrre do Tombo, *Chancellaria de D. Maria I, Ordem de Avis*, liv. 31, fl. 260 v. in *Subsidios etc.*, de Sousa Viterbo, pág. 512).

Passou depois para a igreja do Salvador da referida Cidade, a exercer o mesmo officio em substituição do Padre José de Sousa.

(44) Trata-se de Brás Francisco de Lima que, com seu irmão Jerónimo Francisco de Lima, foi mandado para Nápoles como pensionista do Seminário Patriarcal a estudar música.

Qualquer dêles faleceu depois do autor do códice, donde a explicação da ausência de dados biográficos.

Parece que só Jerónimo Francisco de Lima se revelou músico de mérito, tendo, ao que parece, Brás Francisco de Lima esquecido o que aprendera para se dedicar ingloriamente à vida comercial.

(45) José Mazza deve referir-se a Brás Luís Coelho, organista da Igreja da Conceição desde 8 de Setembro de 1606.



Segue o alvará que lhe confirma a mercê:

«Eu elRey faço saber aos que este meu aluará virem que eu ey por bem e me praz que Bras Luis Coelho, a que ora fiz merce do cargo de tãgedor dos órgãos da igreja de Nossa Senhora da Conceição, tenha e aja com elle de ordenado cada anno, doze mil reaes, que he outro tanto como tinha a pesoa que ategora seruió o dito carguo segundo se vio per certidão de Manuel Roiz, porteiro do conselho de minha fazenda, os quaes doze mil reaes começará a vencer de oito dias de setêbro do anno passado de seis centos e seis em diante, em que começou a seruir, como constou per informação do Vigairo da dita igreja, e lhe serão asêtidos e pagos no thesoureiro do dinheiro do hum por cento e obras pias que dos ditos oito de setêbro do anno passado lhe dee e pague os ditos XII reaes cada anno aos quarteis, etc. Antão da Rocha o fez em Lixboa a dez de maio de seis centos e sete. Sebastião Perestrello o fez escrever. (T. do Tombo, Chancelaria de D. Filipe II, *Doações*, liv. 16, fl. 222 in Sousa Viterbo, documento número XXVI — *A Ordem de Christo e a Musica Sagrada nas suas igrejas do Continente*, Coimbra, 1911, pág. 34).

(46) Este é Brás Soares da Silva, que foi mestre de Música no Real Colégio dos meninos órfãos e ensinou as regras da compostura a muitos alunos, entre os quaes avulta o compositor João da Silva Moraes.

Em Junho de 1665 foi nomeado mestre da Capela da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Foi freire professo na Ordem de Cristo e succedeu naquele cargo a Frei Francisco da Costa. Este foi cantochanista e compositor de música religiosa. Faleceu em 1667.

Barbosa Machado afirma ter este autor deixado as suas obras manuscritas em dois volumes.

Ernesto Vieira viu na Biblioteca Nacional umas *Paixões* a quatro vezes, de Francisco da Costa. Diz que são escritas no estilo de fahordão, muito usado na época.

O documento que nomeia Frei Brás Soares da Silva para sucessor de Frei Francisco da Costa é do teor seguinte:

«Dom Afonso, etc. Faço saber a vós Luis Alvares de Tabora administrador da Jurdição eclesiastica da Villa de Thomar e mais lugares que pleno jure lhe pertense que por hora estar vago o Beneficio de mestre da capella da Igreja da Nossa Senhora da Conceição desta cidade de Lisboa que he da mesma ordem e desa Jurdição por promoção de Frey Francisco da Costa ultimo e immediato possuidor que dele foi e pela boa informação que tenho de Frey Braz Soares da Silva Freire profeço da mesma ordem de suas partes, suficiensia, vida e costumes hey por bem e me praz de nele o apresentar como com efeito o apresento e hey por apresentado que o seruirá como cumpre ao seruiço de Deos e bem da mesma Igreja e das almas dos freguezes della e vos encomendo e mando que nella o confirmeis e lhe paseis vosas letras de confirmasão delle na forma costumada nas quais se fará expresa e declarada menção de como o confirmastes a minha apresentação e para guarda e conservação do direito da dita ordem e com o dito Beneficio de mestre da capela averá o mantemento a elle ordenado e os proes e percalços que directamente lhe pertenserem e se comprirá sendo passada pela chancellaria da ordem. Niculao de Carvalho a fez em Lisboa a 16 de junho de 1665. José de Carvalho de Miranda o fiz escrever. El Rey. (T. do Tombo, Chancelaria da Ordem de Christo, liv. 18, fl. 353 v.).

«Em o mesmo dia, mes e anno se passou quitasão deste Benefisio de mestre da capela de 10\$200 reis que pagou de tres quartos, feita e sobscrita pelos mesmos officiaes e asinada por Sua Magestade. — El-Rei». (Idem, in *A ordem de Christo e a Musica Sagrada nas suas igrejas do Continente*, pág. 42, Sousa Viterbo).

Falando dos Mestres de Capela da Igreja da Conceição não vai fora de propósito trazer para este lugar o documento seguinte:

«Eu el Rey como gouernador etc. Faço saber aos que este meu aluará uirem que auendo respeito ao que me representou o mestre da capella da Igreja de Nossa

Senhora da Conceição desta cidade que hé da dita ordem estar atualmente servindo com grande trabalho e ensinando os meninos do coro da mesma Igreja cantando as miças conuentuaes nos domingos e dias santos, e aos officios diuinos na semana santa com a porção de 4\$000 reis cada anno asentadas na folha do Rendimento da caza da India e outros 4\$000 reis que lhe daua a dita Igreja e não ter entrado nos acrescentamentos que tinha tido o uigario e Beneficiados da mesma Igreja e estava vivendo nesta corte aonde as despezas erão excessivas e que sendome tudo presente em consulta do conselho da minha fazenda e a Resposta que ao dito requerimento deu o presidente (?) della hey por bem e me praz de lhe fazer merce de acrescentar a dita occupação de mestre da capella da dita Igreja de Nossa Senhora da Conceição desta cidade, mais 8\$000 reis aos oito que tem para ao todo ter em cada hum anno de ordenado e que estes 8\$000 reis que agora lhe acrescento lhe serão asentados na folha do rendimento da caza da India onde os começou a venser de 12 dias deste anno presente de 1711 em diante que hé o dia em que fis esta merce; Pello que mando ao vedor de minha fazenda lhes fasão assentar nos livros della os ditos 8\$000 reis que novamente lhe acrescento á dita occupação de mestre da capella da dita Igreja e levar em cada hum anno na folha do acrescentamento do Rendimento da caza da India para lhe serem pagos na mesma forma e em que são os 4\$000 reis que tem nella a dita occupação e este alvará quero que valha como carta posto que seu efeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação Livro 2.º titulo 39 e 40 em contrario sendo primeiro paçada pella chancellaria da ordem e não pagou novos direitos por ser de exercicio ecclesiastico. João de Sexas Henriques o fez em Lisboa aos 9 de Outubro de 1711. Antonio Guedes Pereira o fes escrever. — Rey (T. de Tombo, Chancelaria da Ordem de Cristo, liv. 97, fl. 179 in *A ordem de Christo... nas Igrejas do Continente*, pág. 44, Sousa Viterbo).

(47) É sem dúvida Camilo Cabral, que à custa do Seminário da Patriarcal foi para Nápoles. Do livro dos assentos dos seminaristas da Patriarcal consta de facto que Camilo Cabral foi para Nápoles, mas no rol dos alunos do Conservatório de Santo Onofre de Capuana não aparece tal nome. Lá vêem os dois irmãos Pecorario (Joaquim e António) — entrados em 23 de Março de 1756; Jerónimo Lima e Braz de Lima e João de Sousa, entrados a 15 de Janeiro de 1761.

Talvez que Camilo Cabral fôsse destinado para outro dos quatro conservatórios napolitanos. (Cf. *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, por Mário de Sampaio Ribeiro, pág. 77).

(48) Não topo notícia que identifique êste autor mencionado pelo código de Mazza. Vid. nota 2.ª.

(49) No livro dos «Estatutos dos Bachareis da Sé de Évora», na pág. 10, encontrei os nomes de Francisco Lopes, *Cosme Delgado* e por cima duma linha, acrescentado, o nome de Manuel Mendes, como tendo assistido à elaboração dos mesmos Estatutos, o que se deu em 5 de Outubro de 1581.

A-propósito de Cosme Delgado, cantor da Sé de Évora, trago para aqui uma «Representação respeitosa» feita pelo Cabido ao Arcebispo de Évora, então, segundo creio, D. Teotónio de Bragança.

Refere-se aos cantores da Sé Eborense e traz um elogio de Cosme Delgado, que supponho desconhecido ou pelo menos inédito.

É um manuserito com a cota  $\frac{CIX}{2-8}$  n.º 83, da Biblioteca Pública de Évora.

Consta do seguinte: «... Dom Manoel q' Ds tẽ por deuação q' tinha particular a todas as cousas Ecc.ª e por lhe parecer q' seria asij bẽ, ordenou antes de encomendar esta ao Cardeal Dom Afonso seu f.º q' está em glória q' nella ouuese musicos cantores q' nella seruissẽ nos dias solemnes e festas do anno, e por o Rendimento da fabrica da mesma See o poder ja permitir, lhe mandou dar delle conuenientes partidos com q' podessẽ ser ajudados aviver e podessẽ servir a See».

«Depois disso vindo o dito Cardeal dom Afonso a ter esta Igreja não somente conseruou o costume ordenado nella / mas ainda trabalhou por augmentar o culto diuino e ornamento de todas as cousas delle / procurando mais cantores e os melhores q' podia aver e lhe acrecentou tambem charamelas q' nella não auia por lhe parecer q' todo ornamento de musica e instrumentos se deuia de procurar pera louuor de nosso sñr. e ornamento de hũa see tam honrrada e Prelacia tamanha e q' hya sendo muito Rica / e pera todos estes ministros mandou ordenar Regimentos do modo e como avia de seruir, e taes os deixou atodos como consta do Liuro de sua visitaçõs.

«Depois do falecimento deste Cardeal dom Afonso socedeo o Cardeal e Rey que foi dom Henrique nosso sñr. q' Ds tẽ e cujo tpõ apetiçãõ delRey dom João seu Irmão o S.º Padre eregio esta S.ª Igreja em See Metropolitana, e a elle proueo em primeiro Arcebpõ della com grande aplauzo e contentamento de todos, e como tal e dito Cardeal Rey que Ds tẽ sendo nella Prelado adesejou e nobrecer e augmentar e todas as cousas devidas ao serviço de nosso sñr e do culto diuino e ornamento e autoridale delle e das p.ª della e em tanto era desejoso e amigo do ornamento e autoridade da capella dos cantores desta See q' donde quer q' os podia aver pera ella muito bons os mandaua vir e aos parecia q' serviãõ pera o seuiço della os azeitaua para cantores com seus ordenados e stipendios / e aos que com elles somente não podia contentar nẽ satisfazer por mereçerẽ maiores partidos os benefiçiaua na mesma See pera por esse Respeito alem de cumprirẽ as obrigações de seus benef.º com suas vozes epesoas ajudarẽ alouuar a Ds e serẽ cantores na ditta See como fez a muitos de q' ainda agora ha vivas lembranças / e não somente cõ os estranhos usava isto mas ainda aos cantores da sua camara e criados seus honrrados fazia cantores na mesma See por a capella ser mais graue e melhor prouida tanto zelava as cousas do serviço de Ds e culto diuino / e caso q' este seu principal intento e fundamento não fora tambem o Respeito humano deter na sua See muitos e bõs cantores hera causa pera asy ser / pois aconçeço avir elRey ouvir missa aesta See, e ser ella celebrada eofficiada por sua Al. asy o aver por bem portodos os ministros della e cantores oque ainda em nossos tpos pode aconçeçer / epera hũ so dia destes hera deuido avelos quanto mais seruindo ordinariam.ª»

«E tambem ocustume e posse Immemorial e q' esta See está de ter cantores benefiçiadõs nella faz força e parece q' depersy ajuda a lembrar-se a V. S. q' seja seruindo querer q' se não mude nella nada do q' está bẽ prouido acerq.ª das cousas deseus serviço como esta e outras, e ainda q' os cantores da capella desta See de muitos sobejassẽ e não fõsẽ necessarios estando Recebidos nella por via ordinaria e seg.ª custume parece q' se não deverãõ tirar, nem despedir sem causa sem lhes ficar algũa satisfação pera Remedio de sua vida pois a deixarãõ de ter em outras partes por se quererẽ obrigar ao serviço desta See / e se este he o custume antigo usado e praticado nas casas dos Reys e principes com as p.ª q' os servẽ, quanto mais se deue guardar na casa de Ds e sua Igreja q' toda he chea de mja. (Misericórdia).

«Tambem parece q' he pera se lembrar q' alem deste custume antigo de cantores serẽ benef.º nesta see ser nella usado por bom a deçençia de asy ser e avãtagẽ q' tem de clrigos a seruirẽ he muito maior q' serẽ todos leigos antre os quaes nẽ a honestidade nẽ a apparencia exterior se iguala cõ os clrigos e sacerdotes q' todavia ainda q' fossem muito disolutos o lugar da Igreja a obrigaçã do off.º, e a esperança do premio de seus trabalhos e a sejeiçãõ do Prelado os faz senpre estarẽ com maior Respeito e veneraçãõ aos off.º diuinos.»

«E se nos benef.º presentes dagora se ouuera principiado este custume / e por iso se achara aver notavel falta no serviço da See ena administração dos sacramentos a q' fõsem obrigados ainda como cousa noua introduzida sem prescriçãõ de nhũ tpo se podera remediar / mas e tanto he custumado q' passa de quarenta e cinquenta sesenta e mais annos q' benefiçiadõs costumavãõ ser cantores q' fr.º annos

bacharel que foi era cantor e Serafim de Luna Pero de Corral Manoel Dias o qual costume e posse passa de tantos annos, aprouado e usado pelos Prelados passados q' assy o ordenauão.»

«O Arcebpô dom João de Mello q' Ds tẽ quando veo aesta Prelacia parecendo lhe que podia forrar pera as Rendas da dita obra da See alguns partidos de tantos cantores quantos então avia q' herão hũa grande parte mais do q' agora, e tratando de apousentar algũs com algũa parte de seus ordenados o não effectuou por em sua Relação então com os letrados q' avia e outros q' forão pera isso comunicados seasentar q' o não podia fazer em consciencia não sendo elles disso contentes.»

«E posto q' as Rendas da fabrica desta see então estiuessẽ mais inteiras e fosem de maior Rendimento e que bem podião soprir a todos os encargos do seruiço ãa See tambem então os custos forão maiores e muitas obras que ouue e se fizerão / e avia pera tudo / e se depois se extinguirão e dismenbrarão tantos bens da dita Renda da fabrica como he notorio o cabido como ja tẽ dado conta a V. S. e lhe fez disso lembrança, fez nisso todo o q' por então pode ser pera se não effectuar, mas todavia foi com o *Cardeal e Rey dom Henrique* q' Ds tẽm mandar fazer orçamento de todo o q' ainda ficaua de Renda a dita obra da See, e orçada ella com os gastos todos e com as desp.<sup>as</sup> dos cantores e charamelas se achaua que *pagos todos* ficavão ainda encada hũ anno mais de mil e quinhentos *cruzados* de Remanecente pera o q' comprixe e necessidades q' sobreuiessẽ / e que visto hũ anno seja mais e outro menos he condição ordinaria dos tpos e dos aRendamentos das Rendas, q' aleuantão e abaixão as cousas / pelo q' sempre se pode cõ os custos presentes.»

«Cosmo Delgado br̃ (*bacharel*) nesta see e que ora tẽ cargo de mestre da capella ha perto de trinta annos q' aserve de cantor, e tẽ elle neste officio de musica tantas partes de q' nosso sñr. o dotou q' por sua boa voz e habilidade parece q' ainda q' delle fora mereçido escusarẽno detal por sua Rara habilidade e voz boa se podia bem exceptuar detodos, e he Rezão q' hũa tam insigne See e q' tem tal Prelado tenha ã tudo os mais avantejados ministros eseruidores q' possão ser, porq' alem de em tudo nosso sñr ser louuado na sua Igreja / o pouo com a bondade da musica se incita adeuação, e acurdarẽ em cousas q' o esperito com ella Representa, e lembra.»

«Por todas estas Rezões e outras q' podera aver, e especialmente porquem V. S. he, epelo S.<sup>to</sup> Zello q' sempre mostrou pera todas as cousas do seruiço de nosso sñr e bẽ de sua Igreja e seus subditos Pede este seu Cabido a V. S. seja seruido conseruar esta See e Igreja sua no estado e posse em q' a achou quando lhe foi entregue, e que nella se guardem os seus costumes antigos e bõs / mande q' os cantores na capella sejão os q' são ainda q' sejão *benef.<sup>dos</sup>*, e prouēja os charamellas della por a muita falta que ha disso.»

.....  
Seguem as assinaturas dos Capitulares nas quais se destaca pela elegância e justeza a do Cônego Jerônimo Osório. Aí fica um documento curioso sobre o estado em que vivia a Capela da Sê nos fins do século XVI e principios do XVII. Cosme Delgado faleceu uma terça-feira à tarde, 17 de Setembro, de 1596 e deve ter nascido por volta de 1530.

(<sup>50</sup>) Na altura em que José Mazza lançou no seu projectado Dicionário êste nome, ainda o mesmo, como diz, exercia o officio de trombeta Mór de Sua Magestade.

— (<sup>51</sup>) O epigrama que Rezende dedicou a Damião de Góis está mal copiado. Para se entender, deve ser isto:

Elige vestro navis horum te nomine dici  
An Phebi, an Orphei dulcis utrisque modis  
Aut, si non spernis genus a quo Musica primum  
Inventa est, nobis, sis Damiane Jubal.

Em português soa assim: «ó Damião escolhe para estro da tua nau musical um daqueles que te chamam ou pelo nome de Apolo ou pelo de Febo que é doce para ambas as artes, ou então, se não desprezas a raça pela qual a musica foi inventada em primeiro lugar, sejas tu para nós um novo Jubal.»

Martinho Gerberto, na sua obra rara *De cantu et Musica Sacra*, na pág. 335, X, 2.º vol. traz a seguinte referência altamente elogiosa para Damião de Góis: «Cum laude meminit Glareanus *Damiani a Goes*, equitis Lusitani, viri nobilis, et eximii ejus tempestatis symphonetae. Qui (addit) postquam totam ferme lustrasset Europam, hic ad Hercyniae silvae caput D. Erasmus Roterodamum invisit, cuius hospitis aliquot mensibus suavissime est usus; hinc inter nos notitia orta, hinc amicitia facta, quae nunquam, quoad vixero, evanescet.

Specimen ejus compositionis adiungit, de eoque Opmeer inquit:

In compenendis symphoniis magnus artifex, et a cunctis viris amatum plurimum».

Em português quer dizer o que segue. «Glareano gloriosamente recorda Damião de Góis, cavaleiro português, homem de estirpe nobre e exímio músico dessa época. O qual (continua ele), depois que percorreu quasi toda a Europa, visitou aqui no alto da floresta Hercinica (*Floresta Negra*), D. Erasmo de Roterdão, de cuja hospitalidade usou com muita felicidade durante alguns meses: a partir disto, originou-se um conhecimento recíproco entre nós e uma amizade que jamais perecerá enquanto eu viver.

Acrescentou a isto um exemplar da sua composição, de cujo conteúdo diz Opmeer: Grande artista em compor concêrtos e muito amado por todos os homens doutos.»

A aura musical de que gozou Damião de Góis está hoje seriamente comprometida. Sampayo Ribeiro, in *Damião de Goes na Livraria Real de Musica*, 1935, afirma ter sido Damião de Góis de excessiva vaidade a ponto de ele próprio escrever os seus elogios, tão enfiados e presunçosos como este: «Na musica compoz muitas coisas, na qual foi tão destro e exercitado que nas terras por onde andou lhe chamavam o musico por alcunha.»

As «muitas coisas» que compôs reduzem-se a bem pouco e a sua *destreza e exercicio* não são tão grandes que Fétis evite dizer que o moteto goesiano inserto no terceiro livro do *Dodecachordon* possui «alguma nudez na harmonia.»

Damião de Góis brilhou mais como humanista, e só devido às humanidades ele conseguiu captar a amizade de Erasmo, que não apreciava musica. A sua grande glória está em ter deixado à posteridade principalmente as crônicas de dois grandes reis portugueses — D. João II (emquanto Principe) e D. Manuel.

(52) A respeito de Damião de St.ª Quitéria e de Davide Francisco Xavier, não encontrei outra notícia.

(53) Ernesto Vieira parece-me que se enganou redondamente quando afirmou ser Diogo Dias o mesmo que Diogo Dias Melgaz, que vem a seguir citado no código de Mazza.

Diogo Dias foi *clérigo de missa* e era organista e mestre de canto na vila do Crato; por tudo isso pagava-lhe a Câmara de ordenado vinte mil réis.

Ai vai o documento respeitante ao caso:

«Eu El-Rey faço saber aos que este aluará virem que os officiaes da camara da vila do Cratto me enuiarão dizer per sua carta que na dita villa falesera o padre Diogo Dias, cantor e organista na matris della, o qual tinha por minha prouisão vinte mil rs em cada hum anno das rendas do conselho com obrigação de tanger os órgãos e insinar canto, e por que lhe ficara hum sobrinho, clérigo de missa, por nome Paulo Afonso, que tinha as mesmas partes pera bem poder tanger os ditos órgãos, e a dita camara tinha obrigação ao dito canto, pello que me pedião lhe fizesse merce de mandar pasar prouisão ao dito Paulo Afonso para lhe darem os ditos vinte mil rs com a

mesma obrigação, e visto seu requerimento e informação que se ouve pello ouvidor da comarca do priorado do Crato, hey por bem e me praz que os ditos officiaes da camara posão dar daqui em diante ao dito Paulo Afonso vinte mil rs em cada hum anno das rendas do Conselho da dita villa não entrando nisso minha tersa com a obrigação de tanger os ditos orgãos e ensinar o canto na forma em que o fazia o dito Diogo Dias, seu tio, e mando ao prouedor da comarca leve em conta aos ditos officiaes da camara nas que lhe tomar das rendas do dito Concelho os ditos vinte mil rs em cada hum anno e lhe cumprão e guardem este alvará como nele se comtem que se registara no liuro da Camara da dita villa, e ualers como carta sem embargo da ordenação do 2.º liuro titolo 40 em contrario. João de Souza o fez em Lixboa a vinte de Julho de mil e seis centos e uinte e sette. João Pereira o fez escrever.» (Tôrre do Tombo, Chancellaria de D. Filipe III, L.º 17, fl. 132 in *A Musica sagrada em diversas terras do Reino*, por Francisco Marques de Sousa Viterbo, 1911, pág. 19 e 20).

A Paulo Afonso succedeu o padre António Vieirs (ver este nome). Este homónimo do grsnde orador jesuita recebeu mercê de dez mil réis, pagos pela Câmara, segundo alvará de 9 de Agosto de 1636.

Joaquim de Vasconcelos assevera ter Diogo Dias estudado em Évora, onde chegou a Mestre de Capela. Não sei contestar em absoluto a afirmação, mas supponho tratar-se de fácil confusão. Ao contrário do que avança na sua obra (*Os Musicos Portugueses*, pág. 79, 1.º vol.) — o existirem composições de Diogo Dias no Cartório da Sé — só posso afirmar que não há uma única, por excepção. É romo que nunca aparece no cartório das músicas da Sé de Évora. A única probabilidade que há de tudo é que tenha estudado de facto em Évora, pois encontrei este nome em livros do Arquivo Capitular da Sé.

(84) Talvez porque no epitáfio deste compositor, escrito em latim, aparece a palavra *Melgaz*, assim grafada, Ernesto Vieira foi induzido no erro de que seria este o nome do Mestre, mas em latim, pois em português, crismava-o de Melgaço.

Na mesma esteira têm seguido muitos dos que alguma coisa escreveram sobre o assunto, sendo, no entanto, ainda neste caso, uma só a verdade. O nome absolutamente autêntico tirado da própria assinatura é — Diogo Dias Melgás ou Melgaz. Foi, no entanto, o Cardial Saraiva (*Lista de alguns artistas portugueses*, pág. 47) que occasionou tamanha confusão no nome do último dos grandes mestres do contraponto em Évora no século XVII.

Natural do Baixo-Alentejo, nascera em Cuba; foi o mais infeliz de todos os grandes mestres do canto de órgão de antano e um dos mais inspirados, senão o mais inspirado dos artistas portugueses, que escreveram naquele género de música.

A sua morte deu-se na noite de 10 para 11 de Março de 1700, em Évora, em casa sua, onde residia, na Rua do Espírito Santo.

#### CXXVI

Na página 164 do códice  $\frac{\text{CXXVI}}{2-21}$  da Biblioteca Pública de Évora se lê o seguinte:

«No sogam saindo da porta da igreja para a porta principal esta enterrado o P.º Mestre Melgás. Faleceo a 13 de Março de 1700».

Ernesto Vieira tomou este documento como ponto de partida, aceitou aquela data de 13 e pôs de parte a que Barbosa Machado indicava, que era 9 do mesmo mês e ano. (Cf. *Bibliotheca Lusitana*, pág. 89, IV vol.).

É, porém, certo que uma e outra estão erradas.

António Francisco Barata, falecido funcionário da Biblioteca de Évora, publicou em Outubro de 1905, no jornal «Correio Elvenses», um artigo intitulado *Diogo Dias Melgás*. Nesse artigo, reproduzido na revista «Arquivo Transtagano», de 15 de Maio de 1934, encontram-se os dados mais concretos que se conhecem sobre o desditoso músico, que morreu cego.

Nesse artigo se diz que a morte de Melgás ocorreu na noite de 10 para 11 de Março de 1700, pois, no dia 11 já os frades de alguns conventos rezavam missas por sua alma. No dia 12, foi sepultado, com acompanhamento da Irmandade dos Clérigos de Santa Marta, à entrada do convento dos Remédios, em campa que comprara aos carmelitas descalços que habitavam aquele mosteiro. «No mesmo sogam (sic) ao pé desta mesma sepultura acima referida está enterrado João Melgás sobrinho do P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Melgás que era seu sobrinho faleceu a 25 de Abril de 1700». «No mesmo sogam está enterrada por baixo da sepultura acima referida huma sobrinha do p.<sup>o</sup> Melgás faleceu a 20 de Maio de 1700». E ainda continua a tragédia desta família: «Entrão pellas grades do sagam a mão esquerda da sepultura do P.<sup>o</sup> Mestre Melgás está enterrada uma sua sobrinha Luisa M.<sup>a</sup> falecida a 17 de Abril de 1712» — «A mão direita da cova do P.<sup>o</sup> Mestre Melgás está enterrada huma sua afilhada por nome luzia M.<sup>a</sup> faleceu em vinte e quatro de Novembro de 1714».

Infelizmente os frades não respeitaram a campa de Mestre Melgás e passados anos venderam-na ao Dr. António de Azevedo Cotrim: «Esta sepultura do P.<sup>o</sup> Mestre Melgas comprou o letrado Cotrim e nella se enterrou sua molher D.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> faleceu em 28 de Agosto de 1732». E mais: «Na sepultura q' está ao sair dos arcos do Alpendre da Ig.<sup>a</sup> q' hé do Dr. Anto. de Azevedo Cotrim se enterrou este mesmo a 21 de Ag. de 1747».

O Dr. João Melgás Ferro pouco sobreviveu também ao extinguir rápido da sua família.

Melgás viveu e morreu pobre. À data da sua morte houve necessidade de pedir a um estranho 4.000 réis para se fazer o entêrro. Foi o irmão que os pagou, a 20 de Junho de 1700, a Sebastião Ferreira.

Diogo Dias Melgás foi menino de côro na claustra da Sé de Évora, para onde viera aos nove anos de idade.

A propósito transcrevo o que o Padre Francisco Fonseca escreveu sôbre a casa onde viveu e aprendeu o Padre Mestre Diogo Dias Melgás, e no qual há referência altamente elogiosa para elle.

«Até 1552, os meninos do côro recebiam as lições, mas ficavam e viviam nas suas casas. Nesta altura «o Sereníssimo Cardeal Infante D. Henrique os mandou ajuntar em Collegio, para que fossem melhor instruidos, e ficassem mais aptos para o serviço do Culto Divino. A primeira instituição era de quatro, e corria por conta do Mestre Escola o seu sustento, e ensino, a estes acrescentou outros quatro o Arcebispo D. Afonso, outros tantos o Cardeal D. Henrique, e dois D. João de Mello perfazendo o numero de quatorze, que a liberalidade dos Senhores Arcebispos costuma subir ao de vinte. Acho em Author fidedigno, que o Senhor Cardeal queria, que todos fossem orfãos para acodir com a mesma esmola ao serviço da Sé, e ao dezemparo dos Mininos, mas como nem em todos os orfãos se podia achar suavidade das vozes para o serviço do Coro, se alterou justamente esta disposiçã do Sereníssimo Arcebispo.

417. O seo primeiro Collegio foy na Sé velha, que tinha servido de Caza do Senado, e de morada do Escrivão da Camara, e por esta ameaçar ruina, se mudou para aquellas cazas, que ficão detraz da Caza do Cabido, onde vivião muito apertados, e com muita incomodidade os inocentes Mininos; compadeceo-se delles o Arcebispo D. Luiz da Sylva, e lhe fundou junto da claustra o magnifico Collegio, em que hoje habita, o qual acabou o Senhor D. Simão da Gama: e se fez a mudança com muita solenidade aos 8 de Mayo 1708. Tem hua linda Capella dedicada o Minino perdido, e nella alem das Ladainhas, e Salve, rezão o terço do roزاری todos os dias. Estudão enquanto Mininos a Solfa, e quando mayores com titulo de Collegiaes mudão a cor da beca, e vão à Universidade ao Estudo.

Em 1617. O Arcebispo D. Joseph de Mello lhe deo santos e prudentes esta-

tutos dizendo no prologo as muytas utilidades que desta função tinham nascido, por ter sido o seminario dos Mestres das Capellas, não só das Sés de Portugal, mas de muytas de Castela; e no tempo em que aqui foy Reytor, e Mestre da Claustro o P.<sup>o</sup> Diogo Dias Melgás, todos os Mestres da Musica portuguesa tinham sido seus Discipulos: a que podia acrescentar os muytos que ou retirados nos claustros ou ordenados sacerdotes authorizarão as Religiões com as suas prendas e as Parochias com as suas exemplares vidas. (Cf. Páginas 233 e 234 de *Évora Gloriosa*, Parte Segunda — «Évora Pia»).

O epitáfio que fizeram para colocar no túmulo de Melgás, e que certamente nunca lá esteve, diz assim, em português:

«Morreu neste mundo triste um mestre que soube comunicar aos homens a Musa celeste (a música).

Mas se êle jaz inumado numa urna funérea, a fama não está sepultada no túmulo.

Melgás, depois da morte, viverá lustros eternos, emquanto houver homens, emquanto houver astros».

Não obstante Mazza afirmar que o epitáfio se lia na campa, eu abundo na opinião de Ernesto Vieira, aliás baseada nos dizeres de Barbosa Machado, de cuja obra Mazza o copiou. Ora o douto Abade de Santo Adrião de Sever apenas diz que o epitáfio latino foi composto e mais nada. Ora, sabendo-se das predilecções literárias da época, facilmente se conclui que êle representa apenas o elogio epigramático de um admirador entusiasta e nada mais.

Graças à amabilidade de Mário de Sampaio Ribeiro, que me forneceu a cópia, posso dar aqui o testamento com que faleceu o insigne compositor e que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa (Ms. 9534 F. G.).

«Em nome de Deos e Santissima Trindade Padre, filho e Espiritto Santo tres pessoas distintas e hum so Deos Verdadeiro em quem eu o Padre Diogo Dias Melgas crejo bem e verdadeiramente e em cuja fee protesto viuer e morrer e nella como fiel Catollico espero saluar minha alma, e por me achar enfermo nesta cama ignorando dia e hora em que Deos Nosso Senhor sera seruido leuar-me da vida presente dezejando em tudo por minha alma em caminho da Saluação ordeno e faço este meu Testamento pella forma e maneira seguinte:

Primeiramente emcomendo minha alma a Deos Nosso Senhor que a creo (sic) e remio com o presiozo sangue de JESUS Christo na aruore de vera Crus e lhe pesso que pelos merissimentos de Sua sagrada morte e paixão queira uzar com ella de sua infenita Mizericordia perdoandome minhas culpas e peccados e leuandoa a gozar da Eterna bemaumenturanca pera cujo fim a creou e remio e pesso e rogo a Gloriosa sempre Virgem Maria queira interceder por mim como Maj e adeuogada de peccadores ante seu Vnigenito filho pera que minha alma seja recebida e va gozar de sua vista, e o mesmo pesso e rogo a todos os Santos e Santas da Corte celistial e em especial ao Anjo de minha guarda e ao Santo de meu nome, e aquelles a quem tenho particular deuocão.

Primeiramente declaro que sou saserdote do habito de Sam Pedro e que sou natural do lugar da Cuba termo de Beja e que sou filho legitimo de Afonso lourenço Melgas já defunto e de Maria ferra e me acho com minha legitima erdeira que he minha Maj e asim quero que sendo Deos seruido leuar-me desta vida presente meu corpo seja sepultado no Alpendre de Nossa Senhora dos Remedios desta cidade e asim deixo se venda huma palangana de prata que tenho e o valor della se me mande dizer em missas de corpo presente sendo horas e quando não forem horas seja no dia logo seguinte e declaro que a esmolla de cada huma destas missas seja de tostam.

Item disce deixaua aos Relligiozos de Nossa Senhora dos Remedios quatro mil reis de esmolla da sepultura e juntamente pera huma missa e meio officio.



Item quero se me digam mais sincoenta missas por alguns emcargos e restituições em que esteja emcarregado sendo a propria esmolla de tostão.

E declaro que eu sou Irmão da Irmandade do Sacramento de Santo Antão e de Sam Mamede e sou Terseiro de Sam francisco e de Nossa Senhora do Cármo e sou Irmão de Nossa Senhora do Rozario e de Nossa Senhora da pas e de Sam Niculão, da Senhora da Emcarnação de Sam Mamede, e assim quero que todas Irmandades sobre-dittas me acompanhem quero que os meos Irmãos e Clerigos da Confraria das almas de Santa Marta desta cidade me leuem e acompanhem a miuha sepultura e me fação todos os mais sufragios que costumão fazer aos que sam Irmãos da ditta Irmandade quero e mando que se me digam mais trinta missas por alguns emcargos ou obrigaçoens em que esteja obrigado quero que me acompanhe a minha freguezia da see a que se dara a esmolla costumada.

Item pesso e rogo a meu Irmão João Melgas pello amor de Deos seja meu Testamenteiro e aseitar o trabalho e dar [*cumprimento*] com aquelle cuidado e zello que delle fio ao disposto neste testamento.

Item Instituo a meu Sobrinho João Melgas ferro estudante neste (*sic*) universidade de idade de treze annos, digo de treze pera catorze annos ou o que se achar na verdade por meu herdeiro, e assim lhe deixo tres quartéis de vinha que estão no posto do dijebe e partem com a estrada de villa viçosa.

Item lhe deixo mais humas cazas em que moro na rua do Espirito Santo.

Item lhe deixo huma adega de vinho e azeite com sua alagarissa na travessa do Guerreiro ou do Valente que esta defronte da varanda das mesmas cazas.

Item deixo ao mesmo meo Sobrinho João Melgas Ferro huma caza que esta na mesma travessa asima declarada que parte com a mesma Adega.

Item deixo mais ao ditto meo Sobrinho a minha renda e datta que tenho na herdade da Coteliça que são trinta alqueres de pam trasados e declaro que a dita herdade esta na freguesia de Santa Catherina de Selmes termo de Beja.

Item deixo mais ao ditto meu sobrinho hum farregeal que esta no limite da cuba no posto de val de sintrão que leua em sameadura quinze alqueres de trigo; e declaro que tanto a ditta renda como o dito farregeal se venda pera dar satisfação a duzentos e vinte milreis que se deuem a Irmandade das Almas.

Item deixo ao ditto meu sobrinho humas cazas em o lugar da Cuba.

Item deixo mais dois mil reis de foro que comprej na herdade do Perineo freguezia de Santa Caterina de Selmes.

Item deixo todas as diuidas que me deuem e o que se achar em minha caza a minhas sobrinhas que de portas adentro tenho depois de compridos os meus legados e declaro que toda esta fazenda que deixo a meu Sobrinho João Melgas Ferro he pera ser sacerdotte e viuer com suas Irmans e esta fazenda não poderá lograr nem pessuir o pay do ditto meu Sobrinho em nenhum tempo, e enquanto elle o não for sera seu Tio o Padre João Melgas ademenistrador della ou quem elle declarar.

Item deuo ao Padre Antonio da fonseca huma moeda de ouro Deuo mais ao Reitor dos meninos do Coro sinco mil reis digo sinco mil e trezentos e des reis Deuo mais na loja de Miguel da Costa tres mil e quinhentos reis e mais hum resto que sera o que elles dicerem Deuo a Irmandade das Almas duzentos e vinte mil reis.

Item declaro me deue Maria Banha Irmãa do Padre Bento Gomes que Deos tem quatorze mil reis.

Item me deue meu Primo o Doutor Francisco Dias Melgas morador na cidade de Beja corenta mil reis por hum escripto que tenho na minha mão alem do dote que dei a minha Sobrinha. Item me deue meu Primo Manoel Afonso de Almada morador na Cuba doze mil e quinhentos reis.

Item declaro que em caza do Senhor Conego Manoel da Silueira de Sequeira esta hum prato de prata empenhado em trinta mil reis.

Declaro que pera testar dos bens de meu patrimonio me deu minha Maj licença a que assistirem (*sic*) presentes por testemunhas o leccenciado o Padre Antonio de Souza Manoel ferro e Pedro da Costa e Bento da Silua e Antonio da Silua todos moradores nesta cidade e por esta maneira hei este meu Testamento por feito e acabado por ser assim minha ultima vontade e por estar falto de vista e não poder escreuer pedi ao Padre Antonio de Souza morador nesta cidade em a rua do Machede que este por mim fizece e a meu Rogo asinace o que eu Sobrido (*sic*) fis e asinei. Euora aos des dias do mes de Março de mil e sete centos annos. Asino A rogo do Padre digo do ditto Padre Diogo Dias Melgas por estar falto da vista e não poder escreuer e por mim --- o Padre Antonio de Souza.

#### APROUAÇÃO

Saibão quantos este Instrumento de Aprovação de Testamento e ultima vontade virem que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de mil e sete centos annos aos des dias do mes de Março do ditto anno em esta cidade de Euora na rua do Espirito Santo nas cazas de morada do Mestre Diogo Dias Melgas Mestre da Capella dos Meninos de Coro aonde eu Taballião ao diante nomeado fui estando elle ahi presente doente deitado em cama de doensa que Deos Nosso Senhor lhe deu mas em todo seu prefeizo Juizo e entendimento quanto o mesmo Senhor nelle pos segundo parecer de mim Taballião e testemunhas ao diante nomeadas e assignadas e logo perante as dittas Testemunhas me foy dado de sua mão a de mim Taballião este seu Testamento que em suas maos tinha o qual disse que fizera pera bem de sua alma e descargo de sua consciencia que he o que fica atras escripto pello Padre Antonio de Souza que o fizera e assignara a seu rogo por elle estar falto da vista e não poder escreuer e que por este Instrumento o aprouaua e retificaua e auia por firme e valiozo e por seu solene e verdadeiro Testamento e que por elle outrosim anulaua contradiezia e reuogaua todos os outros Testamentos Sedullas comdesillos e mandos que antes deste haja feito e so este quer que valha e tenha forsa e vigor em juizo e fora delle e que fallecido elle Testador da vida presente quer e ha por bem que este seu Testamento se dei em todo e por todo a sua deuvida execução e se abra por auteridade de justissa, o qual Instrumento de Aprovação de Testamento pedio elle Testador a mim que aqui lhe puzece e escreuece o que eu fis a seu rogo quanto em direito posso e deuo E declarou elle Testador que sendo cazo que o ditto seu sobrinho João Melgas Ferro não seja Clerigo e tome outro estado pasara a ditto herança que neste seu Testamento lhe deixa a suas Irmans do ditto João Melgas que estam em sua companhia e declarou mais que deixaua a seu criado Bento da Silua des mil reis e hum vestido sendo presentes por Testemunhas perante quem o aseitou todas chamadas e rogadas por parte delle Testador; E declarou mais elle Testador que de todas as heranzas que deixa ao dito seu sobrinho e sobrinhas nunca podera seu pay pesuillas em nenhum tempo e assim o aseitou. Testemunhas que presentes forão o Padre Antonio de Souza que asinou a rogo do ditto Testador por estar falto da vista e não poder escreuer e Manoel Ferro morador nesta cidade na trauessa das Gattas e Domingos Teixeira digo e Domingos figueira morador na ditto rua do Espirito Santo e francisco da Crus hora estante nesta cidade em caza de Manoel Varella Bento da Silua e Jacinto de Pereiros e Antonio da Silua assistentes na ditto caza que todos aqui assignarão por suas maos letras e sinaes eu Pedro da Costa Caldeira Taballião de Nottas nesta cidade de Euora e seu termo que este Instrumento de Aprovação de Testamento fis escreui e asinei.»

(55) Existe no Arquivo Capitular da Sé de Évora, onde foi Cônego Dias Velho, um missal eborense, cujo trabalho de cópia é integralmente devido a este insigne autor. No cartório da Sé nem uma só composição sua existe, porém, para verificação da competência musical do fiel secretário de D. Henrique.

(<sup>56</sup>) Parece que o nome dêste autor era realmente Dionisio dos Anjos, mas Joaquim de Vasconcelos transformou-o em Diniz. Na origem, o nome é o mesmo, mas em português existem os dois.

(Vasc., *ob. cit.*, pág. 7, 1.º vol.).

(<sup>57</sup>) Frei Domingos da Conceição dedicou-se também a trabalhos literários, que ficaram manuscritos.

(<sup>58</sup>) Acerca dêste mestre de capela da catedral elvense, Manuel Joaquim, nos *Documentos para a História da Música da Sé de Elvas*, que compilou e publicou em folhetins no *Jornal de Elvas* (n.º 53 e seguintes da série VI), escreveu o seguinte:

«Este eclesiástico era, em 7 de Janeiro de 1712, o escrivão da Confraria das Almas e assinou-se num termo dessa data (Cf. *Livro dos Irmãos das Almas da St.ª Sé de Elvas*, fol. 9 v.º) pela seguinte forma — «O P.º M.º Capp.º D.ºª Gomes».

No livro mencionado seguem-se muitas assinaturas em que se vê o seu sinal por extenso, acompanhado do seu importante cargo.

Por exemplo: a fol. 29 lê-se — O P.º Domingos Gomes M.º da Capp.º — a fl. 45, ano de 1728, assina com a mesma firmeza de letra — O P.º Domingos Gomes do Couto — e assim até fl. 70, em data de 28 de Novembro de 1754.

O P.º Domingos Gomes do Couto (é assim que passamos a tratá-lo) fez, em 1746, parte dum júri, que aprovou para o «Mestrado da Solfa da V.ª de Oliv.ª a Julião Rozado Tauares».

Como o documento é curioso, vamos transcrevê-lo na integra:

«Prouisão do Mestrado da Solfa da V.ª de Oliv.ª em Julião Rozado Tauares.

Dom Balthazar de Faria Villasboas por m.º de Deos e da Santa Sé Ap.ª Bispo desta cid.ª e Bispd.º de Eluas do Cons.º de sua Magd.ª q. D.ª gd.ª etc. Fazemos saber q. atendendo nos a incapacidad.ª em que achamos a Domingos Fern.º de Pinna, q. servia de Mestre de Solfa na v.ª de Oliv.ª deste nosso Bisp.º e q. não fazia aproveitamento algum no d.º emprego nem satisfazia com as obrigações do Mestrado e querendo ter com elle algũa comizeração em atenção a sua pobreza e aos muitos annos q. tinha servido o aposentamos com dois moyos de trigo.

Conuimos o dito Mestrado por vago p.ª o prouermos em concurso e p.ª vir a noticia de todos os q. se quizerem opor mandamos fixar Editaes e deputamos p.ª Juizes da opposição ao P.º D.ºª Gomes do Couto M.º da Cap.ª de nossa See e ao P.º Ignocencio de Souza Mialha Mestre da Cap.ª Real de V.ª vigosa e feita a opposição por rigurozo exame em que forão opositores o P.º Manoel Dias Fialho da V.ª de Oliv.ª Julião Rozado Tauares Clerigo in minoribus da v.ª de Castello de Vide e Affonso Ferreira da v.ª de campo mayor foi julgado e votado pellos ditos Juizes por mais digno e idoneo p.ª a dita occupação e Mestrado o dito Julião Rozado Tauares. Pello q. lhe mandamos passar esta nossa Prouisão pella qual lhe fazemos mc.ª da prebenda e Mestrado da Solfa da v.ª de Olivença enquanto não mandarmos o contr.º emsignará Solfa a todas as pessoas q. a quizerem aprender sem q. por isso possa pedir nem leuar emoluum.º algum e fará todas as suas obrigações do Mestrado satisfazendo com ellas intr.ªmt.ª hauerá a renda chamada Prebenda do d.º Mestrado com o encargo dos dois moyos de trigo p.ª o seu antecessor aposentado e hauerá outrosim todos os proes e precalsos q. por direito e costume lhe pertencerem como o ouveram seus antecessores e mandamos a todas as pessoas a q.ª pertencer tenham e hajão ao d.º Julião Rozado Tauares por M.ª da Solfa da d.ª v.ª de Oliv.ª etc. Dada nesta cid.ª de Eluas sob o nosso signal e sello de nossas Armas aos outo de Feu.º de mil sete centos e quarenta e seis annos. Francisco Pereira escrivão da Cam.ª Episcopal a escreuy. // Balthazar Bispo de Eluas. // Lugar do sello // Reg.ª no 1.º da chancellaria a fl. 225 // Teixeira. // Pagou dois mil e oito centos rs. // Reg.º no 1.º da Cam.ª a fl. 6 // Pereira.

(Do livro do Registo dos provim.º e serventias de todos os officios de graça e just.ª deste Bisp.º q. comessou em o anno de 1743, a fl. 6 v.º).

Vamos fechar estas notas sobre o P.<sup>e</sup> Domingos Gomes do Couto, com o assento de óbito, pelo qual se vê que faleceu em 17 de Outubro de 1756.

«Em o dia dezassette do mes de outubro do anno de mil sette centos e sincoenta e seis, faleceu o Rd.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> Domingos Gomes do Coitto mestre da Capella desta Sé morador na rua da feira desta freguesia recebeu o sacramento da Extrema unção e o da Penitencia sub conditione por se privar dos sentidos não fes testamento foi sepultado nesta sé do q. fis este assento q. asinei. O Vig.<sup>o</sup> Manoel Miz Salgado.» (Do *Livro de defuntos da Sé de 1742 a 1761*, fl. 143 v<sup>o</sup>) (In. *Jornal de Elvas*, n.<sup>o</sup> 78, de 12-V-1929, e n.<sup>o</sup> 82, de 9-VI-1929).

(<sup>59</sup>) Em Santa Catarina de Ribamar, escola que D. João V fundou em 1729, e que D. João Jorge dirigiu proveitosamente, aprendeu Frei Domingos do Rosário. E' autor do vulgar, e ainda às vèzes manuseado *Theatro Ecclesiastico*.

Este livro foi de grande utilidade e quasi obrigatório para o desempenho das funções sagradas em Portugal.

Nasceu seu autor em Santa Maria dos Olivais e professou na ordem franciscana dos frades capuchos em 15 de Abril de 1722.

Depois dos estudos que fêz no referido Colégio, foi transferido para Mafra, onde, durante quarenta e um anos, exerceu as funções de cantor-mor.

Foi célebre este monumental convento pela escola de música que lá brilhou e cujo canto, chamado capucho, fazia as delicias de muita gente, incluindo o próprio D. João V. O canto capucho consistia na harmonização do cantochão a três e quatro vozes, realizando uma espécie de fabordão.

Foram estas artimanhas pseudo artisticas e quejandas que estropearam de tal modo o velho canto gregoriano ao ponto de o tornarem irreconhecivel. Ainda hoje se fazem sentir aquelas influências que criaram ambiente prejudicial ao canto proprio da igreja.

Frei Domingos do Rosário faleceu antes de 1778.

(<sup>60</sup>) Não encontro em parte alguma outra referência a êste autor. Ver nota n.<sup>o</sup> 2.

(<sup>61</sup>) Foi revelado ao público, na noite de 4 de Junho de 1942, no teatro de S. Carlos, quando da apresentação de «Polyphonia», que Duarte Lôbo era alentejano e mais ainda, que tinha nascido na vila das Alcáçovas, mui perto de Évora, portanto.

Nas notas que enriquecem o programa respectivo escreveu Manuel Joaquim que «no dia 19 de Setembro de 1575 baptizou-se, na Igreja do Salvador da vila de Alcáçovas, uma criança, á qual se deu o nome de Duarte».

Foram seus pais, Rui Gomes Vieira e Isabel Leonardes; o neófito teve por madrinha Jerónima Vieira e foi seu padrinho Baltasar Lôbo, do qual usou o apelido».

Tudo pode estar absolutamente certo, excepto, a meu ver, a data apontada, 1575.

Duarte Lôbo, na dedicatória ao Duque de Bragança, do seu segundo livro de Missas, afirma dever ao Cardeal D. Henrique tudo o que sabia de Música, pois fôra êste quem o mandara estudar no seu colégio de Évora do Espírito Santo. Chamava-lhe seu o Cardeal, porque o fundara e dotara, mas foi entregue aos padres da Companhia de Jesus, que eram os Mestres da Universidade anexa ao Colégio.

O latim que Duarte Lôbo empregou é bem claro e expresso nestes termos: «...me quidem acceptum referre quodcumque artis in me est, Lusitaniae Regi Invictissimo Henrico... in suo Eborensi Collegio a primis numerorum elementis me jussit institui».

O Cardeal foi Arcebispo de Évora pela segunda vez de 1574 a 76. Teria, pois, Duarte Lôbo, segundo a data atrás apontada, um ano de idade quando o Arcebispo saiu para Lisboa.

¿Como explicar que D. Henrique tivesse influência no ensino de Duarte Lôbo?

Quando o Cardeal-Rei morreu, ainda aquêl contava somente cinco anos de

idade; como entender, pois, aquelas palavras de Duarte Lôbo? É certo que a vila das Alcôvas pertencia ao senhorio da Casa de Bragança e Duarte Lôbo era talvez filho de algum empregado ou caseiro dela; mas quem se lembraria de uma criança com menos de cinco anos? Forçosamente sou levado a crer que aquela data deverá ser antecipada.

Sampayo Ribeiro (in *Ocidente*, crónica *De Música*, Nov. de 1940, n.º 31, vol. XI) deu-o, por hipótese, nascido entre 1565 e 1570, e parece-me que tal cálculo deve bater certo.

¿Não se tratará de erro de copista, que, distraído ou apressado, escreveu setenta onde deveria ter escrito sessenta? A data de 1565 parece muito viável e antolha-se-me que resolveria o problema.

Acresce a isto que Duarte Lôbo foi discípulo do Padre Manuel Mendes, cujas aulas teriam tido começo por alturas de 1560 (cf. *Ocidente*, n.º citado).

Admitindo que ingressavam no colégio aos nove anos, segue-se então que teria ido para Évora em 1574, ano em que D. Henrique estava à testa do Arcebispado. Uma coisa é certa porém. Duarte Lôbo não morreu com 103 anos, como tem sido afirmado por todos quantos se referiram ao grande contrapontista, José Mazza incluso.

Teve a dita de encontrar a certidão do óbito, Mario de Sampayo Ribeiro, que anunciou jubilosamente ter Duarte Lôbo morrido no dia 24 de Setembro de 1646, três anos mais tarde do que a data indicada por João Soares de Brito no seu *Theatrum Lusitanae Litteraturae*, manuscrito existente na Biblioteca Nacional.

Duarte Lôbo é considerado o mais profundo teórico do contraponto em Portugal nos séculos XVI e XVII. É porém, para se notar que este juízo ainda é susceptível de sofrer mudança com o estudo minucioso das obras completas dos maiores vultos da nossa velha polifonia.

A propósito de Duarte Lôbo ter sido Cónego Quartanário, vou transcrever documento que faz luz sobre o que vinha a ser tal dignidade.

É certo que o foi na Sé de Lisboa, mas nem por isso o documento perde interesse, ao que me parece, porque creio que o que se dava na Sé de Évora, dava-se na da capital do Reino.

O documento é talvez do ano de 1589 e contém transcrições de outros anteriores, cujas datas vão indicadas.

Dê-se se fica sabendo que a Sé tinha, ao tempo, um órgão *muito grande e muito bom* e, além disso, tinha ao seu serviço charamelas, baixões, e corneta, todos assalariados e pagos pela fábrica da mesma. E para o órgão havia um *organista mui sábio*, que recebia *grosso* estipêndio.

A data de 1589 está acrescentada no manuscrito por mão alheia e escrita a lápis.

Trata-se de documento do último quartel do século XVI, e aquela data é verossímil, pois que em 1589-1590 teve começo o terceiro quadriênio do governo do grande Arcebispo D. Teotónio de Bragança, que entrou em Évora a 7 de Dezembro de 1578.

«Ha nesta Igr.ª Metropolitana vinte e cinco prebendas e oito dignidades das quais a principal post Pontificalem he o Dayão a seg.ª o Chantre, a 3.ª o thesoureiro mor. a 4.ª o M.ª Schola. a 5.ª o Arcediago do Bago. 6. o Arcediago da sexta. 7. o Arcediago de Laure. 8. o Arcediago de Ouriola.

As ditas 25. Prebendas estão repartidas namanr.ª seguinte. hũa tem annexa aduítam... (?) apl.ª o Dayão outra dantesma manr.ª o Chantre, outra esta annexa inperpetuum ao collegio do Spirito Sancto dos P.ª dacomp.ª desta cidade outra esta repartida em quatro quartanarios q' seruem de começar as horas edizer as missas mayores pellos Capitulares ausentes, ou legitimam.ª impedidos. Ha mais outro quartanario q' serve a conesia annexa ao collegio do Spirito S.º.

As prim.ªs quatro dignidades tem cada hũa sua Prebenda.

Duas Prebendas das sobreditas 25 se extinguirão e partirão em quinze Bachalarias com obrigação de curar e administrar os sacram.<sup>tos</sup> e servir no choro e altar.

E assy mais se extinguiu outra Prebenda e repartio em des Capellarias da mesma See com os sobreditos encargos.

Outra Prebenda esta repartida. ss mea q' esta annexa ad uitam ao Arce-diago do Bago emea ao S.<sup>to</sup> officio.

Outras duas estão diuididas em quatro meas prebendas e assy ficão ao todo cinco conegos meyo prebendados som.<sup>ta</sup> e onze conegos com Prebendas inteiras.

E assy estão repartidas oje todas as ditas 25. Prebendas do Cabido no qual e lugares publicos as dignidades precedem aos Conegos pella ordem q' fica dita.

Os Conegos e conegos meyo Prebendados precedem hũs aos outros conforme as suas antiguidades na confirmação do Beneficio de cada hũ sem auer algũa differença entre os conegos Prebendados e meyo Prebendados.

Todos os ditos conegos precedem aos quartanarios e os quartanarios aos Bachareis e os Bachareis aos Beneficiados e hũs e outros cada hum en seu grao precedem pella antiguidade da confirmação de seus beneficios.

Ha mais dous Capellães aq' chamão da fabrica com obrigação de missa quotidiana por defuntos q' deixarão fazenda a dita fabrica e de cantar no choro.

E outros dous aq' chamão altareiros e são sacerdotes (?) e tem cuidado do altar mor. e do cruzeiro ese pagão da fabrica.

E outro a que chamão capellão das capellas q' tem cuidado das mais capellas da see a quem tambem paga a fabrica.

O thesoureiro mor he obrigado ater a sua custa sempre dous clerigos hum q' sirva de ter cuidado das couzas da sancrestia e dar os guizam.<sup>tos</sup> necessarios e cutro pera ajudar no q' mais for necessario e ter mão no liu.<sup>o</sup> aos sacerdotes.

Tem mui bom choro de bordo nouo, hum orgão m.<sup>to</sup> grãde e m.<sup>to</sup> bom e outros menos e hum Realeijo.

Tem Charamelas, Baixoens, Corneta obrigados a see com seu stipendio q' se lhe paga da fabrica.

E muy boa Capella dediversos musicos e cantores obrigados a mesma see q' se pagão da fabrica della».

A margem lê-se: «E hum organista muy sabio com grosso stipendyo».

*Relação do Estado da Igreja elborense q.d.º o Il.<sup>ma</sup> snr Arcebp.º de Évora. aduísitanda limina tplo. pello terceiro Quadrienio. Cod. (IX) n.º 53 da Biblioteca de Évora.*  
2-7

E, já agora, mais uma notícia, a título de curiosidade:

«Mandamos q' os cantores desta nosa See não vão cantar a parte algũ os dias q' tiverẽ de obrigação nella porq' se achou q' niso auia falta».

(Duma carta de D. Teotónio ao Cabido e mais gente da Sé de 18-IV-1582).

Porque havia dignidades e conegos que por qualquer pretexto fugiam à obrigação da Missa Conventual obrigatória e eram substituídos pelos quartanários, D. Teotónio, na *Visitação* de 1584, proíbe que algum quartanário se preste a celebrar aquelas Missas sem licença expressa do zeloso Prelado sob pena de «mil rs per cadavez».

(<sup>62</sup>) É nome que não descubro em parte alguma. Vide nota n.º 2.

(<sup>63</sup>) No catálogo da Livraria de D. João IV, reeditado por Joaquim de Vasconcelos, as composições de Estêvão de Brito ocupam parte da página 246 e toda a seguinte no «caixão 28 n.º 697».

(<sup>64</sup>) Há inexactidões na notícia. O capellão-mor da Côrte de Madride era, ao tempo, D. Jorge de Ataíde e não de Almeida (cf Vieira, *ob. cit.*, pág. 279, 1.º vol. e Vasc., *ob. cit.*, pág. 47, 1.º vol.).

A data do falecimento de Estêvão de Cristo é posta por Barbosa Machado em 1613 no suplemento à *Bibliotheca Lusitana*, tomo 4.º, pág. 144.

(63) Este grande mestre do contraponto em Portugal foi riscado dos livros biográficos de músicos depois da publicação da obra, que várias vezes já citei: *Os Músicos Portugueses*, de Joaquim de Vasconcelos, impressa em 1870.

Estêvão Lopes Morago estudou em Évora, se não era mesmo eborense, e foi discípulo de Filipe de Magalhães.

É um nome glorioso que foi desencantado em Viseu pelo incansável musicólogo sr. tenente Manuel Joaquim.

Sobre este extraordinário artista, cujos motetos chegam a atingir as raías da beleza sublimada, deve aquele senhor dizer-nos, em futuro trabalho, coisas muito curiosas e totalmente inéditas, na maior parte. Estêvão Lopes Morago ainda vivia em 1630. Foi licenciado em Artes pela Universidade Eborense. Esteve em Viseu desde 1599 a 1628.

(66) Procurei informar-me de quem seria este P.º Estêvão e dizem-me de Elvas, que existem lá na Biblioteca Pública Hortênsia algumas músicas da autoria do P.º Estêvão Joaquim Relvado Vidigal de Negreiros.

O *Te-Deum* a que se refere José Mazza não existe, porém; mas atribuído àquêle autor há o seguinte: *Dixit Dominus*, salmo e uma *Lamentação para 6.ª f.ª*, ambas as coisas a quatro vozes.

(67) Estêvão Ribeiro Francês foi discípulo de Pedro Vaz Rêgo, o Mestre de Capela da Sé de Évora, que sucedeu a Diogo Dias Melgás. Foi talvez condiscípulo de Alexandre Delgado Janeiro, e digo talvez, porque se bem que ambos fôsem alunos do mesmo mestre, ignoro se o foram ao mesmo tempo.

Ribeiro Francês escreveu uns responsórios que, segundo hipótese de Sampayo Ribeiro, seriam da Epifania. (Cf. *A propósito de Alguns Documentos sobre Alexandre Delgado Janeiro*, in *História*, vol. II, série a) 1935, pág. 7 e seguintes. Vide a nota n.º 9, respeitante a Delgado Janeiro).

(68) Frei Filipe da Conceição pertence ao século XVII. No catálogo da Livraria de D. João IV, figuram três vilancicos de sua autoria.

(69) Filipe de Magalhães foi talvez o mais inspirado músico que tivemos nas centúrias de 500 e 600. No estilo em que escreveu, o da Escola-Processo Eborense, contraponto puro de escrita horizontal, atingiu o grau mais elevado na expressão, que soube transmitir às notas que lhe saltavam do cérebro para o pentagrama. Foi discípulo, em Évora, do Padre Manuel Mendes. Em 1590 era assalariado da Sé de Évora, onde ganhava 3\$000 réis anuais, suponho que como cantor. (cf. António Francisco Barata, *Évora antiga*, pág. 47).

Na célebre carta que o P.º Tomé Alvares dirigiu a Baltasar Moreto, carta que foi fotografada no Museu Plantin, em Antuérpia, onde existe o original, e reproduzida fielmente na página 45 e seguinte de *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, por Mário de Sampayo Ribeiro, faz-se referência ao P.º Filipe de Magalhães.

Estas obras deixou Manoel Mendes a Phillipe de Magalhães Capellão de S. Mg.ª E nesta Cap.ª mestre de musica seu discípulo primogenito no saber, herdeiro nos beneficios, lugar, E spiritu, o qual tambem tem trabalhado em muitas (composições) q' dão preço as de seu mestre».

A carta é datada de 5 de Março de 1610.

Por ela se vê que foi Filipe de Magalhães o discípulo dilecto e herdeiro dos livros de Manuel Mendes.

Em 1623, no mês de Março, sucedeu a Francisco Garro no lugar de Mestre da Capela Real e foi aposentado por D. João IV em 15 de Maio de 1641. A aposentação constava de 80 mil réis de ordenado e 5 moios de trigo, podendo dispor de mais dois que tinha de tença em favor de sua sobrinha Maria de Passos.

Antes de ser nomeado já ensinava aos ministros da Capela, música de canto-chão e canto de órgão e tinha cuidado da estante na ausência do mestre. O alvará que o nomeia diz que atende não só a estas circunstâncias como ao notável talento e habilidade que tem para a música. Segundo Manuel Joaquim, em Março de 1648, ainda Filipe de Magalhães vivia.

«Foi o mais reputado compositor do seu tempo, em Portugal, e a sua obra subjugava a de todos os seus ilustres contemporâneos, porque nenhum outro logrou atingir tão alto grau expressivo».

Esta posição foi defendida publicamente nos vários concertos que «Polyphonia» tem dado desde Junho de 1942, e em que se têm incluído peças do Padre Filipe de Magalhães.

Dêste insigne Mestre, encontraram-se, em 5 de Maio de 1931, na Sé de Lamego, dois grossos volumes de música religiosa. Ambos êles são impressos, mas já não têm frontispícios; no cimo de cada fôlha vê-se o nome «Philippi Magalanici», indicando a autoria. O primeiro era o das Missas, cujo rosto diz:

*«Missarum liber cum antiphonis Dominicalibus in principio et motetto pro defunctis in fine. — Auctore Philippo Magalanico Lusitano in Capella Regia Musices praefecto. Dicitur ad Philippum Regem Hispaniarum Cuius Dominis Quartum et Portugalliae Tertium — Ulissipone. Ex officina Laurentij Craesbeeck Regi Typographi. Anno Domini M.DCXXXI».*

Igual a êste há outro exemplar na Sé de Évora, que já Ernesto Vieira vira, e outro na Biblioteca da Universidade de Coimbra.

O outro volume, de que se não conhecia exemplar, foi publicado em 1636 e corresponde ao livro de Magalhães, que Barbosa Machado menciona com o título de «Cantica Beatissima Virginis. — Ulissipone apud Laurentium Craesbeeck, 1636».

Este livro é dedicado ao Duque de Bragança D. João, II do nome, que passados quatro anos era rei de Portugal. Cf. página 16 dos *Subsídios*, cit., do Dr. Gonçalo Sampaio).

(70) Segundo Joaquim de Vasconcelos (*Ob. cit.*, 1.º vol., pág. 4), Frei Fernando d. Almeida foi discípulo de Duarte Lôbo.

(71) Não conheço outra notícia dêste autor. (Vide nota 2).

(72) Este autor está nas condições de tantos outros, que Mazza refere e que seriam muito notáveis em seus dias, mas cuja fama lhes não sobreviveu. (Vide nota n.º 2).

(73) É êste esquecido Mestre um dos melhores compositores portugueses de Setecentos; é, incontestavelmente, o primeiro da primeira metade daquele século.

Francisco António de Almeida foi mandado a Itália aperfeiçoar-se na Arte dos Sons, e digo aperfeiçoar-se, porque tudo leva a crer que assim fôsse.

Em 1722, cantou-se em Roma, na segunda Dominga da Quaresma, a sua oratória *Il pentimento di Davide* (o arrependimento de Davide). Ora, nas palavras que precedem o libreto, que André Trabucco compusera, se diz que se não deixe de admirar o talento do jovem compositor, tanto mais de admirar, quanto ainda é hóspede da língua, que só há pouco tempo começou a aprender.

Se tivesse ido para Roma sem preparação suficiente e razoável, nunca se teria abalançado logo a um trabalho de fôlego como é o duma Oratória.

Ignoram-se as particularidades e até as linhas gerais da biografia dêste talentoso músico português.

Supõe-se que em Roma tenha tido por mestre Alexandre Scarlatti.

O título completo da Oratória foi publicado, em 20 de Maio de 1887, pelo *Jornal da Manhã*, do Pôrto. É do teor seguinte:

*Il Pentimento di Davide, componimento sacro de Andrea Trabucca Accademico ravvivato di Benevento, detto fra gli Arcadi di Roma Albiro Mirkunsiano, posto*



*in musica dal Sig Francesco Antonio d'Almeida Porthoghese e da cantarsi nella seconda Domenica di Quaresma nella Ven. Chiesa de S. Girolamo della Carità, Al Reverendissimo Padre Diego Curado, della Congregazione dell'Oratorio, Consultore del Tribunale del S. Ufizio n'e Regni di Portogalo.*

*In Roma, por Antonio de Rossi, nella strada del Seminario Romano, vicino della Rotonda, 1722. Com licenza de' superiori.*

No prefácio — a *Chi legge* — exalta-se o virtuoso talento del *Giovane Compositore della Musica* (cf. pág. 27 in *Subsídios para a Hist. de Música em Portugal*, de Sousa Viterbo).

Na autorizada opinião de Mário de Sampaio Ribeiro — apud, *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, pág. 26, — as melhores páginas de Francisco António de Almeida não temem o confronto das melhores de Händel e mesmo de João Sebastião Bach.

Infelizmente, como observa o mesmo erudito Autor, só quando um estrangeiro qualquer disser isto mesmo aos portugueses em tom de lição ou mesmo de rápida entrevista se acreditará no altíssimo merecimento dêste e doutros grandes Artistas portugueses.

— (74) Contra o que Mazza afirma, na peugada de D. Nicolau de Santa Maria, êste famoso Mestre de Capela do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra não era português de nascimento, nem castelhano de apelido.

Era natural das proximidades de Cidade Rodrigo e veio para Portugal exercer o mestrado da Capela da Sé da Guarda, de onde transitou para a de Coimbra, no desempenho de cujas funções se manteve pouco tempo por vestir o hábito dos cônegos regantes. Morreu em Fevereiro de 1597, com perto de quarenta anos de professe. Para mais circunstanciada notícia consulte-se Mário de Sampaio Ribeiro, *A Música em Coimbra*, páginas 16 e 17.

(75) Grande celeuma se levantou nos arraiais lusos e castelhanos sôbre a nacionalidade de Francisco Correia de Araújo. Apesar da refrega, o problema ficou, e parece-me permanecer insolúvel.

Em qualquer dos casos, ou fôsse português ou espanhol, o certo é que foi um dos mais notáveis músicos da Península. «A sua obra constitui hoje um exemplar curiosíssimo para a história da música no século XVII».

Conservam-se em Lisboa dois exemplares da obra de Francisco Correia de Araújo, um na Biblioteca Nacional, outro na do Palácio da Ajuda. (cf. pág. 44 e seg.<sup>tes</sup> do 1.º vol. da *ob. cit.* de Ernesto Vieira).

(76) Francisco Guerreiro é o mesmo de que trata a peça n.º 5, por mim fielmente reproduzida na introdução a êste Dicionário de músicos. Que Guerrero não era de Beja, foi esmiuçado por Ernesto Vieira (*ob. cit.*, 1.º vol., pág. 477).

(77) Francisco Inácio Solano foi teórico de altíssimo valor, cujas obras ainda hoje são proveitosas para quem as consulta.

Os seus dados biográficos são muito incertos. Nasceu por alturas de 1720 e faleceu a 18 de Setembro de 1800, como consta do livro 11, fl. 183, verso, dos óbitos da freguesia de S. José da Anunciada de Lisboa.

No seu tempo gozou de justa e merecida consideração pelo seu real valor. (Cf. pág. 332, *ob. cit.*, Ernesto Vieira, 2.º vol. e pág. 39 de *A Música em Portugal*, de Mário de Sampaio Ribeiro).

(78) O título da missa, segundo Barbosa Machado, era *Scala Aretina*.

(79) Vide nota 2.

(80) Vide nota 2.

— (81) O Dr. Francisco Lopes não é citado por mais ninguém.

Em 5 de Outubro de 1581, porém, esteve presente à elaboração dos Estatutos dos Bacharéis da Sé de Évora, em companhia de Cosme Delgado e de Manuel Mendes, um tal Doutor Francisco Lopes, que me palpita ser aquêlê a quem Mazza se refere.

Em 1606 ainda vivia, pois naquela data encontrei o seu nome fazendo parte dos bacharéis da Sé Eborense.

Quanto à afirmação, de ter sido o primeiro organista, é que fico de pé atrás, pois em 1576 era já *tangedor do órgãos da Sé* um tal Manuel Barbança. (Cf. *Évora Antiga*, pág. 213, por António Francisco Barata).

¿Haveria já nesta altura mais que um organista? Parece-me que não, baseado em documentos que inseri nas notas sobre Duarte Lôbo. (Vide nota 61).

É para notar que Manuel Barbança era leigo, pois em «4 de Agôsto nasceu Maria, filha de Manoel Barbança, ... Padrinho Manuel de Coadros, Conego e Arceidia-go do Bago da Sé». (Cf. *ob. cit.* de António Francisco Barata, pág. 213).

Em 1591, era tangedor dos órgãos da Sé Francisco Bantão, a quem D. Teotónio de Bragança fez mercê de 1\$500 réis no dia 11 de Junho do referido ano.

Eis o teor da mercê:

«Dom Theotonjo de Bragança Arcebpdo de Evora E perpetuo admimistrador (sic) das Rendas da obra da See mando a vos L.<sup>do</sup> Aluaro Tinoco que seruis de R.<sup>or</sup> das ditas Rendas que deis a fran. bantão tangedor dos órgãos mil e quinhentos rs. de que faço merce auendo respeito ao bom seruico q' faz á dita see Eporesta eseuconhecim.<sup>o</sup> feito pelo escrivão de vosso cargo mando vosserão levados Em conta; Ev.<sup>ra</sup> sob sinal do L.<sup>do</sup> Diogo Nunez fig.<sup>o</sup> nosso secret.<sup>rio</sup> Egobernador por nos do nosso Arcebpado aos xj de Junho Fran.<sup>o</sup> vogado a fez de 1591».

Bibl. de Évora,  $\frac{CIX}{2=8}$  n.º 81.

E já que falei do Bacharel Dr. Francisco Lopes e inseri documento de D. Teotónio de Bragança, ajunto mais o seguinte, que é prova da mão de pulso daquele grande entre os maiores Arcebispos da Metrópole Eborense.

D. Teotónio, Arcebispo de Évora, verificando o desleixo dos bacharéis e dos beneficiados no serviço do côro, houve por bem ordenar e mandar «em virtude da santa obediência e sob pena de excomunhão mayor, que daquy per diante nenhũ Bacharel, nem Beneficiado da dita see, nem Altareiro, seja Prioste, fora da sée nemtenha outra occupação da fazenda alhea, que lhe possa estoruar o ditto serviço da Igreja, nẽ seja veador nem tenha algũ outro officio emcasa de seculares, nem serão cantores nesta nossa See, e auemos por escusados os que ora o são, e mandamos q' não siruão mais os dittos cargos, e Mandamos a Antonio Cordr.<sup>o</sup> Recebedor das Rendas da fabrica da ditto See que não acuda aos dittos cantores cô cousa algũa de seus stipendios, e ordenados da Datta desta emdiante.

Dada em Evora a 17 de fevereyro de MDLXXXij

Bibl. de Évora  $\frac{CIX}{2=7}$  n.º 50.

(\*) «Na igreja de Santa Cruz, de Braga, existe um passionário manuscrito, em muito bom estado, constituindo quatro volumes, cada um dos quais corresponde a uma voz, no formato de 34 x 24 centímetros, belamente encadernados em carneira, com dourado nas faces e lombada. O frontispício desta obra, igual em todos os volumes, é cuidadosamente desenhado a duas côres e contem o seguinte: «Passio Domini Nostri Jesu Christi in numeros digesta Alternisque vocibus quatuor decantanda, seu potius deslenda. Opus Francisci Ludovici Musices Praepositi in Cathedrali Sedi Uli-siponensis studio lucubratum ad usum Sedis Portuensis». «Do uso do P.<sup>o</sup> Leão de Araujo, e Sylva, Anno de M-DCCXLVI».

Como se vê, este passionário deve ser uma cópia, feita em 1746, de outro que existia na Sé do Pôrto, o qual também deveria ser uma cópia do existente no arquivo da Sé de Lisboa, mencionado por Ernesto Vieira, com título quasi igual e com a mesma dedicatória a «Christo Nosso Senhor Crucificado».

A paixões são quatro, pois quatro foram os evangelistas e não cinco, como

poderá inferir qualquer pessoa menos versada em face do modo por que o Dr. Gonçalo Sampaio explanou o conteúdo dos manuscritos sobreditos:

- I — *Processio et Passio in Dominica Palmarum*
- II — *Passio secundum Matheum*
- III — *Passio secundum Marcum*
- IV — *Passio secundum Lucam*
- V — *Passio secundum Joannem*

A Paixão da Domingo de Ramos é a paixão segundo a versão de S. Mateus, donde o primeiro número indicativo deve aplicar-se somente à procissão de Ramos. (Cf. páginas 24 e 25 de *Subsidios para a história dos Músicos Portuguezes*, por Gonçalo Sampaio).

Há ainda um outro músico com o mesmo nome, que foi cantor da Capela Real, nos fins do século de 1500.

Em 1596 devia ser já muito idoso, pois nesta data, e aos 18 de Março, D. Filipe concede-lhe a aposentação com 47\$000 réis em cada ano, em dias de sua vida que com 18\$000 que já recebia perfeitamente 65\$000, e ficava recebendo tudo isto sem encargos nenhuns na dita capela. Donde se pode inferir que prestou bons serviços, como consta da seguinte carta régia:

«Dom Sebastião ec Aos que esta carta virem faço saber que auendo respeito ao seruiço que me faz em minha capella Francisco Luis, meu cantor, e por lhe fazer merce, ey por bem e me praz que elle tenha e aja de minha fazenda do primeiro dia de janeiro do anno que vem de setêta e sete em diante dez mil rs cada anno em quanto seruir em minha capella, que lhe serão pagos com certidão do mestre da capella de como serue, e portanto mado aos veedores de minha fazenda que lhos fação assentar do L.<sup>o</sup> della e despachar em cada hum anno em parte onde aja delles bom pagamento e por quanto lhe fiz esta merce dos ditos dez mil rs a xxiiij dias dabrill deste anno presêta de setêta e seis e por este padrão os começa a vencer do primeiro de janeiro do anno que vem em diante como nelle he declarado lhe mædei dar aluara para Rui Gomez da Carualhosa, meu thesoureiro mor, lhe pagar seis mil setecentos quorêta e noue rs que lhe montarão dos ditos xxiiij dabrill ate fim de dezembro do dito anno, e por firmeza de todo lhe mædei dar este por mym asinado e asellado com o meu sello pendiente. Antão da Rocha o fez em Lixboa a quatro dias de mayo anno do nascimento de nosso Senhor lhũ Xpo de jb'lxxbj. E eu Andre Pirez o fiz escreuer». (Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique*, *Doações*, liv. 38, fol. 7— in *Subsidios para a Hist. da Música em Portugal*, por Sousa Viterbo, pág. 337 e seg.).

Em dois de Maio de 1579 é D. Henrique que faz mercê ao cantor Francisco Luís, de três moios de trigo cada ano cem dias de sua vida, assi como tem os outros cantores, os quais começará a vencer de janeiro deste anno presêta de b'lxix em diante».

Em 1583, D. Filipe, atendendo aos bons serviços de Francisco Luís, dá-lhe de tença anual mais oito mil réis, «que lhe serão paguos com certidão do capellão mor e em sua ausencia do adayão de minha capella de como serue autualmente, em ella, e sendo caso que em alguũ tempo adoega de ifermidade ou velhyse que lhe inpidia o seruiço de minha capella, ey por bem que os ditos biij mil rs de tença lhe sejam paguos com ha dita certidão de como pella dita causa deyxou de seruir».

Em 1596, o rei que governava em Portugal entende, por bem «que por seu falecimêto (Francisco Luís) possa testar dos tres moios de triguo que tem de tença em cada hum anno em sua molher ou filhos só mente que elle mais quizer e não em outra pessoa algũa pera que a pesoa que pella dita maneira elle nomear os aja cadaanno em sua vida».

No mesmo ano de 1596, em Abril, D. Filipe, lembrando-se ainda dos bons serviços de Francisco Luís, entende por melhor «lhe fazer merce de o auer por escuso do seruiço della e de o apousêtar com corêta sete mil rs de tença em cada hum anno em

dias de sua vida pera que com dezoito mil rs que ja tem aja sesenta cinco mil rs, e que tudo vencerá sem embargo de não auer mais de servir na dita capella e os começara a vencer de dezoito dias de mes de março deste anno presênte de nouêta e seis em diante».

Sousa Viterbo, in *Subsídios*, etc., pág. 338 e seg.<sup>tes</sup>.

(83) Francisco Manuel Mariz e Padre Francisco Manuel, sòmente, são nomes que não só nos não dizem nada, como talvez possam designar apenas uma única pessoa.

(84) «Dêste mestre de capella sabe-se que nasceu em Évora, sendo seus pais Manuel Martins e Ângela Freire; estudou no seminário desta cidade, para onde entrou em 20 de Julho de 1629, sendo discípulo de Bento Nunes Pegado, compositor português com obras mencionadas no *Catálogo da livreria de D. João IV*, precioso documento para quem queira e possa um dia escrever a *História da Música em Portugal*.

Os biógrafos do P.<sup>o</sup> Francisco Martins desconhecaram as particularidades biográficas dos documentos por nós encontrados na Biblioteca Pública de Elvas e que a seguir transcrevemos:

*Vasco martins segurado depositario na fabrica da nossa sé pagara por conta della des mil rs a nosso m.<sup>o</sup> da capella, dos quais lhe fasemos m.<sup>co</sup> p.<sup>a</sup> elle repartir com os mais musicos pello trabalho desta sumana s.<sup>a</sup> proxima passada, e com seu recibo lhe serão levados em conta. eluas maio 6 de 666.*

a) Pegado

Seguem-se as assinaturas do Chantre, Arcediago, Mestre escola, e a seguir:

*Liurança de des mil rs de q V. S. mandou fazer pagam.<sup>to</sup> ou m.<sup>co</sup> ao m.<sup>o</sup> da capella e mais musicos pello trabalho q tiuerão nesta sumana s.<sup>a</sup> proxima passada, p.<sup>a</sup> V. S. ver e assinar*

10000

No verso, lê-se, numa caligrafia admirável:

*Recebi os des mil rs conteudos na liurança atras, os quais me entregou o snor Vasco Miz Segurado, Eluas 6 de Mayo de 666.*

O Mestre da Cappella

a) Fr.<sup>co</sup> Miz



*Vasco Miz Segurado depozitario da fabrica de nossa s.<sup>a</sup> see dara por conta della des mil rs. ao Mestre da Capella p.<sup>a</sup> repartir com os muzicos de q lhe fizemos m. pelo trabalho da festa do Natal e com seu recibo lhe serao leuados em conta. Eluas 16 de janr.<sup>o</sup> de 668.*

a) Tarrinho

Seguem as assinaturas do Chantre, etc., e a seguir:

*Liurança de des mil rs. q V. s.<sup>a</sup> manda dar aos muzicos pelo trabalho da festa do Natal p.<sup>a</sup> V. s.<sup>a</sup> ver e assinar.*

São 10000

No verso:

*Recebi os des mil rs conteudos na liurança atras eluas 17 de jan.<sup>o</sup> de 668.*

O Mestre da Capella

a) Fr.<sup>co</sup> Miz



Vasco miz Segurado depozittario das nossas fabricas dara por conta da nossa s.<sup>a</sup> see ao Mestre da Cappella des mil rs. p.<sup>a</sup> mandar a Euora a pessoa q hade concertar hũ liuro de Cantoria e acrescentar o q lhe falta s con seu recibo lhe serao leuados em conta. Eluas, 22 de janr.<sup>o</sup> de 668.

a) Tarrinho

A seguir, as assinaturas do Chantre, Arcediago, tesoureiro-mor, e depois:

Liurança de des mil rs q vs.<sup>a</sup> manda dar ao M.<sup>a</sup> da cappella para concerto de hu liuro de cantoria q se fez em Euora p.<sup>a</sup> vs.<sup>a</sup> ver e assinar.

São 10000

No verso e na mesma esplêndida caligrafia:

Recebi os des mil rs conteudos na liurança atras p.<sup>a</sup> o effeito q o R.<sup>do</sup> Cabbido ordena. Eluas 22 de janr.<sup>o</sup> de 668.

O Mestre da Cappella

a) Frc.<sup>o</sup> Miz



Vasco Miz Segurado depozit.<sup>a</sup> da fabrica da nossa see pagará por conta da d.<sup>a</sup> fabrica ao P.<sup>a</sup> Franc.<sup>o</sup> Miz M.<sup>a</sup> da Capella des mil reis, pela mc.<sup>a</sup> que lhe fazemos pela Somana S.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> si e mais muzicos, e con seu recibo lhe seram leuados enconta. Eluas 17 de julho de 668.

a) M.<sup>el</sup> de Pinho Ferrão

Seguem-se as assinaturas do Deão, Tesoureiro-mor e Chantre e depois:

Sam 10000

Liurança do p.<sup>a</sup> Franc.<sup>o</sup> Miz M.<sup>a</sup> da Capella e mais muzicos a quem V. S.<sup>a</sup> manda pagar des mil rs. pello trabalho da Somana S.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> V. S.<sup>a</sup> ver e assinar.

No verso:

Recebi do sre Vasco Miz Segurado, os des mil rs contheudos na liurança atras. -- Eluas 11 de jan.<sup>o</sup> de 669.

O Mestr da Cappella

a) Frc.<sup>o</sup> Miz freyre



Vasco Miz Segurado depozit.<sup>a</sup> da fabrica da nossa see pagará por conta da mesma a Antonio Ferreira Bn.<sup>do</sup> q foi nesta S.<sup>a</sup> See e organista na jg.<sup>a</sup> Parochial do Saluador tres mil rs pello tres mezes Jan.<sup>o</sup> feur.<sup>o</sup> e março deste ano pres.<sup>a</sup> e con seu recibo lhe seram leuados enconta. Eluas 2 de Agosto de 669.

a) M. de Pinho Ferrão

Seguem as assinaturas do Deão, Chantre e Mestre-escola, e depois:

São 3 //

Liurança do Bn.<sup>do</sup> An.<sup>to</sup> Frr.<sup>a</sup> de tres mil rs. q V. S.<sup>a</sup> lhe manda pagar do seu ordenado de organista da jg.<sup>a</sup> do Saluador

P.<sup>a</sup> V. S.<sup>a</sup> ver e assinar

No verso:

*Recebi pello beneficiado An.º Ferreira organista do Salvador os tres mil rs. contheudos, na liurança atras e por verdade fis este e me asinei. — eluas 21 de Agosto de 669.*

O Mestre da Cappella

a) Fr.º Miz Freyre

Pela leitura d'êste titulo, vê-se que a Igreja do Salvador tinha, na segunda metade do século XVII, o seu organista, que era pago pelas rendas da Fábrica da Sé. No século XIX ainda existia êste cargo, pois temos noticia de artistas que tiraram a sua provisão.

Voltando ao Padre Francisco Martins — é só com êste nome que é apresentado por Joaquim de Vasconcelos, Ernesto Vieira e outros dicionaristas, que, naturalmente, têm feito os seus artigos sobre o que Barbosa Machado (1682-1772) deixou na sua *Biblioteca Lusitana* — temos noticia de que escreveu as seguintes composições:

*Missas diversas* a 4 vozes.

*Psalmos* a 8 vozes.

*Responsórios das matinas de quinta, sexta e sábado da semana santa* a 8 vozes.

*Motetes para o Lava-pés* a 4 vozes e umas *Paixões dos quatro Evangelistas*, a 4 vozes.

Tendo nós encontrado uma obra, a 3 vozes, d'êste artista, tivemos o trabalho de meter as partes — alto, tenor e baixo — em partitura, com o fim de avaliarmos do mérito de seu autor. Esta composição é dividida em quatro partes e tem os seguintes títulos:

*Ditos d Christo da Pação Dominica Palmarum* (Esta parte contém onze números).

*Ditos d Christo para a Pação de 3.ª fr.ª* (contém oito números).

*Ditos d Christo a 3 da Pação de 4.ª Feira* (contém oito números).

*Ditos d Christo a 3 Feriae 6.ª ad Passionem* (contém onze números).

Ao todo contém esta obra 38 números de música, que representam uma parcela importante do nosso riquíssimo, mas muito desprezado património artístico-musical. O texto das quatro partes, que acabamos de citar, é tirado, respectivamente, dos Evangelhos segundo S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João — os quatro Evangelistas — e, em face disto, estamos muito inclinados a acreditar que a composição, que citámos em normando, não é outra senão a que nós encontrámos, sendo necessário rectificar que Francisco Martins escreveu umas *Paixões dos quatro Evangelistas* a 3 vozes e não a 4, como dizem os dicionaristas, leigos ou eruditos, nas linhas biográficas d'êste mestre de capela e compositor do século XVII.

Os diversos números de música de que se compõem estas *Paixões* são dignos de figurar numa *Antologia de Musicos Portuguezes*, que, por certo, os nossos músicos ainda não pensaram formar.

Nós, modestos cultores da mais bela das Belas-Artes, a Música, a arte divina que Deus deu aos homens para os tornar melhores, e que domina o mundo (segundo disse Lutero) temos acompanhado com especial carinho tudo o que se diz e faz sobre o nosso passado musical e a conclusão a que chegámos é de que o pó dos arquivos, a umidade e os ratos continuam satisfeitos e orgulhosos da posse das obras de Duarte Lôbo, Fr. Manuel Cardoso, Filipe de Magalhães e outros ilustres músicos, que honram a Pátria em que nasceram. As *Paixões* de Francisco Martins estiveram, por certo, bastantes anos abandonadas e o pó e a umidade marcaram com seu selo inconfundível os 16 papéis de que se compõe esta obra.

Êste famoso espécime de música vocal a três partes — nunca nos cansamos de estudar o sétimo número da *Pação de 4.ª feira* — encontra-se guardado na «Estan-

te Musical» da Biblioteca Pública desta cidade, mas está de tal forma estragado, que, dentro de dois ou três anos, muitas das notas escritas sobre o pentagrama devem ter desaparecido, pois que, presentemente, já mal se conhecem.

Temos uma prova de que o mestre de capela, de que estamos tratando, foi homem estudioso. Ei-la

No Inventário da Sé de 1678 encontra-se a seguinte verba:

*Outo quadernos de Responsorios de Natal de Duarte lb.º estão em poder do R.º M.º Franc.º Miz q assignará aqui na forma q tem assignado no Inuentario velho fl. 48.*

a) *Fre.º Miz Freyre*

Quem tinha em seu poder obras do maior músico português, vivia, por certo, para a sua Arte, e a Ela dedicava, com certeza, todos os momentos de que poderia dispor.

Mas não foram só os oito cadernos de *Responsorios do Natal de Duarte Lôbo* que o nosso biografado teve em seu poder, pois que o *Liber Missarum IV. V. VI et VIII vocibus. Antuerpiæ, ex Officina Plantiniana Baltharis* (sic) *Moreti. M.D.C.XXI* que nós descobrimos, há meses, e que, presentemente, se encontra — embora muito mutilado, pois mão criminosa cortou à tesoura (!) formosíssimas vinhetas — guardado na *Estante Musical* por nós organizada, contém (a fl. XC) um *O Salutaris* de Francisco Martins para 2 sopranos, alto e tenor, composição que tem o segundo soprano mutilado, pelo motivo acima citado, mas do qual estamos tentando a reconstituição para, assim, obtermos um exemplo de música a 4 vozes deste autor.

No mesmo livro de *El Lobo en la theoria lustroso* (como cantou Manuel de Faria e Sousa) ainda se encontram mais três composições — infelizmente mutiladas — sobre o canto festivo *Alleluia*, canto que entrou no rito romano talvez com o Papa São Dâmaso, que dizem ilustre filho de Guimarães.

Não pode restar dúvida de que estas composições são do mestre de capela de que estamos tratando, pois que a fls. XC e CXL se vê a assinatura, que, comparada com a do recibo de 17 de Janeiro de 1668 (que reproduzimos) prova irrefutavelmente o que acabamos de afirmar.

Na Biblioteca Pública de Évora, ainda se guarda em nossos dias um *Vilancico a duas vozes*, para a festa da Ascensão, do P.º Francisco Martins.

A letra deste vilancico, que principia:

Sentado ao pé de um rochedo  
Feito para saudades  
Formando os olhos em fontes  
Que assim se abrandam seus males

parece-me digna de atenção dos estudiosos, afim de se averiguar de seu autor.

O P.º Francisco Martins morreu em 20 de Março de 1680 e foi enterrado na Sé; assim o diz o seguinte assento, extraído de fl. 2 v.º do *Livro da Obitos de S.ª Maria da Alcaçova de 1679 a 1716*:

*O P.º M.º Fre.º Martins Mestre da Cappela de S.ª se faleço em uinte de Março de mil e seis sentos e pitenta resebeo todos os sacramentos, esta enterrado na Sé e me asinei.*

*O L.º fr. Diogo M.º d'Alm.º Prior*

Alguns escritores dão noticia de que este ilustre músico viajou por Espanha, mas nas nossas investigações, nada averiguámos sobre tal assunto. Referem ainda uma

disputa artística entre o mestre de capela da Sé de Elvas e o da Catedral de Badajoz, mas como o eminente investigador Ernesto Vieira não ligou importância ao facto, apenas diremos que quem o desejar conhecer, pode consultar o livro de Joaquim de Vasconcelos, *Os músicos portugueses*, no artigo que diz respeito ao artista de que temos falado, e que durante dezasseis anos, pelo menos, honrou a Arte musical dentro do templo que foi sede do hispado elvense.

Finalmente, e como nota curiosa, o P.<sup>a</sup> Francisco Martins tinha de ordenado 12\$500 réis por trimestre; assim o provam as fôlhas de pagamento aos músicos da Sé, nos anos de 1664 e seguintes.

Assim falou dêste mestre seiscentista Manuel Joaquim (in *Documentos para a História da Música da Sé de Elvas*) nos folhetins que lhe consagrou no *Jornal de Elvas* (n.º 60, de 30/12/1928, e 62 e 63, de 13 e 20/1/1929).

Como fruto de investigações posteriores o ilustre musicólogo deu recentemente conta (nas notas do programa do memorável concerto que «Polyphonia» realizou no Teatro Garcia de Resende em homenagem aos grandes mestres de Évora, a 7 de Junho de 1942) de que o Padre Francisco Martins já era mestre de Capela da Sé de Évora em 27 de Dezembro de 1650, e que, contra o afirmado por Barbosa Machado, não deve ter sido discípulo de Bento Nunes Pegado, a ser verdadeira a data da sua admissão no seminário eborense — 20 de Junho de 1629. É que, exactamente nesse ano de 1629, o Padre Nunes Pegado sucedeu ao Cónego Estêvão Lopes Morago no mestrado da capela da Sé de Viseu.

O Padre Francisco Martins deve, com toda a probabilidade, ter sido discípulo do Padre Manuel Rebêlo.

Em Dezembro de 1934, o pranteado director da Biblioteca Municipal de Elvas e grande benemérito António José Tôrres de Carvalho, encontrou, no fundo de um caixote abandonado em velha arrecadação, um volume, in-fólio que, dias depois, mostrou a Mário de Sampaio Ribeiro, de passagem na histórica cidade fronteiriça e êste reputado musicólogo comprovou imediatamente que se tratava da parte mais importante da obra do P.<sup>a</sup> Francisco Martins (dada como perdida) e a que consagrou várias páginas da terceira das suas substanciosas achêgas para a história da música no nosso país — *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*.

Alguns dos responsórios das matinas da Semana Santa dêste autor já foram ressuscitados — por «Polyphonia» e pelo còro do Seminário de Évora — e em quasi todos êles a beleza atingida é, em verdade, extraordinária.

(<sup>85</sup>) Trata-se, evidentemente, de duplicação do anterior.

(<sup>86</sup>) A êste músico dedica Pedro de Andrade Caminha a seguinte oitava, que ocorre na página 212 de suas obras:

**A FRANCISCO MENDES  
INSIGNE NA MÚSICA  
(Epitáfio XXVIII)**

Tu que passas detemte, e lê, e entende,  
Que quem aqui debaixo é feito terra,  
Inda a lembrança de seu canto accende  
O frio peito, e abranda a dura terra.  
Quem já o ouvio, s'outro mais ouve, ofende  
Seus ouvidos, e contra si mesmo erra.  
Francisco Mendes se chamou, mas Lino,  
Mas Orfeo vulgar era mais dino.

(<sup>87</sup>) Segundo Manuel Joaquim (*Documentos para a História da Música da Sé*:



de Elvas) Frei Francisco da Purificação foi o oitavo dos mestres de capela de que encontrou noticia e sucedeu no exercício do cargo ainda em vida do seu antecessor, o Padre Domingos Gomes do Couto. (Ver nota 58).

Dêle e da sua obra se occupou (nos folhetins que saíram no *Jornal de Elvas*, n.º 82 e 83 série VIII, respectivamente, de 9 e 23 de Junho de 1929) nos termos que passo a arquivar:

«Foi um dos mais notáveis mestres que teve a capela da Sé de Elvas. Em 1755 já elle occupava o lugar, talvez por motivo de doença do seu antecessor, que só morreu em 1756.

Eis os documentos que lhe dizem respeito:

Aos 20 de Novembro de 1755 juntos os snr.ºs Irmãos da meza aceitarão por Irm. desta santa Irm.ª ao M. R. P.º Fr. Frac.º da Purificação Relig.º de S. Paulo M.º da Capela de See actualmente em obrigação de celebrar as missas pelos Irm. Je-funtos pagar os annuaes e entrar por mordomo como os mais ecclesiasticos e guardar os estatutos da Irm.º e p.º que conste fiz este termo. Elvas ut supra.

a) o Bn.º Domingos Rodrigues

(Livro dos Irmãos das Almas da S.ª Sé de Elvas, fl. 70).

No Livro de Receita e Despesa de 1757 a 1802 (fl. 76 v.º) encontram-se as seguintes verbas:

a) Despendeo por liurança de 5 de Janr.º de 1763, com o M.º da Capella Fr. Franc.º da Porificação p.º este pagar a muzicos que chamou de fora p.º as festas da Conceição e Natal dez mil e oitocentos reis — 10\$800.

b) Despendeo mais, mil nove centos, e vinte reis com oito missas cantadas peles Irmãos, q falecerão este anno, sendo o ultimo o R. P.º Fr. Francisco da Purificassão, cada huma a duzentos e quarenta reis, soma a referida quantia, e pora que conste, fiz este termo que assignei com os off.ºs da meza: Elvas 29 de Dezembro de 1776.

a) O P.º Domingos Rodrigues

Vê-se por êste «termo» que Fr. Francisco da Purificação faleceu em 1776; foi-nos impossivel encontrar o seu assento de óbito, mas verificámos que em 20 de Junho dêsse ano ainda assinou no Livro de Despesa da Irmandade das Almas da See de Elvas de 1762 a 1801.

Dissemos acima que Fr. Francisco da Purificação foi um dos mais notáveis mestres que teve a capela da Sé de Elvas.

A provar a nossa afirmação, encontram-se na «Estante Musical» da Biblioteca Pública de Elvas muitas composições de carácter religioso da autoria dêsse mestre, do qual, até hoje, ainda não encontrámos a mais leve referência em obras de musicologia.

Eis a lista das suas obras, por nós encontradas, com o número de ordem do catálogo, por nós também organizado:

Responsorio 5.º das Matinas da Conceição, a 4 vozes, com violinos e órgão — 1751 — (N.º 54).

Responsorio 7.º, a Duo, in festo Conceptionis B. M. V. (para Santa Clara), com violinos e órgão — 26 de 9b.º de 1769 — (N.º 55).

Responsorio 6.º Conceptio tua, a 4 vozes, com violinos, trompas e órgão — (N.º 56).

Responsorio 4.º das Matinas do Natal O Magnum Mysterim (sic), a 4 vozes, com violinos e órgão (N.º 57).

*Responsorio 6.º das Matinas da Conceição, Conceptio tua*, a 4 vozes, com violinos e órgão (N.º 59).

*Responsorio ad recipiendum Regem*, a 4 vozes e órgão (N.º 60).

*Antiphona p.ª a Sr.ª do Carmo Hoc est vere speciosa*, a 4 vozes, com violinos e órgão. (N.º 61).

*Antiphona Hoc est vere*, a 4 vozes, com violinos e órgão (N.º 62).

*Beati omnes*, a 4 vozes concertato e órgão (N.º 63).

*Letatus sum*, a 4 vozes, com violino e órgão (N.º 64).

*Laudate pueri Dominum*, a 4 vozes, com violinos e órgão (N.º 65).

*Letatus sum*, a 4 vozes, com violinos, trompas e órgão — 1757 — (N.º 66).

*Antiphona Istorum est regnum celorum*, a 5 vozes, com violinos e órgão (falta o 1.º soprano) — (N.º 67).

*Beatus vir*, a 4 vozes, com violinos, trompas e órgão (N.º 68).

*Nisi Dominus*, a 4 concertato e órgão (N.º 69).

*Invitatorio das Matinas da Conceição*, a 4 vozes e órgão — 1760 (N.º 70).

*Lição 5 da 5.ª feira S.*, a 4 vozes e órgão — MDCCLX — (N.º 71).

*Missa a 4 concertata e órgão* (N.º 95).

*Hymnus ad vesp.ª In Dedicatione Ecclesiae*, a 4 vozes e órgão (N.º 96).

*In Nativitate Sancte Joannis Baptista — Hymnus*, a 4 vozes e órgão (N.º 97).

Estas composições são tôdas autógrafas e constituem documentação interessante para julgar de Fr. Francisco da Purificação, individualidade que não deve ser esquecida em qualquer trabalho musicológico, que, possivelmente, possa vir a aparecer entre nós.

O benemérito António José Tôrres de Carvalho publicou em o seu *Arquivo Transtagano* (1.º ano, 1933, págs. 70, 71, 79, 80, 99, 100 e 101) os «apontamentos» que seu tio, o notável latinista Dr. Francisco de Paula Santa Clara, coligira sobre *Cantores e músicos da capela da Sé de Elvas*. Nêles se lê:

«Frei Francisco da Purificação. Mestre da Capela de Música. Religioso professo na Ordem de S. Paulo 1.º Eremita, da Congregação da Serra da Ossa, impetrou Indulto Apostólico para se perpetuar a sua conventualidade no Convento que a Ordem tinha nesta Cidade. Achava-se empregado como M.ª da Cap. de Música da Sé de Elvas com licença do seu provincial. Ele, para ajudar seus pais e irmãos, que viviam pobremente com o lucro de ocupação do dito Mestrado, sujeitou-se a aceitar o dito cargo de Mestre de Capela. E porque o dito emprêgo tinha várias pensões, que lhe impediam satisfazer as obrigações de comunidade, para supri-las se ajustou com o P.ª Reitor do Convento de Elvas pagar-lhe em cada um ano 35\$000 réis, e o dito Reitor sustentá-lo e estar com conventualidade no dito convento, livre e isento de obrigações.

A família vivia em Campo Maior, onde êle nasceu.

O Indulto Apostólico foi julgado por sentença da Vigararia Geral do Bispado de Elvas de 21 de Janeiro de 1755.

Há noticia de ter sido mestre da capela em 1754-59».

(88) De Francisco da Rocha, diz Barbosa Machado que admirava tanto o talento de João Soares Rebêlo que imitava «com tão escrupulosa exacção as obras de tão famigerado mestre, que pareciam as suas composições, eccos sonoros das vozes de Rebêlo». E ficamos sem saber se há nesta frase elogio sincero, se acusação de plágio ao frade Trino.

(89) Vide nota n.º 2.

(90) Vide nota n.º 2.

(91) Êste autor foi de uma fecundidade pasmosa. No Catálogo da Livraria da Música de D. João IV é o autor português mais vêzes citado. Dêle existiam na dita Livraria, além de muitas outras composições, 27 vilancicos dos Reis, 37 do Sacramento, 28 da Natividade, com mais de uma centena no caixão seguinte, que é o 26, n.º 675.

Neste caixão pude contar, muito à pressa, mais 37 do Sacramento, 45 para várias festas, 36 de Nossa Senhora e muitíssimos mais. Só vilancicos podem contar-se 538, afora Missas, salmos, responsórios, motetes, etc.

(92) Faleceu este autor a 16 de Julho de 1700. Foi discipulo, em Lisboa, do Bibliotecário de D. João IV, o P.<sup>o</sup> João Alvares Frovo.

(93) «Cravista e organista que viveu em Lisboa na segunda metade do século XVIII. Foi autor de uma collecção de músicas para cravo, curiosa hoje como exemplar bibliographico por ter sido um dos primeiros ensaios de musica estampada que se fez em Lisboa; tem o seguinte titulo: «*Dodoci Sonate, Variazione, Minuetti per Cembalo Stampati a spese degli Sig.<sup>o</sup> assinnanti composti Da Francesco Sav.<sup>o</sup> Battista Maestro e Compositore di Musica. Opera I — Sculp.<sup>ta</sup> da Francesco D. Milcent. — Stampati da Francesco M.<sup>o</sup>» — Lisboa — Vendese na Loge do d.<sup>o</sup> Estampador no fim da Rua do Paccio». Esta obra de três Franciscos, não honra a memória de nenhum delles».*

E pouco mais adianta a continuação da noticia que Ernesto Vieira traz nas págs. 90 e 91 do 1.<sup>o</sup> volume do seu Dicionário.

O que Vieira não disse foi o seguinte, que Mário de Sampaio Ribeiro revelou: — Francisco Xavier Baptista foi primeiro organista da Sé e morreu a 10 de Outubro de 1797. Era casado com D. Luisa Bernarda Caria de Mascarenhas e paroquiano de Santa Justa. (Cf. *Ocidente*, n.<sup>o</sup> 54, relativo a Outubro de 1942, Vol. XVIII).

(94) Não encontrei outra noticia deste autor. Vide nota n.<sup>o</sup> 2.

(95) É muito plausível que seja o mesmo que o anterior.

— (96) Sousa Viterbo, no seu notável trabalho já tanta vez citado, *Subsidios para a História da Música em Portugal*, na pág. 386 e seg.<sup>tas</sup>, insere a seguinte noticia sobre Mestre Gil: — Carta de El-Rei aposentando-o respeitosamente e atendendo aos seus bons serviços prestados e idade receberá anualmente até à sua morte 32.902 réis, «que he outro tanto quanto tinha de seu ordenado, moradya, vestiaria, apousentadoria e merce cada ano quando servia-s-vinte mill rs de ceuada e dous mil trezentos setenta rs de sua vestiaria ordinaria, e tres mil corenta rs de apousentadoria e tres mil rs de merce ordinaria, que fazem em soma os ditos trinta dous mill novecentos e dous rs, os quaes xxxij-ix-ij rs me praz que comece a vencer no primeyro dia deste mes de Julho de b<sup>o</sup>l<sup>a</sup> e cinco em diante. João de Castilho a fez em Lx.<sup>a</sup> a xj de Julho de jb<sup>o</sup>lb».

Segue outro documento em que se diz que, devido a ter falecido já Mestre Gil, «meu cantor», fará mercê à sua mulher em cada ano de 2 moios de trigo «de Janeiro que ora passou deste presente ano de quinhentos, cinquenta e sete em diante».

É assinado em 2 de Março de 1537.

Na lista dos músicos do tempo de D. João III, que o sr. dr. Alfredo Pimenta publica no seu valioso trabalho histórico, *D. João III* (a pág. 291 e seg.<sup>tas</sup>) occupando o décimo quinto lugar da referida lista aparece — Mestre Gil, «mestre cantor del Rey».

(97) D. Gaspar da Cruz é citado por Mário de Sampaio Ribeiro (no seu notável trabalho *A Música em Coimbra*, Coimbra, 1939, pág. 18) entre os mestres do mosteiro de Santa Cruz.

(98) Gaspar dos Reis, segundo afirmou Joaquim de Vasconcelos, já por 1630 se encontrava em Braga.

Ernesto Vieira di-lo mestre da capela da Sé primaz «pelos meados do século XVI» quando deveria escrever do século XVII. Não deve tratar-se de erro typográfico porque em mais dois lugares o repete — nas páginas IV e XXI do índice com que fecha o 2.<sup>o</sup> volume do seu Dicionário.

Todos o dizem discipulo de Duarte Lôbo e Ernesto Vieira também. Ora, a ser assim, como conciliar uma coisa com a outra? Duarte Lôbo, mesmo pelas velhas contas, teria nascido em 1540. É de ver, pois, que não poderia ter um discipulo já

mestre de capela em meados de Quinhentos e à testa do côro da Catedral de Braga, para onde fôra depois de ter feito o compasso aos músicos da igreja de S. Julião de Lisboa.

Ernesto Vieira enganou-se, por conseguinte. (Cf. *Subsídios para a História dos músicos portugueses*, do Dr. Gonçalo Sampaio, pág. 21).

Mons. Cônego José Augusto Ferreira incluí-o na lista dos mestres de capela da Sé de Braga, com as datas 1631?-1639?, que são as dadas pelo Dr. Gonçalo Sampaio, quando afirma que Gaspar dos Reis morreu em Braga entre 1631 e 1639. Todavia o egrégio historiador da mitra bracarense diz que não encontrou, dentro daqueles anos, o respectivo assento de óbito em nenhum dos registos paroquiais da cidade (Cf. *História abreviada do Seminário Conciliar de Braga e das Escolas Eclesiásticas precedentes — Séc. VI-Séc. XX* — Braga, 1937, pág. 210, nota 1).

Houve ainda outro Gaspar dos Reis que foi «clérigo do habito de S. Pedro. Estando vago por falecimento de Frei Manuel Gallego, o lugar de tangedor dos órgãos da igreja matriz de Beja foi nomeado para o substituir Gaspar dos Reis, que já tinha de serventia o mesmo cargo há dezoito anos. O Alvará de nomeação é de 22 de Outubro de 1665.»

Frei Manuel Gallego foi religioso professo na Ordem de Avis. Por alvará, com força de carta, de 5 de Maio de 1592, foi nomeado tangedor dos órgãos da igreja matriz da cidade de Beja, cargo que exerceria, enquanto não houvesse outra pessoa desocupada que o pudesse bem servir. (Cf. *Subsídios...* Sousa Viterbo, pág. 239).

A Gaspar dos Reis, que devia ter morrido bem velhinho, sucedeu Francisco Ferreira, que foi julgado suficiente, depois de sujeito ao exame de organista da Capella Real. A nomeação é de 22 de Setembro de 1671.

A este organista sucedeu ainda Inácio de Carvalho. (Cf. Sousa Viterbo *ob. cit.*, pág. 218).

(<sup>99</sup>) Ver este nome na Introdução.

(<sup>100</sup>) Gonçalo Xavier de Alcáçova foi escritor, membro da Academia Real da História e da Academia Real das Ciências, nos meados do século XVIII. Compôs duas orações para serem recitadas diante da Rainha D. Mariana Vitória e a *Dissertação* sobre a questão da legitimidade de atribuir a Beja a identidade com a Pax Júlia dos romanos. Estas publicações apareceram a lume entre 1770 e 1780.

Nasceu Gonçalo Xavier de Alcáçova em Lisboa aos 19 de Setembro de 1712, filho de João António de Alcáçova e de D. Guiomar de Mendonça. Viajou pela Espanha e França. Casou com a filha de Aires de Saldanha de Albuquerque, D. Ana de Moscoso, que faleceu, bem como a sua única filha, debaixo dos escombros do terrível flagelo que caiu sobre Lisboa no dia 1.º de Novembro de 1755. Faleceu aos 5 de Fevereiro de 1785.

Da actividade musical desenvolvida por Gonçalo Xavier de Alcáçova não encontro outra notícia. (Cf. *Elogio que do mesmo traçou o Conde de Ega, socio Supernum.º da Academia das ciencias, em 20 de Abril de 1785*, código que tem a cota

CX  
1-14 peça n.º 30, da Biblioteca Pública de Évora).

(<sup>101</sup>) Henrique Carlos Correia foi compositor de vilancicos, Mestre de Capela nos primeiros anos do século XVIII, quando era bispo de Coimbra D. António de Vasconcelos e Sousa e Carlos de Seixas, famoso cravista, assombrava aquela cidade com a sua pasmosa precocidade. Segundo opinião do Cardeal Saraiva, cujo fundamento ignoro, ainda Frei Henrique Carlos Correia vivia em 1747. Parece ter sido aluno do Padre Domingos Nunes Pereira, mestre da Sé de Lisboa.

(Cf. *A Música em Coimbra*, pág. 29, por Mário de Sampaio Ribeiro; *Lista de alguns artistas portugueses*, pág. 46, do Cardeal Saraiva).

(<sup>102</sup>) Este autor foi com certeza conhecido pessoal de José Mazza, pela ma-

neira como o trata e o aprecia. Francisco Inácio Solano, grande teórico, chama-lhe «Sábio Compositor».

Faleceu em 1781, tendo entrado para a Irmandade de S. Cecilia a 19 de Fevereiro de 1761.

Sobre Henrique da Silva Negrão é a maior notícia que conheço.

(103) Deve tratar-se do cravista, quasi anónimo Frei Jacinto, cujos dados biográficos são nulos ainda hoje. (Refere-se-lhe Mário de Sampayo Ribeiro em *A Música em Portugal...*, pág. 28).

(104) Jerónimo Francisco de Lima era irmão de Brás Francisco de Lima (ver este nome).

Nasceu em Lisboa a 30 de Setembro de 1743. Estudou no Seminário Patriarcal, donde seguiu para Itália. «Saiu aos 2 de Junho de 1760 que foy para a cidade de Nápoles aperfeiçoar-se no contraponto por ordem de Sua Magestade ficando vendendo ordenado e propinas de mossô da Sancristia.» Estes dizeres estão escritos à margem da inscrição do livro dos assentos do Seminário Patriarcal. Diz a inscrição: «Jeronymo Francisco de Lima, filho legitimo de Antonio Francisco de Lima, e de Elena Maria da Cruz, natural e baptizado na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, de Belem, entrou para o seminario aos 20 de Novembro de 1751 de idade de 10 annos por já saber alguma couza de Muzica.»

Desta inscrição se vê que Jerónimo Francisco de Lima nasceu não em 1743, mas dois anos antes ou seja em 1741.

Deu entrada no Conservatório de Santo Onofre de Nápoles no dia 15 de Janeiro de 1761, aos vinte anos de idade. (Cf. Mário de Sampayo Ribeiro, *A Música em Portugal...*).

No regresso foi nomeado professor do Seminário onde tinha sido aluno, e acumulou o cargo de cantor da Patriarcal. Em 1798, por morte de João de Sousa Carvalho, foi nomeado Mestre da Capela, sucedendo-lhe, o que só por si atesta exuberantemente o prestígio de que disfrutava. Faleceu em 19 de Fevereiro de 1822.

(105) Entre os músicos portugueses de apelido Pinto nenhum encontrei que se identificasse com o *Doutor Jeronimo Pinto* de que fala o códice.

Vide nota n.º 2.

(106) Este Inácio, *Bandurra* de alcunha, não sei quem seja. Mas se não sabemos quem é, vejamos descriptivamente que espécie de instrumento usou.

O instrumento chamado *bandurra* pareceu-se primitivamente com o arrabil e tinha três cordas de tripa, que ordinariamente se afinavam pelas notas *sol*, *re* e *la*, correspondentes aos índices acústicos 56, 63 e 70. Estas bandurras tinham o braço liso sem pontos, que apareceram mais tarde. Com o decorrer do tempo sofreu o instrumento várias modificações, entre as quais viu o número de cordas aumentar para seis.

A bandurra toca-se com palheta. As portuguesas tinham o braço mais curto que as espanholas. Popularmente é o mesmo que viola.

(107) O Padre Inocência de Sousa Mialha foi Mestre de música do Padre António Pereira Figueiredo em Vila Viçosa. Vide notas n.ºs 30 e 58. No códice, ao alto da fôlha seguinte (que é a n.º 28, e começa com a noticia de Frovo) está inscrita a seguinte nota: *Antes deste autor deve hir Elrei D. João 4, fls. 30.*

(108) Nasceu em Lisboa a 16 de Novembro de 1602.

Foi aluno de Duarte Lôbo na aula da Sé e veio a suceder-lhe em 1647, poucos meses passados sobre a morte do mestre, 24 de Setembro de 1646. O sucessor do Padre João Alvares Frovo no cargo de Mestre de Capela da Catedral de Lisboa foi o P.º Manuel Nunes da Silva, celebrado autor da «Arte Minima».

O título completo da obra didáctica do P.º João Alvares Frovo da qual existe um exemplar na Biblioteca Pública Eborense, é o seguinte:

*Discursos sobre a perfeição do Dhiathesaron, e louvores do numero quaternario em que elle se contém, Com um encommio sobre o papel que mandou imprimir o Serenissimo Senhor ElRey D. João IV. Em defensa da moderna musica e resposta sobre os tres breves negros de Christovam de Morales. — A Christo Crucificado O dedica o P. João Alvares Frouvo Capellão e Bibliothecario del-Rey, e M. da Sé de Lisboa — Em Lisboa.*

*Na officina de Antonio Craesbeeck de Mello. Anno 1662. Em 4.º com 100 páginas.*

Faleceu a 29 de Janeiro de 1682, na idade de oitenta anos, fazendo fé em Barbosa Machado. (Cf. Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, pág. 438 e seguintes, 1.º vol.).

(109) Esta noticia, se bem que curtissima, encerra uma novidade: a naturalidade elvense de João Cordeiro da Silva.

Foi o último pensionista que o Seminário da Patriarcal mandou a Nápoles. Entrou para a Irmandade de Santa Cecilia a 21 de Novembro de 1756. Escreveu algumas óperas e outra música assim profana como religiosa. «A sua obra ressent-se da preocupação de fazer brilhar as vozes.»

Na Catedral de Lamego estão arquivadas as seguintes músicas, manuscritas e partituras do notável compositor João Cordeiro da Silva:

- I. Magnificat, a 4 vozes e órgão
- II. Confiteor (*talvez Confitebor, salmo*)
- III. Missa, a 4 vozes.

Na Biblioteca de Elvas guardam-se alguns trios instrumentais de sua autoria. (Cf. Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, pág. 304; Sampayo Ribeiro, *A Música em Portugal...*, pág. 38; e *Subsídios* do Dr. Gonçalo Sampaio, pág. 29).

(110) Frei João da Matta faleceu com 24 anos de idade, pois nascera em 1714.

Segundo Joaquim de Vasconcelos (*Ob. cit.*, pág. 228, 2.º vol.), João da Matta tinha composto de propósito uma Missa para o dia da sua Primeira Missa, que não chegou a dizer por Deus o ter antes chamado.

(111) Do Dr. João Melgás Ferro, irmão de Diogo Dias Melgás, nenhuns dados se conhecem.

Em 1702 ainda vivia, tendo assistido ao desaparecimento de quasi toda a família.

Viveu pobre como seu irmão o Mestre de Capela da Sé de Évora, pois quando elle morreu nem havia em casa o dinheiro sufficiente para os encargos do funeral. Foi Sebastião Ferreira quem emprestou 4:000 réis, os quais lhe foram pagos pelo Dr. João Melgás Ferro a 20 de Junho de 1700, pouco mais de dois meses depois da morte de Diogo Dias Melgás. «Recebi do Dr. João Melgás Ferro quatro mil réis q. lhe avia emprestado p.º o funeral de seu irmão o Mestre Diogo Dias Melgás.» Évora, 20 de Junho de 1700. Sebastião Ferreira.»

A pobreza foi tão acentuada que, por necessidade, se viu obrigado a vender as casas em que vivia, o que fez em 1703 ao Dr. Manoel Fernandez Perez, para pagamento de dividas de 200.000 réis à Irmandade das Almas.

No Cartório da Sé não há deste autor uma só composição que permita avaliar até onde chegou o seu talento; em todo o caso é lícito inferir, por tudo, que não subiria muito alto.

(Cf. *Arquivo Transtagano*, pág. 135 e 136. Já citado a propósito de Diogo Dias Melgás).

(112) João Mendes Monteiro foi discipulo do Padre Manuel Mendes em Évora.

No *Catálogo da Livraria da Música de D. João IV* é citado como autor de várias missas.

(113) Não confundir este João Pedro, o Gago, com um outro João Pedro que publicou *Arte de Musica Para Viola Franceza. Com regras para uso de todas as*

peçoas, que queirão applicar-se a toca-la por Muzica... — Braga, 1839 — Typographia Bracarense.

Era de tal ordem a futilidade expendida no folheto em questão que Ernesto Vieira chorou toda a vida os mil réis que um alfarrabista lhe extorquiu por um exemplar!

(<sup>114</sup>) João Pedro Tomás nasceu em 1709.

No livro *Subsídios para a história da Música em Portugal*, de Sousa Viterbo, vem, na pág. 68, o seguinte: João Pedro Tomás «de 58 anos, rabeca da Camara de Sua Magestade, morador na Rua Nova da Bella Vista, disse que tendo ido a Villa de Novi (Itália) ali conhecera e vira o avô paterno do habilitando João Baptista Avondano (*tratava-se de provar a idoneidade de Pedro António Avondano para entrar na Ordem de Christo*), donde ouvira que era natural tendo nesse tempo o exercicio de medidor de terras e que em seus principios fôra alfaiate.»

Isto passou-se a 15 de Junho de 1767, data que consta do respectivo documento.

— (<sup>115</sup>) D. João IV, um dos mais extraordinários homens que guiaram a nau da governação pública em Portugal, também foi músico e músico de categoria.

A sua actividade neste campo pode ser considerada debaixo de três aspectos: o teórico, o compositor e o bibliófilo.

O pai do Duque de Barcelos, título nobiliárquico do primogénito dos Braganças, na mira de educar o seu filho nas belas artes, mandou vir para Vila Viçosa um músico inglês chamado Roberto Tornar. Este Roberto Tornar, do qual existem composições no Palácio Real Calipolense, fôra recomendado por Geri da Ghersen, Mestre da Capela do Arquiduque Alberto e discípulo do famoso Filipe Rogier.

D. Teodósio II tinha intenção de fazer do futuro Duque de Bragança um verdadeiro Príncipe cristão a que não faltasse a educação musical que se considerava indispensável entre os passatempos aconselhados ao tempo.

O Duquezinho porém, parece que a principio sentiu grande relutância em se embrenhar na rede complicada das cantorias, das prolações, dos diferentes sinais, figuras que iam ao compasso, etc. A fraca propensão do aluno e talvez o mau sistema pedagógico de Tornar, uniram-se e arrastaram a educação musical de D. João, até que chegou a Vila Viçosa um rapaz vindo de Caminha que em breve se fez uma grande esperança — João Soares Rebelo, irmão do Padre Marcos Soares Pereira, em cuja companhia viera.

A companhia do Rebelinho, a sua linda voz, a franqueza e lealdade do trato eram para D. João, mais velho uns seis anos, estímulo para o estudo da música. O certo é que nesta intimidade em breve aprendeu os segredos do contraponto, bem como as leis que regiam a chamada Mão Aretina, chave da solmização. A sua aprendizagem foi porém tão séria e reflectida que em breve se tornou profundo conhecedor da arte da compostura a ponto de lhe serem familiares as obras de Palestrina e se dar ao trabalho de mostrar mazelas aos maiores chavões da época — Carlos Patiño, Duarte Lôbo, Romero Capitan e outros.

D. João IV escreveu a célebre «Defensa de la musica moderna contra la errada opinion del Obispo Cyrilo Franco». O opúsculo teve duas edições, uma em italiano, outra em castelhano. O trabalho era assinado pelas duas iniciais — D. B., isto é Duque de Bragança.

Foi dedicado a João Soares Rebelo e a dedicatória fecha assim: «Dios guarde a v. m., como le guardan su musica.»

Como compositor pode considerar-se mais D. João IV um hábil e inteligente contrapontista do que uma sensibilidade requintada, género Melgás ou Magalhães. As suas composições seriam por isso mais filhas do cérebro que da alma.

Entre as obras que lhe são atribuídas, só uma há que tem sérias razões a

assistir-lhe para ser imputada a D. João IV. É o moteto — *Adjuva nos*. Simplesmente, ao contrário, do que afirmou Sampayo Ribeiro, em trabalho que me serve de guia, não existe na Sé de Évora cópia alguma deste moteto.

- D. Antônio Caetano de Sousa, na sua obra verdadeiramente monumental — *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, insere uma relação de músicas de D. João IV, hoje totalmente esquecidas ou antes desaparecidas.

A grande glória de D. João IV, o seu maior mérito, porém, e o seu admirável gosto pela Música manifestou-a na riquíssima e vastíssima Livraria que juntou. Aí não faltava nada. Desde o *Micrologus* à última novidade de Carlos Patiño ou de Frei Manuel Cardoso lá estava tudo, a bem dizer. A existência, hoje, da Livraria de Música de D. João IV, produziria uma romagem constante dos músicos de todas as partes do mundo civilizado. No dia trágico de 1 de Novembro de 1755, um abalo sísmico desfez em pó o fruto de tantas canseiras e trabalhos, de tanto dinheiro e tanta amizade. O amor entranhado de D. João pelos seus papéis de música era tanto que no dia 25 de Junho de 1636 «disse o P.<sup>o</sup> Frei João de Lisboa 3 missas a S. Pedro; 3 a S. João Baptista; e 2 às almas para que não desse a peste nos papéis de música». Entende-se que o Frei João não disse as oito Missas no dia 25 de Junho, mas começou a celebrá-las nesta data.

Em 1648 mandava El-Rei ao Marquês de Nisa que oferecesse até 3.000 cruzados pelos manuscritos autógrafos e outros livros do compositor Capitan (Matias Romero).

«Se não aceitasse a proposta, devia oferecer-lhe até 2.000 cruzados em condições ainda mais favoráveis, deixando-se-lhe copia de tudo. Por um livro teórico, o celebre tratado *Del Porque de la Musica*, obra sua, manuscrita, prometia-se até 100\$000 reis.»

D. João IV nasceu em Vila Viçosa aos 17 de Março de 1604 e faleceu em Lisboa aos 6 de Novembro de 1656. (Cf. *Ocidente*, n.º 32, Dezembro de 1940 e Joaquim de Vasconcelos, *El-Rei D. João o 4.º*).

Em seguida dou o texto em latim e tradução portuguesa duma carta dirigida por João Baptista Doni a D. João IV e inserida na pág. 387 do volume 2.º da obra de Martinho Gerberto, monge beneditino alemão, intitulada: *De Cantu et Musica Sacra a Prima Aetate usque ad Praesens tempus*:

«Quo consilio primum non pauca veterum rei musicae scriptorum loca per obscura sane, ac difficilia interpretatus sum; compluraque vocabula e graeco, latinoque fonte deducta, quibus expressius ac purius huius disciplinae notiones effari possumus, excogitavi; deinde, quod praecipuum est, antiquas illas harmonias Doricam, Phrygiam, aliasque tantopere decantatas atque ab hodiernis quibusque doctoribus musicis Salina, Zarlino, Galillaeo, studiosius aliquanto, quam felicius conquisitas, e crassissimis vetustatis tenebris erutas, in usum ac praxim, faventibus superis, revocavi. Nam partim novis instrumentis musicis ad eam rem idoneis a me inventis, ac fabricatis; partim novis semaeographiae seu Tabulaturae speciebus assumtis, id consecutus videor, ut magna quadam, atque inaudita tot saeculis in omni cantionum genere e varietas, nullo negotio ab iis, qui secretioribus hisce musarum sacris vel modice initiati fuerint, e datur. Siquidem suppetunt iam hic Romae ac Florentiae, qui per omnes illas harmoniarum species, et cantica eleganter componere eaque apte prescribere, et suaviter canere atque expedite pulsare possint. Quam disciplinam nobiles aliquot viri (quibus praecipue meos hosce labores dicavi) cupidissime amplexi sunt. Praeter caeteros vero vir nou minus avita nobilitate quam propriis dotibus illustris, ac longinquis in Orientem peregrinationibus clarus et Petrus de Valle, Patricius Romanus, Lusitani nominis perquam studiosus, cuius luculentus huiusmodi cantionum liber propediem proditurus est in lucem.»



## TRADUÇÃO

«Em primeiro lugar, eu, graças àquele conselho, expliquei muitas passagens dos antigos escritores da arte musical, que sem dúvida estavam bastante obscuras; e excogitei muitos vocábulos provindos de fonte grega e latina, por meio dos quais podemos com mais pureza e acerto falar das noções desta disciplina; depois, o que é de mais importância, chamei de novo ao uso e à prática, com a ajuda de Deus, aquelas célebres harmonias antigas, como a Dórica, a Frigia e outras, muito cantadas, e reunidas um tanto com mais trabalho do que felicidade, por alguns contemporâneos doutos em música, como Salinas, Zarlino e Galileu e arrancadas às trevas mui espessas da vetustez.

Por uma parte, com efeito, conatruídos novaos instrumentos musicais, julgados por mim capazes de tocarem estas peças; por outra, adquiridas novas espécies de semiografia, parece-me ter conseguido que uma grande variedade em todo o género de canções, variedade não ouvida há tantos séculos, seja dada à luz, sem alguma obrigação, por aquêles que talvez tenham sido módicamente os principiantes nestas coisas menos conhecidas e sagradas das musas. Neste tempo estão em Roma e Florença, com tôda a certeza, alguns que talvez possam por meio de tôdas estas espécies de harmonias, não só compor cânticos elegantemente, escrevê-los com aptidão e cantá-los com suavidade, mas também tocá-los sem embaraço. E alguns varões nobres (a quem principalmente dediquei êstes meus trabalhos) abraçaram ávidamente esta obra de ensino. Mas, além de outros, houve um certo ilustre não menos por nobreza de antepassados, do que pelos próprios dotes, e instruído nas longínquas peregrinações ao Oriente e Pedro de Vale, patricio Romano, chamado Lusitano, muito estudioso, cujo livro elegante de canções como estas, há-de sair à luz da publicidade dentro em breve.»

(116) O nome exacto dêste autor é João Pessina. Têm-lhe chamado — Pisini, Pisrini e Pexina. Foi cravista da Câmara de Sua Majestade e morava junto a Belém. Nasceu por alturas de 1718, pois em 1767 aparece entre as testemunhas que depuseram no processo de habilitação de Pedro António Avondano para Cavaleiro da Ordem de Cristo, e tinha então, como êle mesmo confessa, quarenta e nove anos de idade. (Cf. *Subsídios*, de Sousa Viterbo, pág. 65 a 76 e *A Música em Portugal...*, de Mário de Sampayo Ribeiro, pág. 79).

(117) Frei João Pinheiro faleceu na primeira metade do século XVII. (Cf. Vieira, *Ob. cit.*, pág. 169, 1.º vol.).

(118) Só faltou a José Mazza dizer, com Barbosa Machado, que o Cónego João da Purificação foi aluno de Duarte Lôbo.

(Cf. *Bibliotheca Lusitana*, tómo 3.º, pág. 729).

— (119) ¿Onde se fundaria José Mazza para afirmar que a *Arte de Cantochão* de Frei João Rodrigues se imprimiu em 1560?

Ernesto Vieira diz que foi escrita neste ano de 1560 e Joaquim de Vasconcelos atribui-lhe mais valor, pois diz que tal obra custou ao Autor 40 anos de trabalhos.

A «Arte de Cantochão» chegou a ser revista por Palestrina e António Boccapadula, então Mestre da Capela Pontifícia e Secretário de Gregório XIII. (Cf. Vasc., *Ob. cit.*, pág. 153, 2.º vol.).

Chegou mesmo a passar-se o alvará de licença para a sua publicação (que tem a data de 5 de Março de 1576), donde se sabe que Frei João Rodrigues era vigário da igreja de Santa Maria na Vila de Marvão no Bispado de Portalegre. O título completo da obra que, no final de contas, o mais certo é nunca ter ouvido os gemidos do prelo, era êste: *Arte de Musica da reformation e perfeição do cantochão e de toda a musica cantada e tangida*. (Cf. Er. Vieira, *Ob. cit.*, pág. 262, 2.º vol.).

(120) Parece ter sido discípulo do famoso Octávio Pittoni. João Rodrigues

Esteves foi um dos bons Mestres compositores portugueses mandados a Itália por D. João V.

(Cf. Sampayo Ribeiro, *A Música em Portugal...*, pág. 25).

(121) Joaquim de Vasconcelos fez nascer D. João de Santa Maria, em Trás-os-Montes, o que é erro, pela certa.

(122) João da Silva Moraes nasceu a 27 de Dezembro de 1689. Estudou no Real Colégio dos meninos órfãos, onde teve por mestre frei Brás Soares da Silva.

Em 1763 ainda este autor vivia, pois foi um dos compositores do tempo que deram em carta o seu parecer sobre a «Nova Instrução Musical» de Francisco Inácio Solano. Deve ter passado desta vida pelos anos de 1764 ou 65, segundo opinião de Ernesto Vieira. (Cf. *Ob. cit.*, pág. 101, 2.º vol.).

(123) «João Soares Rebello, ... foi grande musico esteve com seu irmão Marcos Soares em a Capella de V.ª Viçosa foi o melhor Compositor do seu tempo esteve doudo em Lisboa El-Rei D. João 4 o mandou curar veio a seu juizo ElRey lhe deu o filhamento com duzentos mil rs. de juro e Erdade Casou com D. Maria de Macedo f.ª do Dr. Dom.º Rodrigues de Macedo Com.º de Munção e familiar do S.º officio e mulher D. Catherina de Macedo.»

Assim consta da pág. 850, do oitavo volume das *Memórias Genealógicas*, de José do Vale Campos Barreto de Magalhães Bacelar, segundo o Dr. Gonçalo Sampayo (*Obra citada*, pág. 17).

José Mazza reproduz o erro de Barbosa Machado, chamando à mãe do «Rebelinho» Domingas Lourenço, quando era Maria seu nome de baptismo. Também diz que João Soares Rebello foi mestre del-Rei D. João IV, o que não me parece crível. Foi, sim, seu companheiro de estudo, mas nada mais.

O «Rebelinho» chegou a Vila Viçosa com 15 anos de idade, andava o Duque de Barcelos nos vinte, e não é de crer que se arvorasse em seu professor, tanto mais que já lá havia mestres — entre os quais se contava o inglês Roberto Tornar, de quem existem composições no Arquivo do Palácio Ducal — e tinha acabado de chegar um outro, o Padre Marcos Soares Pereira, irmão mais velho de João Lourenço.

No Museu Regional de Évora existe um retrato a óleo — proveniente das colecções de D. frei Manuel do Cenáculo — que, em Março de 1942, foi exposto em Lisboa, no Palácio da Independência, na Exposição de Arte e Iconografia «Personagens Portuguesas do Século XVII» promovida pela Academia Nacional de Belas-Artes (n.º 43 do respectivo catálogo). Representa um músico, muito provavelmente compositor, que ostenta, pendente do peito, a insígnia da Ordem de Cristo. Antes da abertura da Exposição, Mário de Sampayo Ribeiro, consultado pelos organizadores, sobre a provável identidade do retratado, foi de parecer que deveria tratar-se da vera effigie do «Rebelinho», muito plausivelmente a que estava na Livraria Real de Música. Assim deve ser, com efeito, pois tudo concorre para avigorar a opinião daquele ilustre musicólogo e meu amigo (Ver nota n.º 155).

(124) João de Sousa, segundo Ernesto Vieira (*Dic. biogr.*, 2.º vol., pág. 341), não deve ser confundido com João de Sousa Carvalho.

Mário de Sampayo Ribeiro, porém, contesta o facto e, a meu ver, com inteiro fundamento na sua achega *A Música em Portugal nos Séculos XVIII e XIX* (cf. págs. 77 e 78).

(125) É estranho que Mazza se tenha limitado a apontar o nome do maior compositor português da segunda metade do século XVIII sem lhe juntar qualquer notícia. Ao que Ernesto Vieira e Mário de Sampayo Ribeiro escreveram só tenho a acrescentar o encontro do seu termo de baptismo, por mim feito, graças à indicação de Sampayo Ribeiro, que após anos de buscas, alcançara dar com o registo do casamento de Sousa Carvalho. O insigne músico setecentista nasceu em Estremoz a 22 de Fevereiro de 1745, sendo baptizado em Santo André. É de esperar que o facto seja comemorado condignamente a quando da próxima passagem do segundo

centenário do nascimento. Veja: *Ocidente*, n.º 55, Novembro de 1942, páginas 328 e seguintes.

(126) O nome completo d'êste músico era Joaquim Pereira Cardote. Foi também compositor. Nasceu em 1752 e morreu em 1812. (Ver Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, 1.º vol., pág. 219 e 2.º vol., pág. 424).

(127) Joaquim Pecorário era irmão de António Pecorário. Foi com êle enviado para o Conservatório de Nápoles (Santo Onofre) onde entrou em 23 de Março de 1756. No casamento de João de Sousa Carvalho representou a noiva por procuração. (Vide: *Ocidente* no lugar citado em a nota n.º 125 e Mário de Sampaio Ribeiro, *A Música em Portugal...*, pág. 77).

(128) Mazza, a seguir à notícia de Mexelim, repetiu *ipsis verbis* a de Joaquim Cardote, já dada atrás. Não a inseri por se me afigurar escusado.

(129) Ernesto Vieira dá Alvares Mosca a exercer o lugar de organista da Patriarcal a partir de 1800. Devia, porém, já sê-lo anteriormente, visto que José Mazza o menciona como tal e o autor do Dicionário, que estou anotando, faleceu em 1798.

(130) Dos seis nomes que se seguem no manuscrito de Mazza só tenho notícias de José Joaquim dos Santos e de José Joaquim Paixão. Com os mais verificar-se-iam as condições a que aludi na nota n.º 2.

José Joaquim dos Santos foi dos mais notáveis compositores que tivemos na segunda metade do século XVIII. Discípulo de David Perez, estudou no Seminário da Patriarcal. Passado a mestre da escola em que aprendera, aí ensinou o resto da vida. Faleceu em 1801.

José Joaquim da Paixão, violinista, organista e compositor, entrou para a Irmandade de Santa Cecília em 1798. Em 1812 ausentou-se para a Ilha da Madeira, tendo fixado residência no Funchal.

(Cfr. Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, 2.º vol., págs. 150 e 274).

(131) José Maurício foi organista e fecundo compositor de música religiosa, lente de música na Universidade e mestre de capela na Sé de Coimbra, cidade onde nasceu a 19 de Março de 1752. Morreu fulminado por um ataque apoplético em 12 de Setembro de 1815, quando tomava banho na praia da Figueira da Foz. (Cfr. Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, 2.º vol., pág. 70).

(132) A única notícia que existe a respeito d'êste músico é a que o próprio Mazza dá quando trata do frade lóio Dr. Manuel da Purificação, cujo professor de Música foi Isidoro Alvares.

(133) No códice, a seguir a êste nome de baptismo, foi escrito e rabiscado um apelido que talvez fôsse «Ardase». Seja como fôr, com ou sem apelido, não sei quem seria êste Leocádio. Mais um nas condições da nota 2).

(134) Viveu êste autor na segunda metade do século XVII (Cfr. Joaquim de Vasconcelos, *Ob. cit.*, 1.º vol., pág. 267).

(135) É o autor dos célebres solfejos por onde muitas gerações de músicos aprenderam os rudimentos da Arte.

Luciano Xavier dos Santos foi excelente compositor, no parecer de Ernesto Vieira. Foi também condiscípulo do célebre teórico Francisco Inácio Solano; ambos aprenderam com D. Giovanni Giorgi (João Jorge) na escola de música religiosa fundada por el-Rei D. João V em Santa Catarina de Ribamar. Faleceu a 2 de Fevereiro de 1808.

É interessante notar que êste compositor, contemporâneo e émulo de João de Sousa Carvalho, punha devotamente à cabeça das suas partituras, talvez ao começá-las, as iniciais da Sagrada Família (J. M. J. — Jesus, Maria, José) a que juntava o nome e a data.

(136) Trata-se do cônego regente de Santa Cruz de Coimbra, D. Carlos de Jesus Maria. Luís da Maia Croesser é anagrama a coberto do qual publicou o *Resumo*

das regras geraes mais importantes, e necessarias para a boa intelligencia do canto-chão, com huma instrucção para os Presbyteros, Diaconos e Subdiaconos, conforme o uso Romano, que tal é o título da «Arte de Canto-chão» a que José Mazza se refere.

(137) Foi discípulo do Padre Filipe de Magalhães. Exerceu o mestrado da Capela da catedral de Saragoça desde 13 de Setembro de 1650 até o primeiro de Agosto de 1653, dia em que faleceu (Cfr. Higino Anglès, *La Musica en España*, in *Historia de la Musica*, de Johanne Wolf, edição Labor, de Barcelona, pág. 400, e Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, 1.º vol., pág. 296).

(138) O nome completo d'este compositor e cantor português é Manuel Correia do Campo. Não tem nada com o Frei Manuel Correia a que se refere a nota anterior.

Pela carta que, sendo Racioneiro da Sé de Sevilha, dirigiu «al maestro Diego de Pontac» com a data de 2 de Agosto de 1633, se sabe que nasceu em 1593 e que lhe chamavam em Lisboa o «menino Loyo», talvez por ter sido moço de côro no Convento dos Lóios, onde recebera a primeira educação musical. Refere-se também à sua estada na corte do Duque de Bragança em Vila Viçosa.

Quanto ao ter sido aluno do «Colégio dos moços da capela», ao depois «Colégio dos Santos Reis Magos», parece-me duvidoso. D. Teodósio, 2.º do nome, Duque de Bragança, fundara aquêl Colégio por alturas mais ou menos de 1609; ora nesta altura já Manuel Correia tinha 16 anos de idade e a voz de tiple já normalmente tinha desaparecido havia muito. Teria ido mesmo nesta idade para o Colégio e será êle o Manuel Correia que aparece entre os primeiros cinco alunos?

A supô-lo, teria sido condiscípulo talvez do Padre António Fernandes, futuro professor e autor da famosa obra teórica *Arte de Canto d'orgam*, que foi dedicada ao grande Duarte Lôbo.

Os cinco primeiros alunos do Colégio dos Santos Reis Magos de Vila Viçosa foram os seguintes: Simão Pereira, Manuel Correia, Afonso Vaz, Manuel Dias e António Fernandes. (Cfr. P.º Joaquim José da Rocha Espanca, *Compendio de noticias de Vila Viçosa*, Redondo, 1892, págs. 187 e 364 e a crônica de Mário de Sampaio Ribeiro, publicada em *Ocidente*, n.º 54, vol. XVIII, de Outubro de 1942).

(139) Trata-se da mesma pessoa que o anterior.

(140) Suponho tratar-se do Manuel Dias, citado em nota antecedente, que foi um dos cinco primeiros alunos do Colégio dos Reis. Quanto ao que d'êl se diz, só sei dizer que as suas obras me são desconhecidas e que Manuel Joaquim não o mencionou no importante trabalho que publicou em *O Jornal de Elvas*. Ai referiu um outro nome, Manuel Garcia ou Manuel Garcia Soeiro, que ninguém mais citou até hoje. Para os devidos efeitos aqui se arquiva o que o ilustre musicólogo afirmou a respeito d'este último:

#### MANUEL GARCIA

No *Livro da Fabrica do Sêe*, com data de 1598 a 1638, e na parte que diz respeito aos anos de 1598 a 1602, a fls. 17, encontramos noticia d'este mestre de capela no seguinte lançamento:

«Item despendero mais o dito depositario  
oitenta e seis mjl e cento e nouenta e quatro rs... 86\$194  
q. deu ao mestre da capella manoel gracia  
pera sustentação dos moços do choro que  
teue em sua caza e de alguns caminhos  
que fez a buscar mossos do choro e outras  
cousas tocantes a dita fabryca.»

É muito importante êste passo, por provar que o mestre da capela de Elvas tinha de andar «alguns caminhos» a «buscar mossos do choro». Temos conhecimento

de que João Jorge Reutter (1708-1772) mestre de capela da catedral de Santo Estêvão, em Viena, fazia excursões nos arrabaldes desta cidade em busca de meninos, que tivessem boas vozes, para poderem cantar na sumptuosa Catedral. Foi numa dessas excursões, que Reutter descobriu um pequeno de nove anos, chamado José e que mais tarde assombrou o mundo com o seu génio e que a História da Música regista com o nome de José Haydn. Note-se que Reutter desempenhava este papel no século XVIII e Manuel Garcia em princípios do século XVII.

### MANUEL GARCIA SUEIRO

A sua presença em Elvas, como mestre de capela, é autenticada no ano de 1613 pela ordem que o Bispo de Elvas dava a Gomes Aires e que diz:

«S.<sup>o</sup> Gomes Aires do dinheiro da fabrica da nossa see de que V. M. he depositario, mandara dar, ao mestre da capella della dous mil rs. e a Bertholameu peres charamela tres cruzados, e a fr.<sup>co</sup> peres sacabuxa outros tres cruzados, a V.<sup>o</sup> sutil baixão outros tres cruzados, e aos dous charamelas menores seis c.<sup>tos</sup> rs. a cada hũ e aos padres fr.<sup>co</sup> diaz, g.<sup>ar</sup> glz e vicentalurz, cantores seis c.<sup>tos</sup> rs. a cada hum, e a An.<sup>to</sup> Nunes, A.<sup>o</sup> Mendes, a diogo dias cantores quinhentos rs. a cada hum, e aos quatro moços do choro, Afonso, Ant.<sup>o</sup>, fr.<sup>co</sup> e Gabriel dozentos rs. a cada hum, e aos outros dous moços do choro, João, e Amdré, e a hũ filho de Anrrique Alurz, quatro centos rs. a cada hũ e aos dous andadores, da sancristia a cada hum quinhentos rs. e [a] João Mendes quartanario q̃. cantou as paixonins (sic) quatro c.<sup>tos</sup> rs. e aos padres p.<sup>o</sup> vaz e fr.<sup>co</sup> vaz dozentos rs., a cada hũ, e ao tangedor do órgão quinhentos rs., e ao Mestre das ceremonias mil e quinhentos rs. de q̃. a todos e a cada hũ delles fazemos merce por esta uez som.<sup>ta</sup> q̃ cõ este assinado sendo como cada hũ recebeo sua parte... (ilegível).

elvas treze dabil de seis centos e treze.

*O Bpo-delvas.»*

No verso encontra-se a assinatura do artista: «resebi dos mil reis. Manoel Garcia Sueiro.»

Esta assinatura, feita em 1613, e o facto do Dr. Francisco de Paula Santa Clara mencionar um Manuel Gracia Soeiro na biografia do 2.<sup>o</sup> Bispo de Elvas, D. António de Matos de Noronha (1530-1610), que foi publicada a págs. 144 e seguintes do II volume do *Dicionário* do grande investigador Victorino de Almada, quasi nos faz acreditar que Manuel Garcia Sueiro e Manuel Gracia são a mesma pessoa. Não encontramos o mais pequeno indício de que fôsse compositor e sobre a data do seu falecimento tôdas as investigações resultaram infrutíferas.

(Manuel Joaquim, *Documentos para a História da Música da Sé de Elvas*, in-*Jornal de Elvas*, n.<sup>o</sup> 59, série VI, de 23 de Dezembro de 1928).

Em «adenda» a seu trabalho — Cfr. *Jornal de Elvas*, n.<sup>o</sup> 90, série VIII, de 4 de Agosto de 1929 — Manuel Joaquim publicou mais a seguinte nota concernente a este mestre de capela da Sé elvense:

«Era vivo em 13 de Outubro de 1624, e casado com Maria Borralha; Cfr. *Casamentos de S. Pedro*, de 1618 a 1629, fls. 189 v.»

Ainda se pode ler no *Livro de Baptizados de S. Pedro*, 1618-1628, fl. 93: «Aos vinte e oito dias do mes de Dezembro de mil e seis centos e vinte e seis..... foi padrinho M.<sup>o</sup> Soeiro da Capela...»

É, por certo, o mesmo artista, que, então, viveu pelo menos até 28 de Dezembro de 1626.»

(<sup>141</sup>) Segundo Barbosa Machado, foi mestre de composição de Francisco de Valhadolide. Joaquim de Vasconcelos (*Ob. cit.*, 1.<sup>o</sup> vol., pág. 102) reproduz a notícia e Ernesto Vieira não o refere especialmente.

(142) O verdadeiro apelido d'este autor é Avilez. Viveu na primeira metade do século XVII e compôs uma missa *Salva Theodosium*, a 12 vozes, que se guardava na Biblioteca de D. João IV — caixão 36, número 812. (Cfr. *Bibl. Lusit.*, tom. III, pág. 294, e *Index da Livraria de Música*, de D. João IV, edição de Joaquim de Vasconcelos, pág. 461).

(143) Pode ser que assim haja sido. Manuel Joaquim, porém (*Ob. cit.*), não se lhe refere.

(144) «Manuel Machado, natural de Lisboa, y discipulo del célebre Duarte Lobo, músico de capilla de Felipe III de España y Portugal, autor de muchas obras religiosas y villancicos, vivia aún en 1639».

No «*Cancionero musical y poético del siglo XVII recogido por Claudio de la Sablonara* (Madride, 1916) vêem quatro composições d'este ilustre português.

Num manuscrito da Biblioteca Nacional de Madride, com a cota 1262, há nada menos de 222 *tomos*, entre os quais alguns são de Manuel Machado, do padre Manuel Correia, de Felipe da Cruz e de autores espanhóis.

(Cf. pág. 407 — *La Música en España*, por Mn. Higinio Anglés, in *Historia de la Música*, de J. Wolf., Edit. Labor.).

(145) Contra a afirmação de José Mazza, Manuel Mendes deve ter nascido em Évora e em Évora faleceu a 24 de Setembro de 1605.

Assistiu, na sua qualidade de Bacharel da Sé de Évora, ao fazer dos Estatutos dos Bachareis, em 1580. «Na Sé de Lamego existe um grosso volume de missas de Cristóvão Morales, impresso em Leão, com o título: «*Christofori Moralis Hispaniensis Misarum Liber Secundus*». E, no fim, encontra-se uma composição ms. e iluminada, do P.<sup>o</sup> Manuel Mendes, v. g. Manoel Luzitano ou M. Mendes Luzitano. É uma missa pro defunctis sem sequência mas com o respectivo «*Libera me*», que está incompleto. Tem o nome de «*Emanuelis Lusitani*» como autor.

Este apêndice é, sem dúvida, precioso, pois nem sequer era mencionado no catálogo da Livraria de D. João IV. (Cf. pág. 10 e 11 de *Subsídios para a história da Música em Portugal*, 1934, Braga, por Gonçalo Sampaio).

Há poucos anos só, encontrou o Bibliotecário do Palácio Ducal de Vila Viçosa, Sr. Dr. João de Figueiredo, um *Asperges* a 8 vozes do P.<sup>o</sup> Manuel Mendes, que já tive ocasião de ver.

Em Évora, na Biblioteca Pública, no códice que tem a cota: cód.  $\frac{CLI}{1-3}$ , guardam-se os restos da que foi — *Missa Ferialis*, do P.<sup>o</sup> Manuel Mendes.

Disse — guardam-se os restos — porque é já totalmente impossível reconstitui-la no estado lastimoso em que se encontra. O tempo, aliado com a tinta que o escriba usou, deploravelmente inutilizaram as páginas, que guardavam este pequeno espólio de Manuel Mendes, bem como um moteto — «*Pueri Hebraeorum*» — do P.<sup>o</sup> Duarte Lôbo.

Felizmente, porém, não o fizeram tão depressa que não fôsse possível salvá-la a tempo e até dá-la ao conhecimento do público. Fê-lo com devoção muito de louvar Manuel Joaquim e publicou-a a revista dos alunos do Conservatório do Porto *Musica*, valorizando-a numa formosa e rica edição em separata. Manuel Mendes é dado por Ernesto Vieira, (pág. 82, *Ob. cit.*, 2.<sup>o</sup> vol.) como teudo aido professor de João Lourenço Rebêlo, o que representa um lapso imperdoável.

Quando nasceu o «*Rebelinho*» já o P.<sup>o</sup> Manuel Mendes havia falecido havia quatro anos. Donde a impossibilidade de contacto pessoal.

Foi confusão com Manuel Rebêlo, pela certa.

O P.<sup>o</sup> Francisco Fonseca, na pág. 413 da sua *Evora Gloriosa*, faz a seguinte referência ao Padre Manuel Mendes: «Manoel Mendes, Mestre da Capella da Sé de Évora no tempo do Cardeal D. Henrique, imprimio a *Arte do canto chão*. Hum *Livro da Musica*, e diversos *Motetes e Vilancicos*.

O que Faria e Sousa diz de Manuel Mendes, na sua obra poética — *Fuente de Aganipe*, é o seguinte:

«Eran ellos el Mendes sonoro  
que de Musicos llena a toda a España.»

E mais abaixo:

«Del Mendes raro a la Nobreza cupo  
el canto que es de oídos el arrobó;  
la opulencia cantava quanto supo  
no en fabula enseñar el docto Lobo.»

Apesar dos dizeres do Padre Francisco Fonseca, não há a mínima notícia de qualquer livro impresso da autoria do P.<sup>a</sup> Manuel Mendes. Chegou a pensar nisso e começou a entabular negociações o seu discípulo Padre Tomé Álvares, em cuja opinião Manuel Mendes foi mestre de toda a boa Música deste Reino, mas infelizmente tudo se gorou porque nesta altura já o grande Mestre era falecido.

(Cf. Mário de Sampaio Ribeiro, *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, pág. 45, Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, pág. 82 e Gonçalo Sampaio, *Ob. cit.*, págs. 19 e 20).

(<sup>146</sup>) Entenda-se que é *Alandroal* a terra de Fr. Manuel Pousão. Barbosa Machado diz que a obra que vem citada no texto foi publicada em 1576.

Como faz notar Ernesto Vieira, se Pousão faleceu em 1683, com perto de 90 anos, segue-se que nasceu por alturas de 1590 e então teria publicado o seu *Liber Passionum* antes de ter nascido. Talvez por ter dado pelo evidente lapso, José Mazza suprimiu a data de 1576 como suspeita, o que aliás Joaquim de Vasconcelos não fez, aceitando-a sem pestaquejar!

Trata-se, no fim de contas, duma troca de algarismos e onde está 1576 deve ler-se 1675.

Em 1926 havia em Braga, na Livraria de José Gomes, nada menos que três exemplares do livro de Fr. Manuel Pousão. Foi aí que o Dr. Gonçalo Sampaio os viu e pôde emendar o erro, pondo a nu a verdade da data da impressão. (Cfr. *Ob. cit.*, pág. 24).

(<sup>147</sup>) Manuel de Faria e Sousa, na *Fuente de Aganipe*, lugar citado no texto, refere-se a Manuel Rebêlo nestes termos:

«Y Rebello, que puede, desde el Monte  
Pindo, baxar osado al Aqueronte.»

E em nota explica: «Manuel Rabelo, insigne Maestro de Musica em Evora.» Viveu o padre Manuel Rebêlo nos meados do século XVII.

Acêrca da sua vida mais nada se sabe por enquanto.

Segue um documento que se lhe refere e do qual se depreende quanta consideração havia pelo seu nome no Paço Real:

«Eu el-Rei faço saber aos que este aluará virem que auendo respeito no que por sua petição me enuiou dizer Manoel Rabello, mestre da Capella da se de Evora acerca de lhe ter feito merce de hum aluara de promessa de officio pera hua sua sobrinha, e ora estar vago o officio de tabaliam de notas na cidade de Euora por falecimento de Antonio Gomes Mariz, ei por bem de fazer merce da propriedade deste officio ao supplicante em satisfação do aluara que tem pera casamento da sobrinha que nomear, morrendo este proprietario sem filhos e não hauendo inconueiente: pello que mando aos meus dezembargadores do paço examinem a pessoa que ouuer de casar

com a dita sua sobrinha, em quem elle nomear o dito officio, e sendo apto e não tendo impedimento algum pera auer de servir, lhe darão disso despacho para que depois que ficar certo estar casado e recebido com ella por palauras de presente, na forma do sagrado concilio tredentino, lhe ser pasado carta em forma delle, pagando primeiro os direitos ordenados com declaração que hauendo eu por bem de lho tirar em algum tempo, minha fazenda lhe não ficara por isso obrigada a satisfação algũa, e este se comprira, constando primeiro por certidão dos officiaes dos nonos direitos de como os pagou, deuendos, na forma de minhas ordens, e ualera, posto que seu effeito aja de durar mais de hũn anno sem embargo da ordenação do liuro 2.º titolo 40 em contrario. Antonio de Moraes o fez em Lixboa a desaseis de abril de mil e seis centos quarenta e sete. Pero de Gouea de Mello o fez escrever.» (Tôrre do Tombo, Chancelaria de D. João IV, *Doações*, liv. 17, fol. 370 v., in- Sousa Viterbo, *Subsídios*, cit., pág. 465).

— (148) Manuel Joaquim, no valioso trabalho a que por mais de uma vez tenho recorrido, nada adianta de importante.

Ouçamo-lo:

«Sôbre êste músico elvense, que foi notável ao lado de Frei Manuel Cardoso, Duarte Lôbo, Filipe de Magalhães e outros notáveis contrapontistas portugueses, não podemos, nem sabemos, dizer mais do que o grande investigador musical Ernesto Vieira, disse...

Tôdas as investigações a que procedemos, nada nos disseram de positivo sôbre a presença dêste ilustre artista em Elvas, pois que a assinatura do «Padre Mestre Manuel Rodrigues», feita em 1588, no *Liuro dos Baptizados da Sé de Elvas*, de 1567 a 1590, e as do «Padre Manuel Rodrigues», feitas no ano de 1598, no *Liuro dos baptizados da Egreja Parrochial de N.ª S.ª de Alcaçova*, de 1583 a 1612, não nos satisfizeram, apesar de D. Francisco Manuel de Melo, Barbosa Machado e Inocêncio da Silva, designarem esta glória elvense, simplesmente por P.ª Manuel Rodrigues. Por curiosidade registamos ainda do *Livro de Obitos da Alcáçova*, de 1613 a 1679, pág. 515, o nome dum Diogo Rodrigues Coelho, falecido a 7 de Maio de 1642 e que pode, muito naturalmente, ter sido parente do autor das *Flores de Musica*.

(*Jornal de Elvas*, n.º 56 e 58, série VI, de 2 e 16 de Dezembro de 1928).

Pela grande importância que tem, embora sem ligação directa com o Padre Manuel Rodrigues Coelho, não resisto à tentação de reproduzir aqui a introdução do trabalho de Manuel Joaquim sôbre a música na Sé de Elvas (Cfr. *Jornal de Elvas*, n.º 53, 55 e 56, série VI, de 11 e 25 de Novembro e 2 de Dezembro de 1928):

«Os documentos que o *Jornal de Elvas* vai arquivar nas suas colunas, são produto de pacientes investigações feitas desde 1921, data em que fomos colocados nesta antiga e nobre cidade de Elvas, pela qual, logo à chegada, sentimos uma grande admiração, e a que hoje estamos ligados por laços de amizade e de família, que difficilmente se podem partir.

Através do nosso modesto trabalho encontrámos muita vez quem nos encorajasse, falando-nos da grande satisfação que nos causa um simples papel amarelento, às vezes quasi pôdre, e que vem — no fim de meses e, até, de anos — como prémio ao trabalho que ninguém nos pede.

Esse alguém, a que aludimos, é o ilustre bibliófilo Sr. António Tôrres de Carvalho, que com a sua amizade nos tem sempre distinguido, e que mais de uma vez nos aconselhou — o que, aliás, também têm feito alguns nossos verdadeiros amigos — a que dêssemos publicidade, mesmo sem ordem cronológica (visto ter sido impossível obtê-la até hoje) ao fruto da nossa dedicação à Arte.

Aos leitores, que se interessem por esta secção, pedimos a paciência necessária para a leitura dêstes documentos, que, quanto a nós, devem ser reproduzidos tal qual os encontrámos, afim de não perderem o sabor arqueológico.



O documento mais antigo que encontramos foi dado por D. António Mendes de Carvalho, 1.º Bispo de Elvas, que nesta cidade entrou a 23 de Outubro de 1571 e aqui faleceu a 9 de Janeiro de 1591. Ei-lo:

#### REGIMENTO DO M.º DA CAPP.ª

§ 1.º — As obrigações do M.º da Capp.ª são as seguintes, sera obrigado, a ensinar aos mossos do coro cantochão canto de órgão; contraponto, e compor, e bem assim a todos, os q. quizerem aprender p.ª este efeito houvera 2.ª lições cada dia huma pella manhã de cantochão, e contraponto outra a tarde de canto de órgão e composição; isto de graça.

§ 2.º Sera obrigado a cantar Psal. de canto de órgão Hinno, e Manificat com os cantores, em todas as festas de capas de Conigos nas 2.ªs vespuras das ditas festas sera obrigado somente Hinno, Manificat, tirando, em natal, Ressurreição, Pentecoste, Corpus Xpi, Assumpção, S. P.º, e São Paulo que nestas festas sera obrigd.º a cantor Psal. nas 1.ª e 2.ªs vespuras, e as missas dos proprios dias de canto de órgão, e todos os mais, q. a nos ou ao nosso Cabb.º parecer, q. conuem.

§ 3 Sera obrigd.º em todos os dias de Apostullos, Euangelistas Doutores da Igr.ª; e mais dias de guarda cantar Hinno, Manificat. de canto de órgão nas 1.ªs vesp.; e assim mesmo cantor as missas de canto de órgão nos d.ºs dias, e em todos os D.ºs, e dias santos de guarda, e nas cathedras de S. P.º, em a festa de S. P.º aduinculla na commemoração de S. Paulo, e de S. Thomas, q. assim o ordenou o Rd.º Cabb.º e mandou se puzesse na toboa do choro.

§ 4 Sera obrigd.º, em vesp. da commemoração dos defuntos cantar Manificat. de canto de órgão nas vespuras, e no proprio dia benedictus, e missa, e o derradr.º responso, qd.º andarem sobre os defuntos.

§ 5 Sera obrigd.º cantar completas de canto de órgão todos os Domingos, da quaresma.

§ 6 Sera obrigd.º; na noute de Natal cantar o Hinno das Matinas, e os responsorios, e thedeu Laudamos, e de ordenar sempre alguns villançios p.ª a festa, e assim p.ª a noute como pera o dia.

§ 7 Sera obrigd.º acharse presente, em todos os off.ºs q. pelo Chantre lhes forem assignados, em q. se achar o Cabb.º, e assim nas procissoes dos 3.ºs Domingos dos mezes do santissimo sacramento.

§ 8 Sera obrigd.º hir com a Capp.ª em todas as procissões gerais, e ordinarias, a q. for o Cabb.º, e nellas cantar o q. pelo Chantre lhes for ordenado, e hirão os seculares com as cabeças descubertas.

§ 9 Faltando, em cada huma das couzas assima ditas o Chantre o multara athe 100 reis conforme os defeitos.

Este documento demonstra, sobretudo no § 1.º, que o Mestre da Capela tinha de ser um músico muito hábil, pois que, além do cantochão, do canto de órgão — música sujeita ao rigor do compasso — e do contraponto (a ciência harmónica do tempo) elle tinha de ensinar a composição e ordenar (que nós interpretamos por compor) pelo menos alguns vilancicos, conforme determinava o § 6.º.

Pela doutrina dos §§ 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 8.º temos de concluir que tinha de ser um cantor de mérito, pois tinha enormea responsabilidades impostas pelos referidos parágrafos.

É ainda o 1.º Bispo de Elvas, D. António Mendes de Carvalho, que impõe as obrigações ao Mestre do órgão, ou organista, elemento indispensável ao serviço duma Capela no século XVI.

Eis o regulamento que lhe diz respeito:

### REGIMENTO DO MESTRE DE ORGÃO

§ 1.º As obrigações do M.º do órgão são as seguintes: Sera obrig.<sup>do</sup> tanger todos os dias de capas de conigos pella maneira seg.<sup>ta</sup>, em materias de Himnos Antiphona Responsorios dos nocturnos Te Deum Antiphona das Laudas Benedictus himno Deo Graças do Benedicamus faltando ao principio perdera 30 reis a todas as Matinas 100 rs.

§ 2 Sera obrigado tanger a missa vespas pr.<sup>ta</sup>, segundas, e completas sob a dita pena.

§ 3 He obrigado nos duples per annum tanger as laudas missas, e vespas primeiras, e seg.<sup>da</sup> e completas faltando ao principio perdera 20 rs. faltando a tudo por qualquer cauza das sobreditas perdera 50 rs.

§ 4 He obrigado a todos os domingos, e sabados a tarde, excepto em advento e quaresma, porem no 3.º do advento, e 4.º da quaresma hauerá orgão sob a d.<sup>a</sup> penna.

§ 5 Sera obrigado tanger as primeiras vespas e 2.<sup>a</sup> e as Laudas da Capitulla por diante, e assim as completas, e a missa, em todos os ssimiduplices, infra octavaz as missas de N. Senhora nos sabados, quando se reze della e sob penna de 50 rs.

§ 6 Deve tanger ás completas dos Dom.<sup>os</sup> da quaresma excepto no de Ramos sob penna de 100 rs.

§ 7 Sera obrigado tanger dia de Corpo de D.<sup>a</sup> qd.<sup>o</sup> sahe a procissão te sahir o sacramento da porta principal, e assim, quando tornar a emtrar sob penna de 100 reis sob a mesma penna sera obrigado tanger nas festas principais, quando emtrar o Prellado no Igr.<sup>a</sup>, e quando celebrar, tambem á sahida, vindo algum Prellado a quem o Bispo queira onrrar sera obrigado a tanger, emquanto estiverem orando: e no ponto final sera obrigado a tanger a terça, emquanto o Bispo se revestir e assim mais todos as vezes q. por nos ou pello Cabb.<sup>o</sup> lhe for ordenado, q. tanja sob penna as quais pennas são pera a jábrica.

(Duma copia dos «Estatutos do Ill.<sup>o</sup> e Rd.<sup>o</sup> Cabido da Santa Igr.<sup>a</sup> Cathedral da cidade de Elvas, feitos por D. Antonio Mendes de Carvalho, e que pertencem a João de Borja do Amaral, Conego e Penitenciario da mesma Cathedral no ano de 1804»).

Num documento de 1577, assinado pelo Cardeal D. Henrique, faz-se, por indicação do 1.º Bispo de Elvas, a repartição das prebendas da Sé, e aí se diz:

*Ordenamos e creamos das dittas rendas vinte e quattro prebendas eguaes, e que duas dellas haja o Dayão.*

*Quattro assignamos a quattro dignidades, e outra prebenda mais para se repartir igualmente antre estas quattro dignidades.*

*Aplicamos dez prebendas para dez conegos.*

*Uma para dous meios conegos.*

*Outra para o mestre da capella e para o tangedor dos órgãos.*

*Outra para a Fabrica.*

*Outra para os moços do coro.*

*Outra, etc., etc.*

Por este documento vê-se claramente que a Sé de Elvas tinha regulamentada a paga do mestre de capella, organista e moços do côro.

Sobre o vencimento dos cantores, áes eram pagos, em 1599, pelo cofre capitular, pois que o notável antiquário elvense, Francisco de Paula Santa Clara, no seu livro *O Deado na Sé d'Elvas*, a pág. 3, diz:

«E logo em cabido, convocado ao som de campã tangida em 18 de Julho (refere-se ao ano de 1599 em que Elvas foi invadida pela peste) os capitulares em

grande sobresalto e torvados accordaram pôr ponto immediatamente nas rezas coraes; e em cumprimento do estatuto decimo fizeram eleição de seis capellães, que por contrato se obrigaram a ficar cantando na cathedral durante a epidemia; sendo cada hum remunerado mensalmente pelo cofre capitular com o ordenado de 3\$000 reis alem de várias propinas».

No século XVII passaram a ser pagos pela Fábrica.

Sôbre os instrumentistas não foi possível encontrar regulamentação nem dados sôbre os seus vencimentos, mas as «verbas de despesas», que encontrámos, ... demonstram que eram pagos pelas rendas da Fábrica.

(149) Ao ordenado que frei Manuel dos Santos recebia e que José Mazza menciona no texto deve tirar-se um zero. Onde está 600 leia-se 60 mil réis e ficará certo. É quanto lhe dá Barbosa Machado, que, aliás, não indica a quantia em algarismos mas, sim, por extenso.

(150) O Padre Manuel Soares faleceu a 4 de Julho de 1756. A propósito de uns responsórios da autoria de um Padre Manuel Soares, que não pode ser este, Mário de Sampaio Ribeiro admitiu a hipótese do Padre Manuel Rebêlo, atrás referido, ter tido o nome completo de Manuel Soares Rebêlo. (Cf. *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, págs. 43 e 44).

(151) Trata-se de equívoco de Mazza. Vide, mais adiante, o Padre Marcos Soares Pereira, irmão do famigerado João Soares Rebêlo.

(152) O Padre Manuel Tavares pertence ao século XVII. Segundo Joaquim de Vasconcelos, nasceu em 1625. (Ob. cit., pág. 197). Barbosa Machado, porém, nada diz a tal respeito e ou aquela data está decididamente mal, ou Barbosa Machado inventou a notícia sôbre este autor.

Se nasceu em 1625 (como poderia fazer parte da Capela de D. João III, que morreu em 1557?

(153) Pelo nome de Marcelino acode-me Frei Marcelino de Santo António que compôs a música do *Sacrifício puro*, elogio aos anos da Princesa D. Maria Francisca Benedita, por Vicente Carlos de Oliveira, Lisboa, 1790.

O *Dicionário* de Inocêncio menciona outras obras d'este autor, menos esta. (Cfr. pág. 501 de «*Subsídios...*» de Sousa Viterbo).

(154) Esconde-se sob o nome de Marcos António da Fonseca Portugal, ou simplesmente Marcos Portugal, o nosso mais celebrado compositor de óperas, distinto aluno do Seminário Patriarcal, onde ouviu as lições de João de Sousa Carvalho.

Nasceu no dia 24 de Março de 1762 na freguesia de Santa Isabel, da Cidade de Lisboa e faleceu aos 68 anos, no dia 7 de Fevereiro de 1830, na Capital do Brasil.

Marcos Portugal esteve em Itália e lá fez cantar algumas das suas óperas, que alcançaram grande êxito entre o melhor que havia na época.

Em 1800, data em que regressou de Itália, foi colocado como Mestre do Teatro de S. Carlos, substituindo seu cunhado António Leal Moreira, que lhe concedeu de boa mente o lugar.

«A obra de Marcos Portugal é notável a vários respeitos e, especialmente, pelos progressos acusados na instrumentação. Foi o primeiro português que empregou clarinetes e por sinal que o fez com rara felicidade.»

A sua obra é enorme e por isso mesmo desigual. Escreveu também muita música de igreja, no género da época e sem grande elevação em geral.

Foi político e fez parte do partido francês, que festejou a entrada de Junot em Lisboa. Mais tarde, expulsos os franceses, foi ter com a Família Real ao Rio de Janeiro e aí faleceu, devido a ataque apoplético. Os seus despojos voltaram à Pátria em 1931 e foram depositados na cripta da Igreja de Santa Isabel, onde tinha sido baptizado.

(Cf. M. de Sampaio Ribeiro, Ob. cit., pág. 93 e Ernesto Vieira, pág. 191, 2.º vol.).

(135) O Padre Marcos Soares Pereira era irmão de João Soares Rebêlo, ou João Lourenço Rebêlo, como também é conhecido, do nome da mãe.

Ernesto Vieira diz que estudou na Capela Ducal de Vila Viçosa, ficando empregado como cantor na mesma capela onde chegou a ser mestre.

Marcos Soares devia ser uns anos mais velho que o «Rebelinho» e estou em crer que já teria ordens sacras quando saiu de Caminha para Vila Viçosa. Nesta conjuntura, não parece verosímil que se deslocasse para tão longe como estudante ainda, mas, sim, como empregado, talvez capelão cantor ou coisa que lhe valha. Exerceria qualquer função dentro da capela e com tal proficiência que, com o andar dos tempos, se foi fazendo conhecedor mais ou menos profundo das regras da composição ao ponto de merecer ser Mestre da Capela Ducal de Vila Viçosa e mais tarde da Real.

Seu irmão, chegou a Vila Viçosa com quinze anos e, se é certo que estudou ainda na vila ducal, e que foi mesmo, talvez, companheiro de estudo de D. João IV, também é certo que, ao sair de Caminha (sua terra natal) já não vinha totalmente em branco na Arte, pois já lhe chamavam *grande muzico*, dando a este *grande* o relativo desconto proporcionado aos quinze anos do Rebelinho.

E se este vinha já com alguns estudos, não os traria mais completos seu irmão o P.<sup>o</sup> Marcos Soares Pereira? Para admitir esta hipótese não é preciso, a meu ver, imaginar uma *escola do norte*, cujo principal centro de ensino fôsse Braga, como quis o falecido Dr. Gonçalo Sampaio. (Cf. *Ob. cit.*, págs. 18 e 19).

Qualquer pessoa dedicada à arte, quem sabe se mesmo de família, os poderia ter iniciado nos segredos da composição, desenvolvendo-lhes a cultura musical em relação à idade e ao engenho de cada um. Se o P.<sup>o</sup> Marcos Soares Pereira não foi tão talentoso como o irmão, ninguém lhe negará valor, pois basta sabê-lo Mestre da Capela de D. João IV para disso nos convenceremos.

Não me parece que do facto do «Rebelinho» ainda ter estudado no Colégio dos Reis, se deva concluir que o Padre Marcos também o houvesse feito; a não ser que Ernesto Vieira tivesse querido dizer que ele se desenvolvera musicalmente, visto ser cantor da capela, cujo repertório — opulentíssimo! — lhe forneceria a prática mais que suficiente para vir a ser mestre.

O P.<sup>o</sup> Marcos Soares Pereira faleceu em Lisboa, aos 7 de Janeiro de 1665. (Ver a nota n.<sup>o</sup> 123).

(136) Há no códice uma nota que diz que o nome de Mariana de Abreu devia ter-se seguido ao de Marcos Soares Pereira.

(137) Barbosa Machado não atentou bem no que escreveu, donde o haver induzido em erro a muita gente. Ernesto Vieira remediou o caso, porém. Vila Lobos não foi mestre de capela da sua Pátria (Elvas), mas, sim, da Sé de Coimbra. Manuel Joaquim, como é óbvio, não se lhe refere.

(138) Segundo Ernesto Vieira (*Ob. cit.*, 2.<sup>o</sup> vol., pág. 18) a missa era a 36 vozes reais e parece que não chegou a executar-se só pela dificuldade de juntar côro tão numeroso.

(139) Frei Miguel da Natividade professou a 8 de Setembro de 1658. Da festa do dia — a Natividade de Nossa Senhora — a razão de ser do sobrenome do cantor-mor alcobacense.

(140) Parece que a Missa a que se refere o texto, da autoria de Nicolau da Fonseca, nunca existiu. No Catálogo da Livraria de D. João IV não vem mencionada. Dêste autor apenas insere notícia de três Vilancicos.

(141) O Padre Nicolau Ribeiro Passo Vedro estudou na escola de música religiosa estabelecida por D. João V em Santa Catarina de Ribamar e da qual foi mestre D. João Jorge, italiano de nação.

Passo Vedro foi condiscípulo de Francisco Inácio Solano e de Luciano Xavier dos Santos.

Faleceu em 1803.

(182) É possível que se trate de confusão com Manuel Tavares. Não me parece crível que, aos vinte e cinco anos, idade em que morreu, segundo o texto, fundado em Barbosa Machado, já tivesse sido honrado no estrangeiro como mestre de capela de duas catedrais.

Deve haver lapso ou confusão do Abade de Santo Adrião de Sever.

(183) Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra guarda-se, solta, uma parte de contraito da obra de Moura, única soçrevivência dela, ao que suponho.

O título exacto é *Liber primum motetorum quatuor, quinque, sex, septem-que vocum*.

Não sei onde haverá exemplares das mais vozes.

(184) A biografia que José Mazza traça d'este músico vem transcrita na obra de Ernesto Vieira (a pág. 65 do 1.º vol.), que, por sua vez, a tirou do jornal «O Conimbricense», de 28 de Janeiro de 1871.

Há hoje mais alguns dados biográficos conhecidos, que se extraíram do processo de habilitação de Pedro António Avondano para Cavaleiro da Ordem de Cristo, bem como dum outro de habilitação para Familiar do Santo Officio, por parte de seu irmão António José Avondano.

Pedro António Avondano não foi agraciado com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo, por méritos próprios, mas por meio de renúncia que nêle fez Luis Mendes Pestana, legítimo e primitivo possuidor daquela mercê, que lhe fôra concedida pelos serviços prestados, como militar, durante vinte-e-sete anos, desde soldado até ao posto de alferes. Com o hábito tinha a tença de vinte mil réis, que ficou repartida, 12\$000 réis para Pedro António Avondano e 8\$000 réis para D. Maria Joana Avondano, a cada um dos quais se passou o respectivo padrão.

O documento é datado do Palácio de Nossa Senhora da Ajuda, 12 de Maio de 1767.

É porém sabido que esta renúncia não podia ter realidade, sem primeiro se instaurar um processo pelo qual se provasse que Pedro António Avondano tinha os requisitos exigidos para entrar na Ordem de Cristo. Foi o que se fez. Pedro António Avondano, sujeitando-se às formalidades, requereu que se procedesse ao exame das suas habilitações e que se lhe tomasse o respectivo depósito. A petição teve o competente despacho, a 15 de Junho de 1767, sendo-lhe determinado que depositasse a quantia de 50\$000 réis.

No requerimento declara Pedro Avondano que nascera em Lisboa, que fôra baptizado na freguesia das Mercês, que morava ao cabo da Rua da Cruz, e que era filho segundo de Pedro Jorge Avondano. Seu pai, baptizado na freguesia de S. Nicolau Magno da Villa de Novi, na República de Génova, viera aos dezanove anos para Lisboa, onde se casara, na freguesia da Encarnação, com D. Maria Luísa Lompré, baptizada na freguesia de S. Paulo. Pedro Jorge, seu pai, residira sempre na Côte até morrer.

Entre as testemunhas que depuseram no processo, aparece um tal Manuel da Silva, barbeiro, que disse que Avondano «dava casa de baile público na sua residência à rua da Cruz».

Frei Vicente de Jesus, de 73 anos de idade, terceiro franciscano e Mestre da Capela do Convento de Jesus, depôs nos seguintes termos: que Avondano «ganhava a vida com a rabeca (que seu pai lhe tinha ensinado) tocando-a em tôdas as funções, para que era chamado, tanto eclesiásticas como seculares; que havia anos a esta parte que dava na própria casa onde assistia baile público aos estrangeiros e nacionais, recebendo ao tempo em que era chamado para as ditas festas a quantia de dinheiro por que se ajustava, e que também era rabeca da Câmara de Sua Majestade. Ouvira dizer que seu pai viera das partes da Itália para esta corte e que, por ser grande tangedor do dito instrumento, lhe fizera mercê el-Rei D. João V, do lugar de rabeca da sua câmara, que sempre exercitara, o mesmo em tôdas as

festas das igrejas e nas assembleias, por espórtulas que recebia, tendo ao mesmo tempo a habilidade ou arte de fazer consertar todos os instrumentos de cordas e órgãos, os quais vendia».

Seguiram-se outras testemunhas, que nada mais adiantam ao que fica dito.

Pedro Avondano nasceu em 1714, como se prova do assento do baptismo: «A dezesseis d'Abril de mil sente (sic) centos e quatorze baptizei Pedro, filho de Pedro Jorge Avondano e Donna Maria Luiza. Padrinho Pedro de Castro, trabalhador». À margem do texto está a seguinte nota: «Este Pedro he filho de Pedro Jorge Avondano e sua mulher D. Maria Luiza, fez esta declaração em virtude de uma sentença de justificação, que fica no cartorio d'esta freguezia. Sete de Julho de 1752. O cura Joaquim Ribeiro de Carvalho».

Os termos do baptismo e principalmente a nota à margem fazem suspeitar de anormalidade no caso, anormalidade que de facto existiu. Pedro Jorge Avondano não era ainda casado legitimamente, o que só fez no dia 11 de Fevereiro do ano seguinte. Pedro António Avondano, segundo consta dos assentos da Irmandade de Santa Cecilia, faleceu em 1782.

Os seus minuetes foram muito apreciados, especialmente pela colónia inglesa, que mandou imprimir uma colecção d'elles.

(Cf. Sousa Viterbo, *Ob. cit.*, págs. 65 a 76, e Mário de Sampayo Ribeiro, *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, págs. 78 e 79).

— (165) Em a nota 76, quando remeti o leitor para Ernesto Vieira, por causa da naturalidade portuguesa de Francisco Guerreiro, não me ocorreu que o caso pudesse ter novas raízes no trabalho de Mazza.

Este Pedro Fernandes faz parte da teia que Barbosa Machado, na melhor fé dêste mundo, engendrou com base na tradução de *El viaje de Jerusalem que hizo Francisco Guerrero, racionero y maestro de la Sancta Iglesia de Sevilla*, aparecida em 1734, na qual, não se sabe por que bulas, o tradutor se lembrou de acrescentar ao título a fantasiosa naturalidade de bejense do famigerado sevilhano.

Barbosa Machado, conhecedor de vários pormenores biográficos de Francisco Guerreiro, em face da afirmação rotunda de êle ser natural da cidade de Beja, desatou a compor as coisas e viu-se na necessidade de transmutar em bejenses a Pedro Guerreiro, irmão mais velho de Francisco, e a Pedro Fernandez de Castilleja, seu grande mestre. José Mazza, arrimando-se a Barbosa Machado, desdobrou a notícia de Francisco Guerreiro e assim surgiu êste «Pedro Fernandes que julgamos ser natural de Beja».

Trata-se, como é óbvio, de Pedro Fernandez de Castilleja.

(166) O nome exacto é Pedro da Fonseca Lúzio, e não Lúcio.

— (167) É Pedro Guerrero, irmão de Francisco Guerrero. Veja-se a nota n.º 165.

(168) Sobre Pedro do Pôrto e seu famoso motete é indispensável consultar o estudo de Mário de Sampayo Ribeiro, *Sobre o fecho do «Auto da Cananeia»*, Lisboa, 1938.

(169) Pedro Talesio é hoje talento muito discutível, porque a sua famosa «Arte» é apenas filha da eruditíssima e famosíssima obra de D. Pedro Cerone, *El Melopeo y Maestro* (Sampayo Ribeiro, *A Música em Coimbra*, pág. 23).

Quanto a ter sido o introdutor nestes reinos da Música de coros, também é hoje considerada afirmação arrojada e mentirosa (Idem, *Loc. cit.*).

Sucedeu a Pedro Correia na cadeira de lente de música da Universidade de Coimbra.

Por ter interesse a muitos respeito transcrevo o documento que segue:

«Fez petição a Vossa Magestade neste tribunal Marianna Thalezia, filha de Pedro Thalezio, defuncto, lente que foi da cadeira da Musica da Universidade de Coimbra em que dis que o dito seu pay leo a dita cadeira desoito annos com muita satisfação por ser eminente na sciencia, por cujo respeito lhe fizerão a cadeira per-

petua em sua pessoa e foi acrescentado em des mil réis mais cada anno e por que ficou muito pobre e não tem com que se sustentar e he casada como Pedro de Sousa Vasconcellos, homem nobre e tão pobre que não tem nada de seu.

Pede a Vossa Magestade, que tendo a tudo respeito e custumar sempre a semelhantes pescas fazer merces de tenças em sua vida nas rendas da Universidade, lhe faça Vossa Magestade *mercê* de lhe mandar dar alguma útil para ajuda de sua sustentação.

O Reitor e deputados da fazenda da Universidade, a quem, como se custuma, se pedio informação e parecer, informão que não há razão para se fazer a Mariana Thalesia a merce que pede, porquanto não ha exemplo algum de Vossa Magestade nem os senhores reis seus antecessores a *haverem* feito a nenhum mestre de canto, nem aos filhos dos lentes das outras sciencias, e somente se fizerão e fazem às viúvas dos mesmos lentes, e ainda a estas se negarão muitas vezes.

A este tribunal pareceo que tendo Vossa Magestade respeito ao que Mariana Thalesia allega e ser justo que por filha do seu pae, tão benemerito, receba alguma meroê, lha faça Vossa Magestade dos dez mil reis que seu pae tinha de acrescena-mento pagos nas rendas da Universidade, e isto em sua vida somente, e ao doutor Sebastião de Carvalho parece o mesmo que ao Reitor e Deputados da fazenda, por não ver razão que obrigue a fazer semelhante exemplo em dano das rendas da Universidade. Lisboa 20 de dezembro de 629. = Tinoquo. > (Torre do Tombo, *Mesa da Consciência e Ordens*, registo de Consultas 1628 a 1630, n.º 19 de ordem, fol. 142 in Sousa Viterbo, *Ob. cit.*, pág. 537 e seguinte).

Não sei se a filha de Pedro Talésio lograria seu intento; o certo é que o Reitor e deputado da fazenda da Universidade não se comoveram com a desdita de Mariana Thalesia.

(170) Ouçamos Manuel Joaquim:

«A sua passagem pela Sé de Elvas só pode ter sido de 1694 a 1697, porque, da primeira data, temos documento do Padre António Gonçalves, na posse do lugar de mestre de capela, e sobre a última, Ernesto Vieira é muito claro quando diz: «voltando depois, em 1697, a Évora para substituir Melgago (*ahás Melgaz*) então enfêrmo, tornando-se seu sucessor quando este faleceu em 1700.»

Através de manuscritos do século XVII deparou-se-nos o registo do casamento de um Manuel Vaz com Brites Lopes, que, por certo, são os pais do músico, que é objecto dêste estudo, apesar de não figurar em tal registo o sobrenome Rêgo.

«Aos tres dias do mes de março de mil e seis centos e sinquenta e oito annos recebi in fasie ecclesie na forma do sagrado Concilio trid.<sup>ni</sup> a manoei uas com Breatis lopes foram testemunhas João senteno (?) e o sargento maior Rogero e otros, O Prior fernão Gil Castello, — à margem lê-se: Manoel Vaz com Brites Lopes.

(*Livros dos Cazados da Matriz de Campo Maior*, de 1655 (he 1672, fol. 17 v.º).

O registo de baptismo de Pedro Vaz Rêgo é feito em 19 de Março de 1673, como se prova pelo seguinte documento:

«Aos dezanoue dias do mes de março 1673 baptizej e pus os sanctos oleos a pedro f.º legitimo de M.º Uas e breatis lopes forão padrinhos M.º Duarte e M.º Roiz f.º de p.º lopes e o asignej ut supra. O Vig.º Diogo Lopes».

(*Livro de Baptizados da matriz de Campo Maior*, de 1667 a 1678, fol. 117).

E sobre Pedro Vaz Rêgo só podemos dizer que estamos informados de que na Biblioteca Pública de Évora se conservam alguns dos seus vilancicos...

(In *Jornal de Elvas*, n.º 74 e 78, respec.<sup>te</sup> de 14 de Abril e 12 de Maio de 1929).

Como bem notou Mário de Sampayo Ribeiro (in *A Música em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, pág. 62) prova-se que Vaz Rêgo era mais novo três anos do que Barbosa Machado o faz, e fica a depreender-se que não deve ter sido mestre de capela em Elvas.

Dada a referência feita por Manuel Joaquim ao Padre António Gonçalves, julgo de interesse arquivar aqui as notícias que o consciencioso investigador deu a respeito do sucessor do Padre Mestre Francisco Martins (*Jornal de Elvas*, n.º 64, 65 e 74, série VI, respectivamente, de 27 de Janeiro, 3 de Fevereiro e 14 de Abril de 1929).

Eis os documentos que o identificam como mestre de capela da Sé de Elvas:

No *Liuro onde se escrevem os assentos dos dobres dos sinos da S.ª Sé desta cidade de Elvas e as couas q se abrem nella*, de 1660 a 1700, a fol. 68 v.º, e no mês de Fevereiro de 1694, lê-se:

«Em 8, mil e trez.ºs rs. dos sinos pela mai do m.ª da cap.ª... 1300.»

No *Livro de defuntos de S. Pedro*, de 1686 a 1724, a fol. 140, encontra-se:

«Beatris Gonçalves v.ª mai do P.º Mestre da Capella da Se desta cid.ª desta freg.ª faleço em sinco de Fev.º de mil e seis centos nouenta e quatro recebeo todos os sacramentos não fes testam.º enterrouse na se e por ver.ª me assignei Elvas dia de sup. a) *Fernão Miz Soares Prior*.

No *Liuro dos inuentarios da Santa See delvas*, de 1672 a 1690, a fol. 57 v.º, e referente ao ano de 1685, encontra-se a seguinte passagem:

«Outo quadernos de Responsorios de Duarte lb.º estão em poder do Reuerendo mestre da Capella que de como os tem em seu poder assignou aqui

a) *O Mestre An.º glz.*»

Estes oito cadernos de Responsórios de Duarte Lôbo são os mesmos que o P.º Francisco Martins tinha em seu poder e a que fizemos referência na sua biografia.

O último documento com assinatura do P.º António Gonçalves, como mestre de capela, é do ano de 1694 e encontra-se no *Liuro dos Inuentarios da Santa See delvas*, de 1656 a 1694, a fl. 78 v. Diz assim:

«Estes liuros de canto de órgão assima ditos q per todos são doze comser-tados de quadernos e folhas de nouo se entregarão ao R.º mestre da Cappella e os tem em casa j de baixo de chaue errecato maior o q p.ª hisso se fez e assignou. a) *O Mestre da Cappella -- An.º glz.*»

Temos citado «Inventários da Sé» de diversos anos, e como nesses inventários há notícias de obras musicais, que, por certo, eram executadas, não resistimos ao prazer de mencionar os monumentos de arte polifónica, que estão registados no inventário de 1678, a fls. 33 e 33 v.º.

Ei-los:

*Dous lb.ºs de Manificas hum de Duarte Lobbo, de pasta, e outro de Magalhais, de purgaminho.*

*Dous lb.ºs com missas de Duarte Lobbo, em pasta.*

*Dous lb.ºs de motetes em pasta hũ de Esquivel, outro de Vit.ª.*

*Hũ lb.º de Inus em pasta de Vitoria está a concertar em Evora*

*Hum lb.º de missas de Magalhais em pasta.*

*Dous lb.ºs de canto de órgão hũ de motetes de Morallez e outro de mão de uesporas que deu o M.º Fran.º Miz.*

*Tres lb.ºs de missas emquadrados em pergaminho de Fr. M.º Cardozo.*

*Outo de Manifica de Fr. M.º Cardozo emquadrado em pergaminho branco.*

*Hũ lb.º de Rogel de canto de órgão.*

O referido inventário, além dos oito cadernos de Responsórios, de Duarte Lôbo, já mencionados no decorrer d'este trabalho, regista ainda:

*2 livros de missas, velhos e rotos, 4 passionarios, 10 livros de procissões, 1 de vésperas velhas, 1 de hinos de todo ano, etc., etc.*

Tudo sem identificação.

Os identificados, porém, dão-nos bem uma idéia do esplendor da Capela da Sé de Elvas, na segunda metade do século XVII.



De tão grande riqueza musical, apenas descobrimos o *Livro de Missas a IV, V, VI e VIII vozes*, de Duarte Lôbo — infelizmente muito estragado — que foi impresso em 1621, na Oficina Plantiniana, de Antuérpia; o *Livro de Magníficas* de Frei Manuel Cardoso, impresso em 1613, em Lisboa, na oficina de Pedro Craesbeck e um *Livro manuscrito*, que talvez seja — esta suposição é motivada por confronto de letra — o de *vesperas q. deu o M.<sup>e</sup> Fran.<sup>o</sup> Miz.*

¿Onde foram parar as jóias de fino quilate da Arte Musical, que o referido inventário menciona? ¿Passou por Elvas alguma horda na qual o vandalismo subia ao zénite?

¿Serviriam essas páginas sublimes, cantadas em louvor de Deus, para carregar as espingardas dos franceses?

*Proh pudor!*

¿Como a nossa alma chora em face de tantos e tantos crimes de lesa-Côrte!

Em 1711 temos ainda notícia do P.<sup>o</sup> António Gonçalves no seguinte documento:

«Aos 14 dias do mes de 9b.<sup>o</sup> de 1711 se aceitou por irmão desta Confraria das Almas o R.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> Mestre Ant.<sup>o</sup> Glz. e deu de esmola 120 Reis e prometeo guardar os estatutos da ditta Confraria de q. fiz este termo q. como escriuão o assignei. Eluas de 9b.<sup>o</sup> 14 de 1711. a) o Bnd.<sup>o</sup> felipe Vieira Tarrinho.»

(Do *Livro dos Irmãos das Almas da St.<sup>a</sup> Sé de Elvas*, fol. 9).

Dias depois já não era — e talvez o não fôsse já em 14 de Novembro de 1711 — mestre de capela, porque no verso da fôlha citada, assina-se mestre de capela P.<sup>o</sup> Domingos Gomes, de quem teremos ocasião de falar.

Temos mesmo de apresentar a hipótese de que António Gonçalves servisse duas vêzes o lugar de mestre de capela, isto para dar lugar a Pedro Vaz Rêgo, citado em obras de musicologia como mestre de capela da Sé de Elvas. Elementos, que falem do seu mérito artistico, não encontrámos nenhuns e, por isso, vamos fechar estas notas com o assento de óbito extraído do *Livro de Óbitos da Sé*, de 1716 a 1741, a fl. 74, e que diz:

«Em o dia vinte e tres do mes de outubro do anno mil sette centos e vinte e sette faleceu na Rua de S. Pedro o R. Antonio Gonçalves quartanario em esta Sêe natural da Villa de Olivença; Recebeu os sacramentos e fes testamento seu Testamenteiro Pedro Furtado seu sobrinho, foi sepultado em esta Sêe do que fis este assento que assignei. a) O Vig.<sup>o</sup> Domingos Pereira Canhão.»

(<sup>171</sup>) Esta notícia sobre Peixoto da Pena é transiadada do Padre João Baptista de Castro — *Mappa de Portugal*, 2.<sup>o</sup> vol., pág. 352.

(<sup>172</sup>) Segundo Joaquim de Vasconcelos (*Ob. cit.*, 2.<sup>o</sup> vol., pág. 187), frei Plácido de Sousa foi professor de música em Lisboa, nos meados do século XVII e mestre de Vitorino José da Costa.

(<sup>173</sup>) Suponho tratar-se de Policarpo José António da Silva. Foi um notável tenor que viveu nos fins do século XVIII. Também compôs trechos de música que exigiam das suas alunas cuidada preparação artistica.

Deve ter falecido nos primeiros anos de oitocentos. (Cf. Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, pág. 324, vol. II).

(<sup>174</sup>) As palavras grifadas estão riscadas no original.

(<sup>175</sup>) As palavras grifadas estão sublinhadas, por outra mão que não a de Mazza, no original.

(<sup>176</sup>) Foi Mestre da Capela do Hospital de Todos-os-Santos, em Lisboa, onde succedeu a Pedro Talésio.

Quando, por morte de Pedro Correia, que fôra nomeado lente de música na Universidade de Coimbra em 13 de Outubro de 1594, vagou aquêlê lugar, Simão dos Anjos concorreu, mas foi preterido.



O caso passou-se como vem contado nos documentos que seguem:

«Fez petição a Vossa Magestade nesta mesa Simão dos Anjos de Gouvea, em que relata que averá nove meses que reside na Universidade de Coimbra, esperando a vacatura da cadeira de musica, que ha dias está vaga, sem se fixarem editos, por aver duvida na qualidade e pesos dos votos e se temer que, vagando a dita cadeira e prouendose em concurso seja possivel ser prouida em pessoa que não tenha as partes que conuem á cadeira e Universidade, por serem os vottos que os statutos assinarão poucos, dos quaes a maior parte não tem conhecimento de musica nem de suas theoricas para poder eleger o cathedratico que conuem, e porque elle he consumado em musica e além de ter seruido em outros cargos de mestre, o foi já da capella do hospital de Vossa Magestade desta cidade e tem todas as mais partes que convem para reger aquella cadeira. Pede a Vossa Magestade, ou lhe faça merce da dita cadeira, achando-se que tem as partes que diz, ou seja seruido que aos vottos que pelos statutos são ordenados para votarem no concurso se acrescentem todos os religiosos ouuintes da theologia, que são as pessoas que na Universidade podem fazer a eleição que convem para a Universidade ser bem seruida.

«Informou o Rector da Universidade que o dito Simão dos Anjos foi religioso de S. João Evangelista e he virtuoso e recolhido e que está actualmente prouido em hua capellania da Universidade, e ainda que tem todas as ditas partes, não he tão eminente que se lhe possa dar esta cadeira de merce, e que neste ponto lhe parece que Vossa Magestade o deue mandar escusar, e que tambem lhe parece que he muito justo que Vossa Magestade dispense no statuto e mande que votem todos os theologos, porque nesta forma se prouera melhor a cadeira que lembra ha muitos tempos está vaga e he necessario prouerse com brevidade e só espera resolução de Vossa Magestade.

«Pareceo que a cadeira de Musica que o dito Simão dos Anjos pede de merce deue Vossa Magestade mandar se lhe não dee e se vague (sic) na forma dos statutos pelas razões que o Rector aponta; e quanto a hauerem de ser vottos nesta vacatura os religiosos cursantes na faculdade de theologia, sem embargo de não serem licenceados em artes e o statuto da Universidade requerer que nos vottos concorra pelo menos este grao, consideradas as utilidades que resukão sendo maior o numero dos vottos e de o serem religiosos que só tem sciencia na musica para poderem julgar quoa de o subjeito mais capaz e benemerito da cadeira, o que nos mais vottos de ordinario não concorre.

«Parece deue Vossa Magestade mandar que os religiosos sejam admittidos a votar, não só no prouimento desta cadeira, que de presente se espera, mais em todas as mais que succeder semelhante vacatura da cadeira de musica e que nesta forma se entenda o statuto, por não ser de inconueniente algum faltar aos religiosos o grao de licenceado em artes, por quanto o mesmo statuto que em todos os estudantes de Theologia requere absolutamente o dito grao para poderem ser admittidos a tomar os mais graos da faculdade de Theologia, nos religiosos declara que sem embargo de lhe faltar o grao de licenceados em artes seão admittidos e que baste trazerem todo o curso ouuido de suas religiões e sendo neste ponto tão substancial os religiosos exceptuados aos mais estudantes seculares, só por utilidade sua justo é que o seão tambem em estoutro, em que a utilidade não he sua mas do ben publico da Universidade e para melhor prouimento da cadeira. Em Lisboa a 29 de novembro de 1611. D. Francisco de Castro. Padre Domingos Ribeiro Cre. J. Ferreira, Belchior Dias Preto, Gaspar Pereira». (Tôrre do Tombo, *Meza da Consciencia e Ordens*, registo de Consultas, de 1611 a 1613, n.º 44 de ordem, fol. 143 v.) in Sousa Viterbo, *Subsidios para a História da Música em Portugal*, pág. 270 e segs.).

Na Biblioteca de Évora, na fôlha 30.<sup>a</sup> do códice que tem a cota CLI  
I-3 existe uma composição da autoria de Simão dos Anjos e que julgo ser a única que

hoje se lhe atribui. Trata-se dum moteto para Domingo de Ramos — *Pueri Haebræorum* a quatro vozes. Está escrita em claves altas e no *Hosanna* modifica o andamento com um ternário. Parece-me ser composição de bom efeito. É bastante simples, notando-se no «Superius», saltos bruscos e intempestivos de quintas e oitavas.

(177) O livro do Bacharel foi impresso em Burgos de Osma, por Diogo Fernandes de Córdova, em 1570 e saíu a coberto do seguinte título: *Vergel de musica spiritual, speculativa y activa, del qual muchas diuersas y suaves flores se puedē coger. Dirigido al yllustrissimo e Reverendissimo Señor don Francisco Tello de Sandoval. Obispo de Osma y del Consejo de Su Magestad. Autor el Bachiller Tapia Numantino. Tratase lo primero con grande artificio y profundidade, las alabanzas, las gracias, la dignidad, las virtudes y prerrogativas de la musica y despues las artes de cantollano, Organo y Contrapunto, en suma y en Theorica... Uf!*

(178) Trata-se do célebre missionário jesuíta que conquistou fama de grande músico na China. Construiu um órgão para o Colégio dos jesuítas em Pequim. Faleceu em 1692 e tinha ido para o Celeste Império em 1680.

(179) Tristão da Silva, ou melhor Tristán de Silva, mau grado o que todos têm dito, na esteira de Barbosa Machado, não era português. Mário de Sampaio Ribeiro afirma (in *A Margem do «Cancioneiro de Manuel Joaquim»*, Lisboa, 1941, pág. 21) que era aragonês e que veio de Tarazona para cá. O mesmo investigador, numa de suas admiráveis crônicas «De Música» publicadas em *Ocidente* (n.º 55, vol. XVIII, Novembro de 1942, pág. 332), voltou a afirmá-lo e a propósito da apreciação da investida do insigne Higinio Anglés contra o pretensu portuguesismo do autor dos *Amables de Musica*. É pena, porém, que, depois disso, ainda o ilustre prof. Luís de Freitas Branco (in *História popular da música*, Edições «Cosmos», Lisboa, 1943, pág. 77) chame a Tristão da Silva «o mais antigo compositor português do estilo vocal acompanhado».

(180) Vicente Lusitano, celeberrimo teórico.

O título da sua obra, que escreveu mais para abrandar o seu rival, é o seguinte: *Introduitione facilissima e novissima di canto fermo, figurado, contraponto semplice, et in concerto, con regole generali per far fughe differenti sopra il canto fermo a 2, 3 e 4 voci, e compositioni, proportioni, generi diatonico, cromatico, enarmonico*. Roma, 1553, em 4.º de 86 páginas, com o retrato do autor.

Sobre o motivo da publicação deste opúsculo e célebre questão com D. Nicolau Vicentino pode ver-se: Ernesto Vieira, *Ob. cit.*, pág. 41 e seguintes do 2.º volume.

(181) Foi discípulo de frei Plácido de Sousa, irmão do Marquês das Minas.

FIM



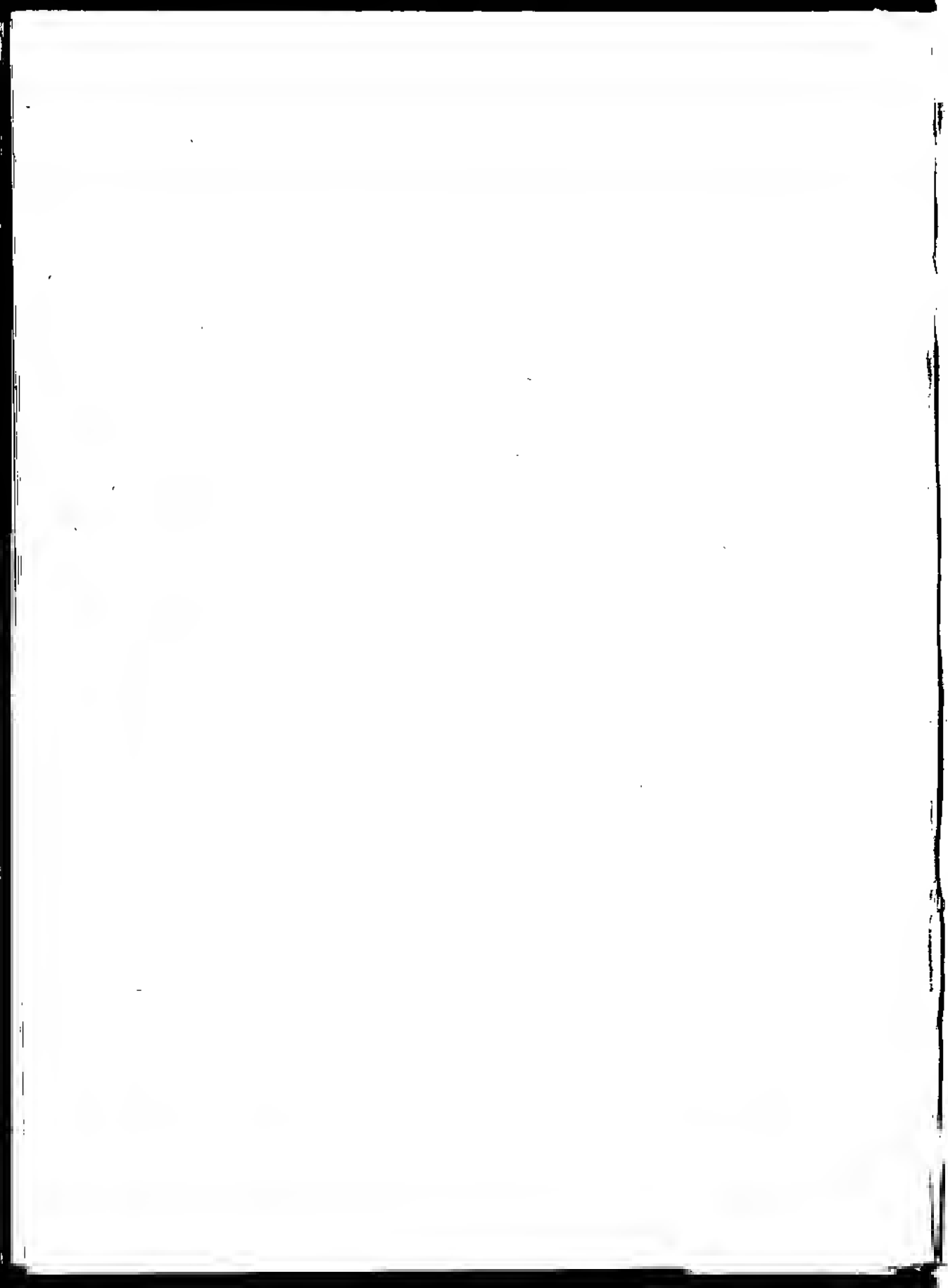
## ÍNDICE

Prefácio . . . . .	5
Dicionário . . . . .	13
Notas. . . . .	41





*Reprodução facsimilada um pouco  
reduzida da 1.ª edição de 1572  
Prefácio e Notas de CLÁUDIO BASTO  
1 volume br. — 25\$00 — encad.º — 35\$00*



ENCADERNAÇÃO  
26-6-1964  
OF 0766378

